

PROJETO FAROL LITERÁRIO

Contando história de Goiás a Paraty.

Coletânea dos Contos ganhadores do
I e II concurso de contos do IF Goiano

WALTON
LIGHTHOUSE



edição 2014

PROJETO FAROL LITERÁRIO

Contando história de Goiás a Paraty.

Coletânea dos Contos ganhadores do
I e II concurso de contos do IF Goiano



edição 2014

© 2015 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IF Goiano

Original disponível na forma impressa ou em formato digital (PDF) onde pode ser encontrado através do endereço eletrônico www.ifgoiano.edu.br.

ISBN 978-85-65871-14-3

Projeto Gráfico

Coordenação-Geral de Comunicação Social e Eventos

Capa e Diagramação: Tainá Cunha Borges

Foto: Somchai Jongmeesuk (www.123rf.com.br)

Revisão: Cláudia Sousa Oriente de Faria

Patrícia Regina Oliveira

Bibliotecário responsável: Johnathan Pereira Alves Diniz

O conteúdo desta obra é público e poderá ser reproduzido integralmente ou em partes, desde que citada a fonte.

O conteúdo e os temas abordados nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores. Eximindo-se assim a responsabilidade legal do Instituto Federal Goiano, sobre possíveis futuras contestações ou quaisquer outras alegações.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seus autores e não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

Nota da edição:

Com o objetivo de preservar a total integridade dos textos encaminhados para a comissão avaliadora do Concurso de Contos, optou-se por manter a redação original dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

INSTITUTO FEDERAL GOIANO

I59p

Projeto Farol Cultural: contando história de Goiás à Paraty - coletânea de contos ganhadores do I e II concurso de contos do IF Goiano / [Organização de] Patrícia Regina de Oliveira; Loraine Vidigal Lisboa. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2015.

130 p., il.

ISBN: 978-85-65871-14-3

1. Literatura Brasileira - Contos. 2. Contos Goianos. I. Oliveira, Patrícia Regina de. II. Lisboa, Loraine Vidigal. IV. IF Goiano. V. Título.

CDU: 821.134.3(817.3)-34

Dilma Vana Rousseff

Presidente da República

Aloizio Mercadante

Ministro da Educação

Marcelo Machado Feres

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

Vicente Pereira de Almeida

Reitor

Sebastião Nunes da Rosa Filho

Pró-reitor de Extensão

Fabiano Guimarães Silva

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Virgílio José Távira Erthal

Pró-reitor de Ensino

Claudecir Gonçalves

Pró-reitor de Administração

Elias de Pádua Monteiro

Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional

Ficha técnica

Organização

Patrícia Regina de Oliveira

Bibliotecária do Sistema de Bibliotecas
IF Goiano – Câmpus Avançado Hidrolândia

Correção e Revisão

Loraine Vidigal Lisboa

Docente da área de Literatura do Câmpus Urutaí

Rosemeire de Souza P. T. Silva

Docente da área de Português e Espanhol do Câmpus Iporá

Sidney de Souza Silva

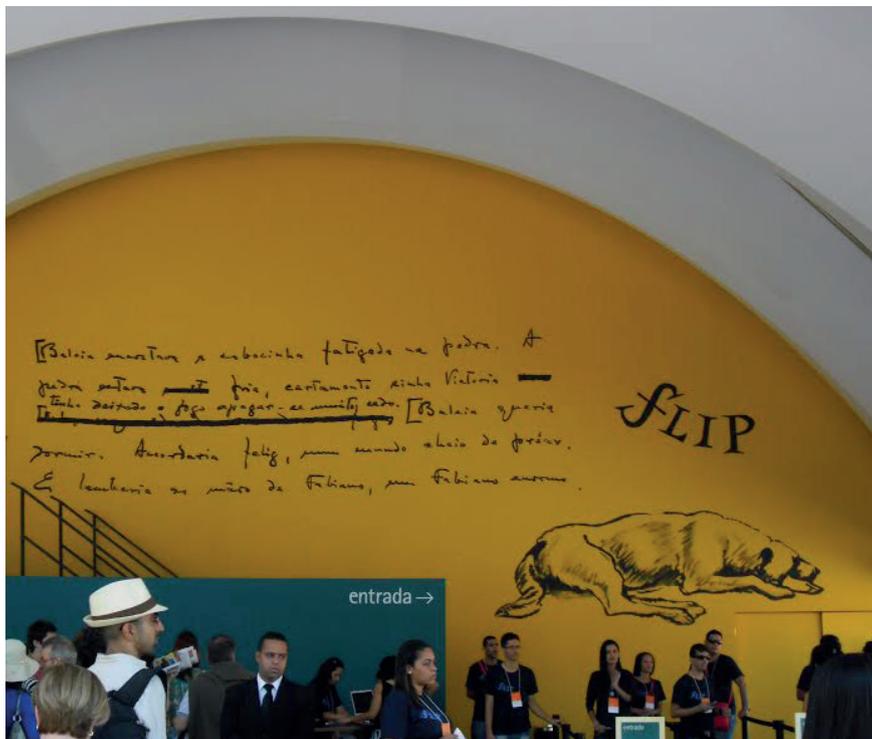
Docente da área de Portugues e Espanhol do Câmpus Avançado
Hidrolândia

Diagramação

Tainá Cunha Borges

Sumário

Agradecimentos	07
Diário de Bordo	09
Antes do Era uma vez...	13
Devaneio Profético	16
Férias inesquecíveis?? Hum!!	21
Folia dos Mortos	23
Imperdoável	29
(Julieta) ²	32
Memórias de uma Alemanha doentia	39
O assassino da noite	44
O Círculo Vicioso	47
O Mundo da Conspiração	51
Dear Diary	58
Diário de Bordo	59
Amanda	63
A curta vida de Butuado	65
Amor Sombrio	69
As verdades dissonantes de Alice Dias	74
Até a meia noite	80
BLIND2	87
Debaixo da Cerejeira	91
Encontrados pelo destino e separados pelo compromisso	95
Insanidade da Vida	99
Meus Devaneios	102
Noite de inverno	110
Toda família tem seu grã-fino	113



[Balain mostra a esbocinha fatigada na pedra. A
pedra estava ~~em~~ fria, certamente ainda Victoria
Tudo desfeito e logo apagar-se unicity ead. [Balain quer
dormir. Anestesia falg, um mundo aldo de poder.
E lembraria os mitos de Fabiano, um Fabiano amoro.

SLIP



entrada ->

Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente, ao IF Goiano pela oportunidade de proporcionar aos nossos alunos, através do Projeto Literário Farol Cultural, esse encantamento, um encontro com a arte, com a literatura em todas as suas manifestações, seja na poesia, no conto, no cordel e em várias vertentes da arte e da cultura representada e vivenciada em duas edições de participação de nossos alunos autores, nos anos de 2013 e 2014 na Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP.

O projeto Farol, que tem como principal objetivo, incentivar e destacar talentos da literatura, contadores de histórias e amantes das letras, começou no IF- Goiano Câmpus Morrinhos no ano de 2013, com o apoio do Diretor Geral, Gilberto Silvério, a quem agradecemos muito, por acreditar no projeto e apoiá-lo desde o começo. Agradecemos, ainda, à Pró - Reitoria de Extensão, na pessoa do Pró Reitor, o Prof. Sebastião Nunes e toda a sua equipe destacando o Prof. Renato Sérgio Mota dos Santos, que abraçaram nosso projeto, em uma grande parceria que permitiu que fossemos ultrapassando as barreiras que apareceram ao longo do caminho.

Assim, o Farol Cultural foi ficando cada vez maior, de modo que na sua segunda edição, conquistamos mais parceiros que tornaram possível a realização deste projeto, são eles, a Pró- Reitoria de Ensino na pessoa do Pró - Reitor Prof. Virgílio Erthal, e sua equipe, na pasta da assistência estudantil. Agradecemos também aos Diretores Gerais dos Câmpus, Professor Gilberto Silvério, Diretor Geral do Câmpus Morrinhos, Prof Gilson Dourado, Diretor Geral do Câmpus Urutaí, Prof. José Junio Souza, Diretor Geral do Câmpus Iporá, Prof. Helber Morgado, Diretor Geral do Câmpus Ceres, Prof. Anísio da Rocha, Diretor Geral do Câmpus Rio Verde.

Agradecemos imensamente, aos nossos Profissionais das áreas de Português e Literatura que compuseram nas duas edições a bancas de seleção dos contos ganhadores, aqui destaco a grande parceira e amiga, Professora Loraine Vidigal, Presidente da Banca na Primeira edição, e as servidoras administrativas da área de Letras, Lísia Neiva e Nádia Nascimento. Na segunda edição tivemos o Professor Sidney Silva como presidente da banca, e como membros os docentes, Rosemeire Souza do Câmpus Iporá, Professora Loraine Vidigal do Câmpus Urutaí e Professor Ronaldo Borges do Câmpus Morrinhos.

Agradecemos ainda às equipes de DAP (Departamento de Administração e Finanças) - do IF Goiano, que em suas responsabilidades administrativas, propiciaram a execução orçamentária para a realização da viagem a FLIP e aqui gostaria de destacar a equipe do DAP de Iporá, na pessoa da servidora Irinéia Silva, que foram excepcionais nos quesitos, prestatividade, eficiência e cuidado no tratamento com os colegas servidores e, principalmente, com os nossos alunos. Finalizando gostaria de agradecer a todos da Ascom (Assessoria de Comunicação) IF Goiano aqui representados pela jornalista Juliana dos Anjos, obrigado pelo apoio, colaboração e parceria desde a primeira edição.

Para finalizar, agradecer muito aos companheiros, equipe do sistema integrado de Bibliotecas, bibliotecários, parceiros amigos, que incorporaram o Farol Cultural ao Sistema Integrado de Bibliotecas, fazendo com ele seja de todos nós.

Então nos resta agora, orgulhosamente apresentar à comunidade do IF Goiano, a segunda etapa do projeto por meio da publicação dos contos, esse livro de coletânea, traz as histórias, os contos ganhadores das duas edições do concurso de contos do IF Goiano, Projeto Farol Literário, assim agora todos poderão viajar na imaginação junto com os nossos autores, e mais uma vez, recontar lindas histórias de Goiás a Paraty.

Patrícia Regina de Oliveira

Presidente da I e II edição do Concurso de contos IF – Goiano
Contando Histórias de Goiás a Paraty



Diário de Bordo

Contando Histórias de Goiás a Paraty

03 de Julho de 2013 – A viagem teve início com o ônibus saindo de Urutaí ao meio dia, levando consigo os vencedores do Campus Urutaí, Emmanuel Roberto, Fernando Mello, Heitor Mesquita, Joathas Cândido e Naiane Maria, além das Professoras Loraine Vidigal e Juliana Furtado. A primeira parada foi na Reitoria do Instituto Federal Goiano. Lá chegando, eles se encontraram com os outros vencedores, Ana Paula Sousa do Campus Iporá, Eduardo Ronny de Ceres e Galileu Silva, Gregório Rodrigues e Jéssica Xavier do Campus de Rio Verde, além de Patrícia Regina, mulher que idealizou isso tudo.

Após o encontro, se reuniram com os representantes do Instituto para um lanche onde receberam as honras. Seguida da cerimônia, deram continuação à viagem.

Passaram por Morrinhos para apanhar mais uma integrante da tripulação, Nadia Gisele. Agora a turma estava completa.

Descendo rumo a Ubatuba – SP, a turma realizou um sarau improvisado dentro do veículo. Os contos vencedores foram lidos, experiências foram trocadas, e muito mais por vontade do que por obrigatoriedade de convívio, as pessoas se conheceram um pouquinho.

Após algumas paradas para alimentação, a nave entrou em uma nuvem escura e gelada chamada “noite na estrada”. O frio era imenso, mas... Nada que uma boa e desafinada cantoria não resolvesse.

E assim foi o começo de uma grande aventura.

04 de Julho de 2013 – O segundo dia começou como se o primeiro não tivesse acabado, talvez pelas poucas horas de sono, talvez pela viagem ter sido contínua. O grupo parou em uma cidadezinha aconchegante do interior de Minas para o café da manhã, combustível à ser gasto nas horas seguintes.

Saindo da cidade, ao subir a serra, pode-se ver a cidade toda tomada por neblina. Bela vista.

Passaram a manhã passando por cidades do interior paulista. Pindamonhangaba... Uma visão de relance da estátua de Monteiro Lobato presente em Taubaté pela janela da condução, e depois seguiram rumo ao litoral.

Quanto mais se aproximavam do destino, mais ansiosos ficavam. Muitos eram marinheiros de primeira viagem e seria a primeira vez que viam o mar.

Houve um pequeno atraso ao descer a serra, pois os motoristas erraram a via. Nada muito grave.

Depois de muitas voltas, pode-se avistar longe uma estreita faixa azul que surgia entre a vegetação e crescia a cada momento. Entusiasmo talvez seja a palavra adequada para descrever o que muitos deles sentiram.

Finalmente litoral... Finalmente Ubatuba... Pousada Farol do Itaguá... Banho...

Roupas limpas... Mas nada de descanso! Havia um mundo novo a ser explorado.

Antes de qualquer coisa, procuraram uma agência bancária, e ao encontrar...

Problema! Parece que alguém não fez seu trabalho como deveria e Eduardo enfrentou dificuldades. Graças as protetoras da viagem, contornaram essa situação com facilidade.

Almoçaram em um restaurante de frente para o mar, e após isso caminharam pelo calçadão. Como nem tudo são flores, os viajantes puderam perceber os efeitos negativos da ação humana em uma das praias. Cena horrível de poluição!

Gregório, estudante de Ciências Biológicas, propôs uma visita ao projeto TAMAR, o que acabou não sendo possível. De qualquer forma, eles tiveram uma básica noção das dimensões, e importância do projeto.

Após a visita frustrada, decidiram fazer o que tanto queriam. Ir à uma praia saudável.

Ao chegarem na Praia Vermelha foi imensa a emoção, mesmo para quem já conhecia o Atlântico de longa data. A areia fina invadia o vão entre os dedos dos pés, as ondas eram formadas provocando ruído agradável e o cheiro salgado invadia as narinas e os sentidos. A água salgada então entrou em contato com a pele daqueles seres que viviam a situação como um rito de purificação.

Passaram a tarde toda ali, depois voltaram à pousada para um banho, descanso e brincadeiras na sala de jogos. Saíram outra vez para comer, e assim se encerrou o primeiro dia em Ubatuba.

05 de Julho de 2013 – Embora o dia anterior tenha esgotado os viajantes, as camas da pousada cumpriram bem sua função. Na manhã do dia 05 todos estavam super animados para conhecer a Festa Literária Internacional de Paraty. Chegando buscaram informações e localizações. Decidiram de quais mesas iam participar e se espalharam para aproveitar tudo o que conseguissem daquela festa. Viveram situações agradáveis, individual ou coletivamente, inclusive, ter contato com alguns autores.

Percebia-se claramente os escambos culturais. Havia gente de todo o lugar do Brasil e do mundo. Todos que ali estavam tinham algo a ensinar, e muito, muito mais a aprender.

A festa é como a caixa de Pandora, essência escapa para todos os lados. Talvez ainda estivesse mais intenso por conta da efervescência política pela qual o país

passava naquele ano marcado por manifestações populares. Manifestações que foram temas de debates, dentro e fora das tendas.

Descrever todos os passos dados aquele dia é tarefa quase impossível, pois o grupo se dividiu e cada um foi para um lado, viver sua própria aventura.

No fim do dia retornaram para Ubatuba, cansados, mas com muito conhecimento adquirido.

Mais uma vez a fome apertou e dessa vez, as vítimas foram as tradicionais pizzas paulistas. Ao as devorar, constataram que são realmente deliciosas.

“Piquenique na praia a noite?”

“Por que não?”

Foi exatamente isso o que fizeram. Guloseimas, toalha na areia e uma aposta peculiar dos garotos (entrar no mar às 00:00 horas) marcaram o fim do dia.

06 de Julho de 2013 – No quarto dia de viagem o destino era novamente Paraty. Ficaram a manhã toda caminhando pelas ruas de pedras da cidade. Pela tarde fizeram um passeio turístico até Trindade. Pelo caminho ouviram informações e curiosidades das duas cidades. Chegando em Trindade, fizeram uma trilha para acessar uma das praias.

Tarde marcada por brincadeiras, sol, água e novos sabores.

Ao fim do dia, voltaram à Paraty para assistirem a uma última mesa.

Na volta para o micro-ônibus, aconteceu algo que pra muitos foi o ápice da viagem. Concordaram com o que estava escancarado desde o primeiro momento em que pisaram na cidade. Não desmerece-se a parte “oficial” da festa, todas aquelas tendas e eventos, mas é na rua que a festa se concretiza de fato.

Em uma esquina, artistas de rua realizavam sua performance, e abriam espaço pra os que desejavam demonstrar a sua. Músicas de todos os gêneros e tempos foram executadas pelo grupo e por transeuntes que se uniam aos artistas para festejar a pluralidade. Os últimos momentos em que o grupo ficou com os artistas foram marcados por uma quadrilha improvisada, com direito a chuva, túnel e ponte quebrada. Euforia total! Marco de despedida da festa e de Paraty...

Após isso regressaram à pousada, para se prepararem pra viagem de volta.

07 de Julho de 2013 – Saíram de Ubatuba antes do almoço. Sentiam na pele a força da expressão “tudo o que é bom dura pouco”.

Após a parada para alimentação, realizaram uma dinâmica muito interessante proposta pela professora Loraine Vidigal. Nesta dinâmica, pegava-se um bombom de sua preferência dentro de uma caixinha, dizia-se o que mais gostou na viagem, e a presença de quem mais fez a diferença, então entregava-se o bombom pra pessoa, dava-se um abraço, beijos, e quase sempre lágrimas escorriam pela face.

A cada quilômetro rodado mais se sentia saudade de algo que não tinha nem mesmo se acabado. Aquela estranha sensação de que deixavam algo importante para trás também era sentida, mas também, uma sensação de dever cumprido tomava conta de todos, principalmente, das responsáveis. Sabiam que viveram uma experiência mágica, e que isso ficaria nítido na memória por um bom tempo.

Antes do Era uma vez...

Por Gregório Marques Rodrigues – Câmpus Rio Verde

Tinha levantado cedo. Era sábado e o dia estava com um clima ameno. O curso de informática era às sete horas e ele não se podia atrasar. Já tinha faltado o sábado anterior. Vestido com a roupa do dia passado, saiu da cama, calçou o tênis, escovou os dentes, pegou a bicicleta, abriu o portão e começou a pedalar.

Com uma das mãos segurava o guidão e a outra comia um pedaço de pau que tinha pegado às pressas na vasilha de pão. Andava devagar, olhando o sol nascer das seis e pouco. A escola ficava a aproximadamente meia hora de bicicleta a pedaladas firmes, mas Lucas sempre ia bem devagar olhando o sol se moldar atrás das casas e os poucos prédios de sua cidade.

Lucas era um rapaz de dezesseis anos. Era um pouco alto, moreno claro, olhos castanhos escuros, sobrancelhas grossas, usava aparelho e o cabelo era lambido. Conversava muito, era bem espontâneo e fazia amizade com todos que conhecia. Mas, era fechado para sua família, não se abria com ela.

Quando terminou o pão, começou a pedalar mais rápido para sentir o vento passar por entre as orelhas. O barulho que o vento fazia ao pedalar rápido era excitante. Não havia movimento algum. Nenhuma pessoa, nenhum carro ou moto. Só ele na rua pedalando. De repente, quando estava quase chegando à esquina, do nada surgiu um Chevette prata que fez a curva e o fechou no acostamento. Ele rapidamente bateu no chão e pulou para a calçada, mas perdeu o equilíbrio e caiu numa parte que era de terra. Caiu de lado. A bicicleta só sofreu uns arranhões nas luvas do guidão, mas Lucas ficou todo esfolado nos joelhos, cotovelos, braços e mãos.

No chão ainda, viu que o carro tinha parado alguns metros à frente e, com muito custo, levantou do chão e já foi caminhando até o carro para chutar o retrovisor do passageiro. Quando já ia tomar impulso pra chutar o retrovisor, olhou no banco do passageiro e viu

uma mulher maravilhosamente linda. Parou e ficou a contemplá-la. Ele viu que ela usava um vestido branco liso sem qualquer bordado ou enfeite. Não sabia que tecido era, mas com certeza era caro. Seu cabelo era de lindos cachos pretos que refletiam a luz fraca do sol que teimava em aparecer e caía até os seios. Seu rosto era de tal forma angelical que pensou que fosse um anjo. Quando ela olhou em seus olhos, reparou que os dela eram verdes como a água das praias que ele tinha visitado na casa do tio no ano passado. Ela não usava joia alguma. Somente o vestido puro e limpo que realçava ainda mais a sua beleza. Olhando-a com mais atenção reparou que ela estava grávida, no final da gravidez.

O rapaz nem havia percebido, distraído com a linda mulher, que o homem que estava no carro, com certeza o seu marido, estava olhando a bicicleta e vendo se ele estava bem. Nem o viu descer do carro. Ele vestia um terno faltando o blazer em tons claros de branco e azul. Estava com cara de preocupação. Como se algo ruim pudesse acontecer. Lucas voltou a fitar a mulher no banco do carro. Outrora a face angelical se tornou um rosto de dor e sofrimento. Ela colocava as mãos em sua barriga e a segurava se inclinando pra frente de agonia. O vestido se tingiu de vermelho sangue. O homem ao ver aquela cena se desesperou e pediu ajuda àquele rapaz tão sem reação na vida. Com uma força que veio de suas entranhas, moveu seus lábios e perguntou:

– O que faço?

– Deite o banco do carro, vou pegar um lençol no porta malas – respondeu o senhor com uma voz que carregava certo tom de autoridade e respeito. Lucas abriu a porta do passageiro. A mulher não disse uma palavra enquanto ele abaixava seu banco. Nem acreditava no que via, mas estava ajudando em um parto. O homem voltou com um lençol branco e do mesmo material do vestido da mulher. Pediu para que Lucas segurasse o pano e entregasse quando ele pedisse. Ao lado do carro, e meio sem jeito, Lucas viu e escutou em alto e bom som a mulher gritar de dor enquanto seu marido segurava sua mão, enquanto gritava:

– Força.

Após vários gemidos e gritos da mulher, um grito diferente é escutado. Um choro de uma criança recém-nascida chega aos ouvidos de qualquer um que estivesse ali por perto naquela hora. Mas somente os três contemplaram aquela cena. O homem pediu o pano e Lucas entregou rapidamente a ele. Enrolou a criança e agradeceu com pressa. Como se tivesse que fazer outra coisa logo em seguida, com certa urgência. A mulher ficou com cara de alívio. Estava cansada, mas sua beleza angelical voltava ao rosto aos poucos, mesmo com o suor em sua testa. A criança era uma linda menina que lembrava o angelismo da mãe. Os mesmos tons de pele e cor de cabelo ela tinha. Os olhos estavam fechados, mas com certeza deveriam ser como os dela.

Em meio a abraços e desculpas pelo acidente, se despediram. Lucas nem lembrava mais de seus machucados que já nem doíam muito. Pegou sua bicicleta e foi empurrando até a esquina.

Olhou para trás e não viu mais o carro, mas uma carruagem prata e dourada puxada por quatro cavalos, dois marrons e dois brancos. Num estalo de chicotes, os cavalos começaram a andar e correram pela rua. Mas em um salto saíram andando pelo ar e foram subindo aos céus. Subiram e subiram mais e mais. Lucas ficou olhando pasmo aquela cena boquiaberto. Olhou tanto para cima que começou a sentir vertigem. A carruagem subiu e, como se uma porta imaginária se abrisse no céu, sumiu. Mais um Era uma vez começou.

Matinhos

Devaneio Profético

Por Emmanuel Roberto de Oliveira - Câmpus Urutaí

Caminhava a passos lentos ao lado de Suzana. Nós estudamos em uma escola de tempo integral, e temos apenas duas horas de intervalo para almoçarmos e descansarmos até o próximo turno. Desde que eu a conheci, me encantei, mesmo ela se mostrando infantil às vezes. Talvez é isso que me chama atenção nela. Ela não é uma criança crescida, apenas leva a essência de uma. Pelo menos, ao meu ver é assim.

Caminhávamos em direção a um lugar que costumo chamar de Pequeno Vale. Por sempre citar este ambiente, despertei a curiosidade da moça. Depois de algumas perguntas dela sobre o lugar, a convidei para conhecê-lo. Este era o pretexto perfeito para tomá-la de seus amigos por aquele intervalo.

No caminho, nossas mãos se tocaram algumas vezes, graças aos seus movimentos rápidos e brincalhões. Em determinado momento, nossos mindinhos chegaram a ficar entrelaçados, mas o enlace se desfez rapidamente. Talvez por vergonha da parte dela, talvez por insegurança da minha.

O Pequeno Vale nada mais é do que um lugar gramado debaixo de um frondoso Flamboyant no Pavilhão Natural da escola, que se localiza ao lado dos pavilhões onde se encontram as salas de aula. Como a velha árvore tinha raízes grossas e em grandes números, no chão se formava uma pequena elevação, com pico mais alto localizado no pé do tronco.

– Chegamos! – exclamei empolgado.

– Então... Este é o Pequeno Vale? – perguntou Suzana, talvez num tom de ironia, que considere apenas como mais uma de suas brincadeiras.

– Não. – disse-lhe tirando um lençol com um dos lados meio sujo de dentro de minha mochila e estendendo-o entre uma greta de raízes, grande o suficiente pra nos acomodar. – Este é o Pequeno Vale.

Ela sorriu. Tiramos os sapatos e nos acomodamos em cima do lençol, usando as raízes como encosto para a cabeça.

– Aqui é lindo. – disse Suzana.

– Sim, é realmente bonito. Como já lhe disse, meu lugar preferido

nesta escola. Quando não me encontrar em nenhum outro canto, me procure aqui, é quase certeza que estarei.

Ficamos alguns instantes sem falar absolutamente nada. Passavam milhares de coisas em minha cabeça.

Suzana, de repente, começou a demonstrar impaciência. Eu percebi, e perguntei se havia algo errado, ela respondeu que estava ficando com fome. Eu temia que isso acontecesse, por isso trouxe um vasilhame de plástico com sanduíches naturais e suco de graviola numa garrafa. Suzana fez uma expressão de espanto quando tirei aquilo de dentro da mochila.

– Como soube que gosto disso? – perguntou Suzana apontando para os sanduíches e para o suco.

– Não soube. Eu gosto, por isso trouxe. – respondi, deixando parecer que tinha levado sem nenhuma intenção, mas na verdade, eu soube por meio de Larissa, melhor amiga de Suzana, que aquele era seu lanche preferido.

– Então é seu, fique e coma, eu vou pra fila do almoço. – disse Suzana.

Naquele momento fiquei sem entender o que ela sentia. Talvez ela só estivesse brincando, mais uma vez.

– Podemos dividir. – propus. Nós nos olhamos e num gesto de aprovação, Suzana abriu um sorriso de canto de boca, que desencadeou várias risadas minhas e dela.

Comemos parte do lanche, ambos nos enchemos rápido, não somos de comer muito. Isso nos deu mais tempo pra estarmos juntos no Pequeno Vale. Guardei os vasilhames na mochila e retirei meu *notebook*. Com um pouco de sorte, a bateria estaria pelo menos metade carregada, isso nos daria quase uma hora e meia de música. Selecionei uma de minhas *playlists*, que continha de *Hard Rock* a MPB.

Deitamos novamente, apoiando nossas cabeças nas raízes. Os ventos de outono ao mesmo tempo derrubavam as flores, e as faziam dançar no ar, isto misturado às ondas sonoras, agora *New Wave*, que emanavam do aparelho, criavam um ambiente gostoso e confortável.

Não dizíamos nada, simplesmente aproveitávamos o momento. Os raios de sol tocavam os ruivos cabelos de Suzana, dando-lhes um brilho encantador, que eu observava, considerando algo quase divino.

– Como descobriu este lugar? – perguntou Suzana.

– É uma longa história. – respondi.

– Temos tempo.

– Tudo bem... Tudo começou numa cinzenta manhã de segunda, no meu primeiro ano aqui. Eu sempre ficava muito só, ninguém nunca reparava em mim, e isso ficou pior depois que me matriculei nesta escola. Eu literalmente vagava, sem rumo nem direção, até que conheci uma pessoa que me notou, e me ensinou que nunca estamos sozinhos, o vento sempre nos toca, e ele sempre traz coisas novas dos lugares por onde passou. O vento nos empresta a sensação de libertação além de nos mostrar que não existe uma direção correta se quisermos ir além, e este é um bom lugar pra sentir o vento.

– Nossa, filosofou! - respondeu Suzana num tom ironicamente inocente.

Cerrei as sobancelhas, não entendi muito bem por que ela disse aquilo, e me senti meio constrangido. Suzana, percebendo o gesto, tratou logo de se redimir:

– Desculpas, não quis ofender. Mas realmente existe muita coisa dentro de você.

– Obrigado... Eu acho.

– Por que acha? Tem que ter certeza.

– Não sou seguro de muita coisa.

– Devia passar a ser. Isso não te levará a lugar algum e se continuar desse jeito, vai desperdiçar seu potencial

Mesmo sendo simples e objetivas as palavras de Suzana, senti forte sabedoria e sinceridade nelas.

– Tentarei! – afirmei.

– Imagine se Psique simplesmente não fosse insistente e segura de si? Talvez hoje ela não seria uma deusa.

– Isso é mitologia. – exclamei dando risadinhas.

– E você gosta... Não é? – perguntou Suzana fechando os olhos e abrindo num gesto extremamente fofo.

– Sim sim. Gosto bastante. Acredito que faz bem ter exemplos de como agir em situações difíceis, e você citou uma narrativa que se encaixa perfeitamente na situação. – respondi.

– Psique é minha deusa favorita. Ela se apaixona pelo próprio amor, e luta pra ficar junto dele.

Parei para prestar atenção no que Suzana dizia. Aquilo fazia muito sentido. Deve ser difícil amar um sentimento, e, mesmo que a história não fosse literalmente aquela, parei para refletir naquele ponto de vista.

– Você lutaria por uma paixão? – perguntei a ela.

– Claro que sim, você não?

Perguntas que respondem me encantam. Cada gesto de Suzana parecia completar minhas expectativas. Fiquei mudo por um minuto, só depois de pensar um pouco em uma resposta afirmei:

– Estou fazendo isso agora mesmo!

Nós dois sorrimos. Foi um gesto homogêneo, terno, límpido... Suzana disse que as raízes estavam desconfortáveis, e me pediu que pudesse apoiar a cabeça em meu ombro. Abracei-a com meu braço esquerdo, e ela deitou entre meus bíceps e meu pescoço passando sua perna esquerda entre as minhas, e colocou sua mão espalmada em cima do meu peito. Coloquei minha mão direita em cima da de Suzana e então elas se entrelaçaram. Tudo o que se podia ouvir era o cantar dos rouxinóis, o farfalhar dos galhos, a batida leve e envolvente de uma canção montenegra e uma brisa a soprar forte e fresco nos trazendo as mais diversas sensações e nos obrigando a ficar cada vez mais perto um do outro.

A brisa era agora uma ventania, que espalhava pétalas de flor e folhas por todos os cantos. Não ligávamos, estávamos protegidos pelas mini montanhas, e então ao som de Bandolins nos abraçamos fortemente, apertando-nos o máximo o possível. Suzana ergueu sua cabeça e a dirigiu em direção à minha. Seus lábios se encontrariam com os meus, então fechamos os olhos.

Ao ter minha visão escurecida, escutei algo além da música, do vento, dos galhos, dos pássaros e do coração de Suzana. Eram fortes batidas. Ainda com os olhos fechados, percebi o que tinha acontecido. Tudo não passara de um devaneio profético, que eu temia, nunca se realizar graças à minha incapacidade comunicativa e à minha timidez.

Abri os olhos e me assustei com meu próprio reflexo pálido, em meia luz, no espelho que estava em minha frente. Enquanto lia, me debrucei sobre a banquetta de estudos improvisada, montada na penteadeira do quarto de visitas da casa de minha avó, onde fui passar o final de semana.

As batidas eram de meu tio, que chegando da boemia, esbarrou nos

móveis da sala até chegar ao quarto. – Maldita hora de chegar! – pensei levantando da cadeira e me dirigindo até a cozinha, onde deixei água no fogo para preparar café.

Não consegui mais adormecer. Ideias passavam rapidamente pela minha cabeça. O dia amanheceria e eu iria então pra escola, lá poderia me encontrar com Suzana, e executar o plano que fiz em inconsciência.

Ao amanhecer, fui para a escola, com a esperança de finalmente criar coragem de conversar com Suzana, e ter finalmente a profecia realizada. Eu sempre amanhecia cheio de expectativas.

Após as quatro aulas da manhã, teria o tempo do intervalo do almoço pra falar com Suzana. Saí da sala na esperança de encontrá-la sozinha em algum corredor. Indo em direção ao Pavilhão Natural, atravessei o corredor principal, e pude vê-la no corredor paralelo, indo em direção contrária, de braços dados com seus amigos. Desanimado e com expectativa negativa, fui para o Pequeno Vale. Enquanto comia os sanduíches, tomava o suco de graviola e escutava músicas em meu *headset*, pensava: “Quem sabe amanhã a profecia não se realiza?”

Zero

da mãe e as aventuras com o “Muuuuuuuuuuuuuuuuuuuu” apenas nas recordações de sua infância, mas, sempre que retornava à casa materna, se lembrava daqueles episódios que, para sua mãe, não passavam de uma maneira de fazer a filha ficar quieta e de certa forma, fazê-la rir do pavor da criança, e, para a menina, era sua própria história. De repente, Mariana arregalou os olhos e visualizou, através de uma fresta da porta, o “Muuuuuuuuuuuuuuuuuuuu”. Apavorada, quis correr, mas, suas pernas não lhe obedeciam. Então, ele abriu a porta com uma chifrada bem forte e um barulho estrondoso, e... “muuuuuuuuuuuuuuuuuuu”. Ela se desesperou, queria gritar, mas, estava muda de pavor. Ele foi se aproximando, mais e mais, e, literalmente, soltando fogo pelas ventas, dizia a ela que iria levá-la para o mesmo lugar ao qual levou todos os curiosos que leram aquele diário, nos últimos trezentos anos, e olha que não foram poucos. Zombou, ainda, dizendo: você, Mariana, não ficará sozinha, dando uma gargalhada estarrecedora. Mariana começou a chorar desesperada, se debatendo, no afã de se desvencilhar daquelas garras pavorosas. Ficou gélida, então sentiu um toque no seu braço, sacudindo-lhe e dizendo: acorda, acorda, você está atrasada para o jantar.

Girassol



Folia dos Mortos

Por Galileu Silva – Câmpus Rio Verde

Há cerca de muito tempo, em uma época em que a sabedoria e o conhecimento dos mais velhos era o bem mais valioso, existia o povoado da Vila do Bambu, um lugar cativante pela sua simplicidade e alegria que os seus habitantes demonstravam e que despertava a curiosidade daqueles que lá visitavam, por suas inúmeras histórias contadas e recontadas pelos humildes que lá viviam e que eu, quando criança, tive a oportunidade de conviver e ouvir juntamente com meu amigo Nino.

Dona Maria Grampino era uma velha benzedeira que sempre dedicava seu tempo para nos contar histórias daquele lugar, sempre imponente, com sua voz aguda e sua boca desdentada, sua mente humilde e sábia nunca conseguira compreender a tecnologia e ela dizia sempre que jamais assinara um contrato pois a palavra valia muito mais do que qualquer papel escrito. Além disso, sua teimosia era inerente, a ponto de insistir que a fita rosa do cabelo de sua neta, Sara Rosa, era vermelha.

– São Marcos te marca, São Manso te amansa, os dias que se alargam debaixo de um trono, na quinta-feira santa em que Pilatos prendeu Jesus, e na sexta pregou-o na cruz; a terra tremeu toda, mas não tremeu Jesus, assim tremerá o coração dos teus inimigos! Debaixo do teu pé esquerdo tu fazes e desfazes tudo que quiseses, amém! – assim rezava a negra nos benzendo contra todos os males da vida.

Em dia de véspera da festa dos Santos Reis Magos, brincávamos com Sara Rosa na porta da casa de sua avó, Nino e eu; quando repentinamente a velha benzedeira chamou para nos contar mais uma de suas histórias e certamente nos benzer. Rapidamente fomos todos correndo para ouvir tudo o que aquela senhora tinha a falar.

A casa de Maria Grampino não era comum. Ao pisar lá dentro, qualquer um é tomado de sonolência profunda, dores de cabeça e um mal-estar. A imagem que se tem é assombrosa, a escuridão toma conta de todos os cantos, apesar da presença de velas coloridas acesas como sinal de oferta a cada entidade que ela venera. Naquele dia, a velha nos alertou de

que a Vila do Bambu, em toda véspera da festa dos Santos Reis, é visitada por uma verdadeira celebração das almas que saíam desde o cemitério – que ficava afastado da cidade – em direção ao vilarejo. Passavam por todas as ruas a partir de certa hora da zona morta, ou seja, desde às duas horas da madrugada até o sol nascer. Nesse horário, nenhum habitante atrevia-se a pisar fora de sua casa, pois se por acaso alguém enxergasse tal folia, seria possuído pelos defuntos sedentos por corpos vivos e plenos.

Dizia Maria Grampino: – Quando criança, mamãe me contou esta história que também vovó, que era escrava, contava, e nunca deixou a gente ficar acordado neste dia, pois a irmã de vovó ao ouvir o barulho desta folia foi possuída e ninguém nem sabe o que aconteceu com ela, simplesmente desapareceu! Por isso Sara Rosa, amaldiçoo sua fita vermelha! Quem nela tocar ou a ela se apegar, verá todo medo, angústia, perecerá em trevas na mente, pelo poder que sai da minha boca e pelo pisar ardente do velho da meia-noite!

Cada palavra que a velha contava com sua boca desdentada era, às vezes, interrompida pelo tossir acompanhado da fumaça de seu cachimbo. Aquele semblante arrepiava as entranhas de nossas mentes perturbadas pelo medo de acordar nesta noite, se quer para tomar água. Terminando a história, Dona Maria tomou um ramo verde de arruda e começou uma toada antiga que sua avó cantava para benzê-la ainda criança.

O som daquela voz aguda entoando uma cantiga antiga enquanto nos benzia nos deixava ainda mais assustados. A cantiga parecia diminuir o volume cada vez mais, e os olhos pesavam, até finalmente adormecer. Quando acordei, já parecia ser tarde da noite e ao abrir a janela toda a Vila do Bambu já se encontrava em tamanho breu: tudo estava fechado, portas e janelas, nenhuma alma viva podia-se ver nas ruas. O relógio parado na sala da casa de Maria Grampino marcava o horário das seis horas.

A benzedeira dormia no seu quarto escuro iluminado por velas vermelhas, Nino dormia como se nada tivesse acontecido, e Sara Rosa se encontrava na cozinha fazendo um chá de camomila, estava sem sono e dizia não acreditar em nada de que sua avó contava:

– Minha avó é caduca, todo este ritual não existe, não vejo a hora de voltar para casa.

O ceticismo e a ignorância das palavras de Sara Rosa não acalmaram meu coração. A escuridão da noite escondia seu corpo, nitidamente via-se

apenas a fita em seus cabelos que, naquele momento, realmente parecia ser de cor vermelha. Um mal pressentimento tomava conta de mim. Por já ser noite e não ter coragem de voltar para a casa de meus tios, resolvi passar a noite lá mesmo, entregando-me ao conforto do sofá marrom daquele lugar sombrio.

O silêncio tomava conta daquele lugar. Sara Rosa tomava seu chá de camomila ao pé da janela sem medo algum, pelo contrário parecia ansiosa. Nino dormia em um colchão ao meu lado no sofá. A luz de velas que pareciam nunca ter fim tomava conta de toda casa, onde apenas o gato andava e ronronava no fundo do quintal que, de vez em quando, se ouvia barulhos de estalos de coisas se mexendo juntamente com o ronco de dona Maria Grampino no seu quarto iluminado por velas vermelhas.

Como que em surpresa, o relógio parado da sala bateu duas badaladas, sinalizando duas horas da madrugada. Acordei assustado, com o coração acelerado. Sara Rosa rindo-se ainda estava a tomar seu chá no pé da janela; automaticamente já se ouvia o barulho de correntes que se arrastavam no horizonte em direção ao fim da cidade, somado a batuques de tambores, sons de viola e cantar de toadas macabras, com ranger de dentes de gritos do além.

Seria a folia dos mortos ou coisa da imaginação? Na casa de dona Maria Grampino não se tem noção de tempo ou espaço, e subitamente, o relógio parado já marcava duas horas e vinte da madrugada. O medo que associava cada vez mais as batidas aceleradas do batuque do coração não permitia pregar meus olhos, toda minha preocupação era congelada e me amedrontava ainda mais ao ver Sara Rosa ainda serenamente ao pé da janela, levantei-me e fui até ela.

O som dos batuques crescia, um som agora encantador, onde o subconsciente já dominava nossas mentes, dispersando todo medo e dotando os sentidos de indiferença e encanto: eis que a folia dos mortos passava-se ali frente aos nossos olhos, ao pé da janela.

Os ‘palhaços’, soldados do mal na folia, vinham logo à frente vestidos com suas máscaras, causando medo e pavor com seu semblante, fantasiados de roupa de gibeira e botas pretas; empunhando seus chicotes dotados de um estalar ensurdecedor que ao encostar na rua saíam faíscas, na outra mão uma garrafa de aguardente; vindo logo atrás a bandeira dos Santos Reis, a partir dela, tudo era festa e a toada alegre dos mortos vivos encantava todos os sentidos.

Não havia mais medo, nem angústia ou preocupação, era simplesmente encantador, os lábios se mexiam e também cantávamos como se de repente conhecêssemos toda a canção. Os defuntos pareciam não se importar conosco espiando aquela bela festa, quando de forma assustadora, uma mão seca nos tocou e rapidamente nos encontrávamos no meio da folia, também fantasiados assim como eles, vestidos de farrapos de forma uniforme, cantando e gozando daquela bela festa, sem se quer se incomodar com as correntes que agora também prendiam nossos pés e mãos uns aos outros.

O encanto da folia dos mortos parecia nunca ter fim, mas causava tamanho prazer a ponto de querer mais, o relógio da igreja marcava cinco e meia da madrugada, um cantador pegou nos nossos ombros e disse: – Aproxima-se o fim da hora da zona morta, é hora de voltar!

Frente à capela dos Santos Reis, toda a folia instantaneamente parou, os batuques silenciaram e deram lugar a gemidos tristonhos de almas que não eram mais vivas, assustando-me novamente, todo o encanto havia acabado, uma toada triste era cantada por todos aqueles. Ao me virar e olhar para cada um, já não apresentavam rosto, apenas uma escuridão na face.

Era uma toada triste que falava de não poder mais viver, um som assustador e macabro que me deixava trêmulo e sem chão. Sara Rosa pelo contrário estava admirada e sorria a todo momento, virando-se pra mim e pegando na minha mão, tentava me acalmar dizendo: – Viu? Eles não são assustadores. Depois disso, ouvi novamente uma voz rouca e aguda tomar conta dos meus ouvidos, um som familiar, uma cantiga antiga, uma voz conhecida, era dona Maria Grampino que repentinamente tocava meus cabelos e sorria, e como em um espírito também parecia se divertir com tudo aquilo.

O relógio da capela marcou enfim seis horas, e na sexta badalada tudo desapareceu.

Como em um sonho, já era manhã e estava na casa de meus tios, e não em frente à matriz ou na casa da velha benzedeira, estava acordado, vivo e suando frio, assustado, confuso. A canção dos mortos era a trilha sonora deste sonho acordado. Nino também estava deitado no outro colchão.

Após tomarmos nosso café seguimos até a casa da avó de Sara Rosa, queria encontrá-la, não seria tudo simplesmente um sonho. Passando frente à capela Nino pisou em uma fita cor de rosa.

– Olha! – disse Nino – Não é a fita da Sara? Vamos levar pra ela, vai que na certa eu ainda ganho um beijo. – e agarrando a fita consigo meu amigo instantaneamente fechou a cara e calou-se.

Ao chamarmos por Sara Rosa, dona Maria Grampino parecera já nos aguardar com o cheiro de café que saía da cozinha, logo entramos e saboreamos alguns biscoitos.

– Dona Maria, onde está a Sara Rosa? – perguntei.

– Voltou para casa, foi visitar os pais. – respondeu a velha.

Nino sem dizer nada entregou a fita à velha, que ao recebê-la fez uma cara como de desentendida. – Não é a fita da Sara? Entregue para ela, achamos na porta da capela! disse eu, a dona Maria.

– Impossível meu filho, esta fita é cor de rosa, a fita de Sara Rosa é vermelha, e ela nunca a tirou da cabeça, tome Nino fique com você. – depois disso, novamente acendeu seu cachimbo e fez uma cara de riso.

Rapidamente quis ir embora, Nino parecia como bobo, ao me despedir a velha me apontou para seu altar na penteadeira do seu quarto, onde havia um retrato de um negro iluminado por uma vela amarela dizendo rindo-se: – Zebedeu, meu falecido esposo, mandou um recado e disse que na próxima vosmicê volta junto com ele.

Entrei em estado de choque, aquele rosto era o mesmo que tinha conhecido na folia, nos alertando sobre o fim da hora da zona morta, o rosto no retrato parecia mover-se, estava como que assustado e furioso.

– Venha se benzer, quem sabe você não consiga sentir o pensamento de Sara Rosa – disse a velha de forma macabra segurando um ramo de arruda em uma mão e na outra uma vela preta, o clima de escuridão somado ao meu temor me deixava parado. Saí correndo e nunca mais voltei naquele lugar.

Não acredito que Sara Rosa visitou seus parentes vivos e nem que aquela fita não era dela. Também não sei se tudo aquilo que vivi, inexplicavelmente, foi um sonho.

Tentei conversar com Nino e contar tudo que tinha acontecido no meu sonho, mas ele parecia não entender nada, tudo que fazia era ficar maleando aquela fita cor de rosa, dizem que ele não é o mesmo desde aquele dia, dizem que ficou louco. Aquele mesmo dia foi o último dia que estive no povoado da boa e velha Vila do Bambu, qualquer balançar de

cadeira ou cachimbo que hoje vejo, me recorda a velha benzedeira nos contando suas histórias.

Tenho saudades de Nino e Sara Rosa, que nunca mais tive contato, e das folias daquele lugar. Talvez um dia você também possa visitar a pacata Vila do Bambu, e também possa encontrar pessoas sábias, quem sabe tenha a oportunidade de conhecer Sara Rosa, Nino e dona Maria Grampino, a velha benzedeira; e por que não, ao acaso também chegue a conhecer a folia dos mortos...

Pequeno Chaplin



Imperdoável

Por Naiane Maria de Souza – Câmpus Urutai

Desde sua infância, padre Wilson é acompanhado por duas almas inseparáveis, dois amigos em guerra eterna. Lucy e Gabriel, como eram conhecidos, sempre tentavam, cada um do seu jeito, ajudar o jovem presbítero.

Gabriel tinha uma personalidade calma, era muito religioso e altruísta, totalmente o contrário de Lucy, que tinha a alma rancorosa, adorava brigas e confusões e ficava eufórica ao ver pessoas destruídas psicologicamente. Pela grande convivência que Wilson manteve com as duas ilustres figuras, seu caráter foi formado por uma mistura um tanto quanto peculiar dos conselhos e pensamentos diversos de cada um dos dois companheiros.

Há cerca de um ano e meio, o jovem foi ordenado padre, e a partir de então, tentava esconder o máximo possível o seu jeito Lucy de ser. Rapidamente afastou-se da companheira dos íntimos e irônicos tempos e dedicou-se a aproximar-se cada vez mais de Gabriel, seu escudeiro, um ser rico em bondade, sua luz irradiava e iluminava toda alma do presbítero. No entanto, era nas confissões que o padre se lembrava com fervura da imagem de Lucy. Era impossível ver tanto egoísmo e prevaricação sem se lembrar das frases irônicas da velha amiga.

Wilson tinha como hábito reservar suas tardes para ir ao confessionário ajudar quem necessitava ser ouvido.

– Perdão padre, pois pequei – disse uma bela mulher de olhos fundos esfumados.

– Diga-me filha o que fizeste que agora amargura tua alma e atormenta seu sono?

– Perdi meu emprego, cheguei em casa nervosa e depusitei minha raiva em meus pais idosos, o que faço padre? Ajude-me, por favor.

Nesse momento afloraram-se no padre os ideais de Lucy, ele criou em sua mente um discurso bem claro que a amiga faria: ”Mulher irresponsável, é a vergonha do mundo, merece ser apedrejada e queimar

no fogo do inferno”, então Wilson deu um leve sorriso irônico, balançou a cabeça respirou e disse:

– Eleve sua alma para os céus e será perdoada. Jure nunca mais repetir o ato feito, chame seus pais à sala e reze vinte ave-marias toda noite. Vá com Deus filha, vá com Deus...

Quando a mulher virou-se para ir embora o padre suspirou e veio à sua mente as palavras de Lucy: “Os seres humanos realmente não têm consciência, cometem erros horríveis e ainda pensam que serão salvos porque choraram e pediram perdão aos céus! Bobagem! Você caro Wilson, deveria tê-la punido, mostrá-la o quanto foi cruel, isso sim a levaria a pensar em seus atos”.

– Não poderia – sussurrou o padre envergonhado do que imaginara.

“Isso mesmo você fez exatamente o que deveria ter sido feito, ajudou uma pobre alma pecadora, ela se redimiou e Deus a perdoará”, disse Gabriel interrompendo o presbítero. “Nossa como o mundo é lindo aos seus olhos, pena que essa pureza divina não alegria a mente dos homens, caro Gabriel” – disse Lucy que apareceu sem sequer ser convocada.

– Calem-se, está chegando outro fiel, exclamou o padre já impaciente com a situação.

Depois de levar o perdão e a liberdade a várias almas mundanas, o padre já cansado, resolveu fazer uma visita a seus pais, pegou o carro e saiu. Ao passar pela porta de um bar da vizinhança, Wilson percebe a presença do pai dentro do botequim, bêbado e acompanhado de uma mulher. O padre parou o carro em uma esquina, debruçou-se sobre o volante, neste momento vieram à sua mente lembranças de seu passado.

Parece que estava vivendo novamente aqueles momentos, o garotinho Wilson testemunhava as recorrentes traições de seu pai, e via-o chegando em casa totalmente embriagado, maltratando, insultando aos berros a mãe e o indefeso garoto. Aqueles gritos atingiam os ouvidos do menino como uma punhalada no coração, seu sangrar era inevitável. A cada cena que Wilson assistia desfalecia um pequeno pedaço de sua alma.

– Pare papai! Não faça isso – dizia o garoto com os olhos embaçados e o corpo já dolorido. Ao lembrar-se destas palavras uma lágrima rolou no rosto de Wilson. E veio à sua mente as palavras que ouviu de uma conversa de sua mãe e sua avó: “Levarei ainda hoje Wilson para o seminário, assim ele ficará livre das covardias que sofremos. E estando

em meio aos sacerdotes sua mente será iluminada pelo Poder Divino e ele perdoará as maldades que sofreu do pai”. O presbítero caiu em prantos e ao se recompor, seguiu seu caminho.

Parando o carro, Wilson olha pelo portão de grade - pelo qual observava a rua quando criança - e percebe que seu pai já havia chegado, então entrou. Quando passou pela porta, viu a mesma imagem que vira quando criança. Mais do que nunca tomou coragem e gritou: “Pare!”. O homem virou-se para trás por um momento, empurrou a mulher, já machucada, contra a parede, e voltou-se para o filho que conseguiu imobilizá-lo.

– Pai, durante todo tempo que passei como padre, aprendi a perdoar o próximo, por mais insano que seja, e assim perdoei todos os pecados que a mim foram confessados. Mas a ti, não consegui absolver. Todas as noites vinham à minha mente as cenas que vivi quando criança, isto nunca saiu de mim. Nas confissões que ouvi, tentei, acima de tudo, encontrar crimes que me fizessem esquecer o que você fez conosco. Mas não pai, não o perdoo.

Wilson pegou uma faca em cima da mesa e apreciou-a como se visse nela sua libertação. “Wilson nem pense nisso, perdoe esta alma, só assim você se libertará desse rancor que guarda no peito” pediu Gabriel encarecidamente tentando mudar a decisão tomada pelo jovem padre. Neste momento Lucy interrompeu dizendo: “Bobagem, Wilson faça o que deve ser feito”.

O presbítero com os olhos vermelhos como sangue investiu a faca contra seu pai. A mãe vendo aquela cena atirou-se ao lado dele, ajoelhando-se olhou para o céu e disse:

– Pai, perdoe-o! Ele não sabe o que faz!

Então do rosto da mãe desolada e da face de Gabriel rolou uma só lagrima. O padre, como num passe de mágica, desatou todos os laços que o mantinham unidos a Gabriel e disse:

– Voe anjo, voe e acomode-se nos ombros de minha criadora, seja teu escudo, proteja-a, pois agora partirei. Não conseguiria viver com o rancor que sinto de mim mesmo neste momento. Irei. Mesmo sabendo do que me espera, irei. Será melhor do que castigar-me por toda vida. Adeus.



(Julieta)²

por Jéssica da Silva Oliveira- Câmpus Rio Verde

Aquele momento em que não tem mais a quem ocorrer e acaba comprando um diário para desabafar, talvez eu devesse escutar meus pais e procurar um psicólogo, não que eu tenha algum problema de autoestima, depressão, algum pânico ou coisa parecida que se precise realmente de uma terapia psicológica, mas na verdade eu só quero conversar, falar com alguém que eu sei que não irá me criticar ou me tratar diferente e que meus segredos ficariam bem guardados.

“Todos na minha idade têm algum amigo que acaba sendo seu baú de segredos, eu tenho alguns, quer dizer, uma na verdade. Mas sabe quando você tem um segredo que não quer contar, mas precisa contar porque não aguenta mais esconder esse segredo só para você, mas tem medo de te julgarem por causa disso? Então, é por isso que nunca contei para ela, não sei qual será a reação dela, não sei se ela fará disso o nosso segredo ou se irá compartilhar, porque eu sei que na nossa idade, mesmo que a pessoa seja sua melhor amiga, é difícil guardar um segredo bombástico só para você e sem falar que a Paula é do tipo de garota que adora saber de uma fofoca e contar uma fofoca só para fazer parte de algo. Ainda mais agora que eu estou amando, quer dizer eu acho que estou amando, bem essa história de amor é novo pra mim, nunca acreditei no amor, entende? Para mim, a criação do amor, aquele amor que tudo resolve e que o destino vai trazer independentemente do que aconteça, é só marketing. Minha irmã sempre diz que um dia eu irei encontrar alguém que vai me fazer mudar de ideia e me mostrar o que é o amor, e aí eu vou rezar para que isso não seja só marketing e que o destino me ajude. Bem, ainda estou esperando. Não tem nenhum problema de eu estar amando e não teria nenhum problema em contar isso pra minha melhor amiga, a não ser o fato que a pessoa que eu acho que me apaixonei seja outra menina. Tá e aí? Isso hoje é supernormal, quer dizer, está ficando normal, mas ainda é difícil para algumas pessoas admitirem isso, por medo do que vão falar, principalmente a família e os amigos, e digamos que eu ainda não seja

totalmente homossexual, ainda não experimentei, mas curiosidade não me falta. Sempre me interessei por meninos, sentia, quer dizer ainda sinto atração por eles, mas por elas também. A Paula sempre disse que eu exagerava um pouco quando ia elogiar uma menina, talvez seja por isso, meu lado homo, talvez eu seja uma bi curiosa. E tem essa menina, não sei qual é a dela, me trata diferente, ela é legal, tem bom humor, o jeito como ela é, tipo diferente de todos, digamos que meio louca, com uma alegria contagiante e tem o sorriso. Nunca falei de ninguém assim, e é por isso e outros motivos que eu acho que estou me apaixonando, e tenho medo desse sentimento, como vou julgar a sexualidade de alguém só pelo jeito da pessoa, eu sei que tem pessoas que deixa isso na cara, mas como descobrir se não tem nenhuma evidência? Devo apenas me jogar pra cima da pessoa e me submeter a duas possibilidades: a possibilidade de uma reciprocidade e a possibilidade de a pessoa não querer mais nem falar comigo? Bem, o destino podia entrar em ação agora, ajudaria bastante. A gente tem uma amizade legal, conversamos bastante, passamos o dia trocando *sms*, conversando pelo *facebook*, sempre que dá estamos nos falando, teve uma vez que ela me ligou de madrugada porque estava sem sono, e eu jurei que ela não tinha me acordado, mas mesmo assim ela pediu desculpas um monte de vezes, na verdade ela me acordou, mas eu queria conversar com ela independentemente do que ela tinha para dizer, me deixou feliz em saber que ela pensou em mim para passar o tempo. Para quem não acredita no amor, isso esta ficando bem meloso, mas não seria um diário se não tivesse essa parte de amor platônico. Bem chega por hoje, tenho uma festa pra ir, na verdade estou um pouco atrasada. ”

Fechei o diário e olhei o relógio, o aniversário da Paula começou às 22h, e já eram 23h30, acho que está na hora de me vestir. Já estava tudo arrumado, a roupa que eu iria e mais cedo tinha ido ao cabeleireiro. Cortei o cabelo, arrumei minhas unhas, só tinha que tomar um banho e me arrumar, por isso não demorei muito. Cheguei no ponto alto da festa, os convidados já estavam quase todos em seus grupinhos e não importava para onde se olhava as pessoas sempre tinham um copo na mão, eu supus que seria de bebida alcoólica. Cumprimentei a Paula, dei os parabéns e entreguei o presente, ela estava um pouco ocupada seria difícil me dar atenção, então fui até

o bar. Fiquei surpresa com a quantidade de bebidas alcoólicas. Bem, a noite é uma criança e daria para eu experimentar todas se meu corpo aguentasse, mas comecei com a básica, pedi uma caipirinha. Decidi por ficar no bar mesmo olhando a pista de dança. Já estava na minha terceira bebida, alguém se encostou ao meu ombro, quando olhei para trás lá estava aquele sorriso, e automaticamente eu sorri de volta. Ela estava linda.

– Por que tão sozinha Manu? Vem, vamos sentar ali na mesa das meninas, você não vai curtir a festa se estiver sozinha, né? – Antes que eu respondesse, ela saiu puxando a minha mão. A festa estava realmente boa, conversamos bastante e toda vez que nossos olhos se cruzavam ela me dava um sorriso, e eu meio sem jeito, sorria de volta. Já tinha perdido a conta de quantos copos eu tinha bebido. De repente, quando olhei, Paula estava na mesa com a gente, e pediu pra eu segui-la.

– Oi amiga, desculpa não poder dá atenção para você, está tudo meio corrido por aqui. E aí? O que está achando da festa, está se divertindo?

– Sem problema, eu entendo. Sim, estou me divertindo bastante, a propósito, bela festa!

– Mas a sua noite podia melhorar um pouquinho. – Ela entrelaçou nossos braços, e me puxou para andar com ela.

– Sabe o Thiago? Está louco pra ficar contigo de novo e aí o que me diz? Ele é bonito e depois que vocês terminaram não te vi com mais ninguém e nem interessada em alguém, ainda acho que rola sentimento.

– Melhor não, não quero ficar com ninguém, a minha noite está boa assim, além disso, as meninas estão me fazendo companhia e... – antes que eu terminasse a frase ela me interrompeu.

– Por favor, Manu, elas estão te fazendo companhia?! Porque com certeza deve ter alguém naquela rodinha afim de você, até parece que você não sabe o que dizem das amigas da Thay. Digamos que elas jogam no outro time, melhor procurar um menino pra ficar antes que falem de você também. Desculpa, me deixa ir ali ver o que está acontecendo depois nos falamos.

– Alguém afim de mim? Talvez? Espera: as amigas dela “jogam no outro time”, não quer dizer que ela também seja. Bem só tem um jeito de descobrir.

Voltei para mesa das meninas, a conversa continuou, bebidas, às vezes nos levantávamos e íamos pra pista de dança, eu estava realmente me divertindo. Quase no final da festa, uma parte dos convidados em pé e a outra parte ou sentados, ou vomitando, ou deitados. Tinha sobrado alguns meninos e meninas e da mesa, só eu e ela. Decidimos ir embora, morávamos um pouco perto, a casa dela era primeiro e depois a minha. O caminho foi ainda mais engraçado, tiramos os saltos, rimos e brincamos com o fato de estarmos bêbadas. Ficamos um pouco na porta da casa dela, estava meio frio e me levantei para poder ir embora, era mais ou menos umas 4hs da manhã, não tinha noção do tempo.

– Porque não fica aqui no meu apartamento, meu irmão foi visitar nossos pais, aí tem o quarto dele, se não você não se sentir a vontade de dividir a cama comigo. – Não pensei muito, e aceitei o convite. Durante a subida para o apartamento, no elevador foi um silêncio perturbador, apenas troca de olhares. Ela abriu a porta e eu entrei. O apartamento estava bem arrumado, a sala era junto com a cozinha e tinha um corredor com três portas. Quando me virei, ela estava me olhando, ficamos assim por um tempo.

– Thay, posso fazer uma coisa? – Ela apenas balançou a cabeça positivamente, então eu cheguei um pouco mais perto dela, coloquei a mão em seu queixo e puxei delicadamente o rosto dela até o meu, e de acordo com que nossos rostos se aproximavam meus olhos se fecharam automaticamente e em poucos segundos meus lábios encontraram o dela, o beijo foi lento. Sabe quando falam que o primeiro beijo com a pessoa amada você escuta sinos, fogos de artifícios? Acho que a bebida não me deixou sentir isso, mas foi uma ótima sensação. De repente ela me puxou pra mais perto, o beijo foi se intensificando de acordo com a vontade. Durante o beijo, ela me puxou pela casa até o quarto, devagar nos deitamos na cama, à boca dela ia dos meus lábios para o meu pescoço enquanto nossas mãos encontravam caminhos próprios. A vontade do meu corpo no dela aumentava e a sensação era cada vez melhor.

Acordei e olhei em volta, sorri ao descobrir que não foi apenas um sonho e que sim, na madrugada eu tinha sido dela e ela minha. Passamos o dia juntas, assistimos filmes, cozinhamos e o melhor entre beijos e abraços. Conversamos sobre sentimentos recíproco e o medo de que talvez não fosse desse jeito, descobri que ela gostava de mim o mesmo que eu gostava dela. Falei que nunca havia ficado com meninas e fiquei feliz em ela “se achar” por isso. Ficamos três semanas assim e depois ela me pediu em namoro, lógico que eu aceitei, decidimos que não contaríamos pra ninguém, estávamos bem assim e não precisávamos de ninguém se metendo na nossa vida, ou de virarmos chacota, ela me faz feliz e isso é o que importa.

“Olá diário, quanto tempo hein? Bem, estou me ocorrendo novamente a você por não ter com quem conversar sobre o mesmo assunto. Estou tão feliz com o meu relacionamento nunca estivemos tão bem. Mas estou um pouco preocupada com a Thay, depois que os pais dela mudaram pra cidade, ela está um pouco diferente. Na semana passada ela foi até a cidade dela e voltou mais estranha ainda, sinto que ela está me escondendo algo, já disse que não importaria o que fosse, eu ficaria do lado dela e tentaria ajudar, mas ela disse para eu não me preocupar. Hoje ela me mandou um *sms* de boa noite dizendo que queria que eu a encontrasse no nosso lugarzinho. Quando o irmão dela está na cidade a gente fica sem lugar para nos encontrarmos então à tarde sempre nos encontrávamos no estacionamento da faculdade atrás da biblioteca e colocávamos o carro debaixo da sombra de uma árvore e ali passávamos horas, então batizamos como o nosso lugarzinho. E amanhã é uma data especial. Amanhã estamos fazendo nove meses de namoro, vai não é para qualquer pessoa isso, ainda mais para gente. Nove meses escondido de todos, não que algumas pessoas não tenham reparado, a Paula mesmo achou muito estranho a nossa amizade ter esfriado. As pessoas comentam sobre eu e a Thay nunca sairmos com ninguém e o fato de estarmos sempre juntas. Mas depois de um tempo comecei a não ligar mais pra isso. Às vezes quero contar para todos, mas sempre que toco no assunto Thay e eu discutimos, então deixo de lado. Bem, estou com um pouco de sono e uma sensação estranha, espero que nada aconteça.”

Depois do almoço, me arrumei e corri de volta para a faculdade, quando cheguei ao estacionamento o carro dela estava lá, mas ela não. Mandeí um *sms*, e ela respondeu que estava atrás da árvore. Quando cheguei perto, ela estava depois de outra árvore mais à frente, de costas para o estacionamento. Cheguei por trás e dei um abraço nela, ela se virou e me beijou, depois do beijo percebi que ela estava chorando. Perguntei o que havia acontecido e ela disse que tínhamos que conversar, quando alguém diz isso o resto simultaneamente não é o que a outra pessoa quer ouvir.

– Não me olha assim, não suporto quando me olha assim. Olha amor eu nunca falei da minha família porque meus pais são pastores da minha cidade, e sempre me neguei a assumir minha sexualidade por isso. Meus pais são do tipo de pessoas que acreditam que existe uma cura para o homossexualismo, do tipo que preferem ter uma filha assassina a homossexual. Eles não entendem que não é uma escolha, que isso não tem cura porque não é doença. E o pior eles me arrumaram um casamento, sim um casamento arranjado em pleno século XXI e eles não aceitam que eu diga não, dizem que foi uma escolha de Deus, e sabe Deus me fez assim para punir meus pais, mas quem está sofrendo com tudo isso sou eu, entende? E eu acredito no nosso amor, e acredito que como Romeu e Julieta, viveremos esse amor após a morte. – Então em meio a lágrimas ela tirou uma arma da bolsa, uma pistola e apontou para a própria cabeça e começou a chorar mais, eu fiquei sem reação não sabia o que fazer.

– Vamos viver esse amor não importa que seja em outro plano, eu não suportaria em te matar, então eu faço primeiro e depois você. – Antes que ela pudesse fazer alguma coisa, eu a abracei.

– Olha amor a gente vai achar outro jeito, não precisa disso, ok? Abaixa a arma, a gente foge, não sei, pede ajuda pra alguém mais não precisa disso, me escuta pelo amor de Deus. – Encostei minha testa na dela e comecei a chorar também. – Eu te amo, e isso basta não é isso que você sempre fala? A gente vai arrumar outro jeito eu sei que sim e... – Ela me interrompeu com um selinho demorado, e com os lábios encostados na minha orelha ela falou devagar e pausadamente “Eu. Te. Amo” e então o estouro.

Meu coração acelerou quando o corpo dela caiu sobre mim, já sem vida, lágrimas desciam sem parar, eu beijava seus lábios já sem vida implorando para que ela não me deixasse, implorando que voltasse pra mim, enquanto o chão e a minha perna onde a cabeça dela estava se afogavam no sangue do meu amor, eu não sabia o que fazer meu coração doía de uma forma que nunca doeu antes, lágrimas escorriam pelo meu rosto, eu tentava de todos os jeitos reanima-la, mas tudo era em vão e eu sabia disso. Então regulei a minha respiração e tentei reorganizar os pensamentos em minha cabeça.

O mundo precisou de um Romeu e Julieta para entender que o amor vence a barreira da classe social e talvez esse novo mundo precise de duas Julietas para entender que esse mesmo amor vence também a barreira do preconceito e que ele não escolhe sexo. Sei que a nossa história nunca será contada ou escrita como a história de Romeu e Julieta e eu não quero ser imortalizada por viver em um mundo em que as pessoas não se dizem mais tão preconceituosas, mas mesmo assim julga o próximo sem levar em conta o que esta pessoa já passou ou nos danos psicológicos que esse julgamento pode criar. Hoje posso dizer que acredito no amor, e talvez seja esse o destino que a minha irmã tanto falava. Ainda bem que o amor é uma coisa inexplicável, porque se fosse o homem já teria destruído a sua magia. Dizem que passa um filme na sua cabeça antes de morrer, mas meus pensamentos me traíram de novo, na verdade foi uma coisa bem estranha de pensar antes de morrer e tenho certeza que ela teria feito piada e dado aquele sorriso, ah o sorriso, então eu sorri e a última coisa que senti foi à pressão do gatilho sobre o meu dedo.

Barbs Reivax

Memórias de uma Alemanha doentia

Por Fernando Correa de Melo Junior – Câmpus Urutai

1942, uma família de judeus vivia no norte da Alemanha, em Hamburgo. O pai da família se chamava Yossi Benayoun e tinha 34 anos. Afortunado e bem sucedido o judeu possuía uma vida estável junto a sua família. Benayoun era casado com uma judia e tinha três filhos, um menino e duas meninas. Morava desde o seu nascimento na Alemanha e perdera seus pais em um acidente ainda criança, quando foi adotado por um casal judeu. Desde sua infância, Michael Ballack, de família de origem alemã, era o seu melhor amigo. Como os dois eram filhos únicos de suas famílias, se consideravam irmãos, tamanho o vínculo de amizade.

Em 1939, inicia-se a Segunda Guerra Mundial, em que o ditador Adolf Hitler com a ideologia e defesa da existência de uma raça superior na Alemanha, inicia uma perseguição doentia a judeus, negros, homossexuais e a todos os indivíduos que não se enquadrassem na “pureza” ariana. Com o início da guerra, Ballack é convocado pelo exército alemão mesmo contra sua vontade. O seu físico muito contribuiu para a convocação, pois Michael se encaixava perfeitamente no padrão imposto por Hitler. Em consequência disso, Yossi e Michael perderam completamente o contato com a ida de Michael aos campos de batalha.

Com três anos passados e participações nas campanhas vitoriosas da Alemanha na Polônia, Tchecoslováquia, Finlândia e outros países, Ballack volta ao seu país. Ascendendo-se na hierarquia de guerra, Michael fica responsável pela exterminação da população do principal bairro judeu de Hamburgo.

Em uma tarde de sábado, enquanto Benayoun orava sozinho em seu quarto, sua residência - que se situava no principal bairro judeu de Hamburgo - foi invadida por Ballack e seus subordinados. Ao chegar à porta da casa de seu amigo, Michael hesitou em entrar, mas refletiu consigo e chegou à conclusão que o seu dever em relação à pátria sobrepuja a amizade de décadas.

Ballack ordenou aos seus soldados:

– Arrombem a porta!

A porta é arrombada bruscamente. Os filhos de Benayoun estavam sentados na mesa de refeição esperando o término do jantar. Com o barulho do arrombamento, a mãe, que estava na cozinha, vai até a sala de jantar e ao se deparar com os soldados nazistas se desespera. Encapuzado para não ser reconhecido, Michael ordena:

– Fiquem em fila e ajoelhem-se.

A mãe como seu último pedido diz:

– Matem-me, poupe os meus filhos, por favor!

Ela foi a primeira a ser morta. Logo em seguida os três filhos foram mortos.

Quando disparado o último tiro, Yossi, antes concentrado na oração, ouve o disparo e sai do seu quarto em direção à sala de jantar. Ballack, pensando não haver mais ninguém na casa, tira o capuz diz:

– Isso já estava me sufocando; soldados se retirem! Vão para a residência vizinha.

Com a consciência pesada pelo conseqüente sofrimento causado ao amigo, e ao mesmo tempo aliviado por não o encontrar em sua casa, não precisando matá-lo, Ballack vai em direção à porta de saída, ouve passos chegando à sala de jantar, se vira para trás e vê Benayoun. Apontando a arma para Benayoun, Ballack hesita em atirar em seu amigo. Com lágrimas no rosto, Benayoun pergunta:

– Você é o responsável por isso Michael?

Ballack se silencia. Benayoun grita:

– Vamos, responda Ballack! Foi você?

– Amigo, me perdoe, eu não tive escolha!

– Amigo? E ainda se encoraja a me chamar de amigo?

Sem alternativa, Ballack vai à direção de Benayoun, mas com toda a surpresa e agonia de ver seus filhos e sua esposa atirados no chão de sua casa não reage. Ballack acerta a cabeça de Benayoun com uma coronhada deixando-o inconsciente e posteriormente foge.

Na madrugada de domingo, Benayoun desperta com uma fortíssima dor de cabeça. Ao levantar e olhar para os corpos de sua mulher e seus filhos se recorda de tudo que aconteceu no dia anterior. Muito apegado à família, Benayoun chora muito. Passam-se alguns minutos e Benayoun toma a decisão de refugiar-se para a Espanha. O plano pensado por Yossi

era cruzar toda a Alemanha do norte para o sul e seguir para a Espanha, onde vivia o seu tio por parte de mãe, Mario Gomez.

Benayoun levou consigo uma mochila com alguns litros de água, poucos mantimentos, uma faca, e uma pistola comprada por ele como garantia de segurança, que nunca foi usada antes. Como estratégia, Yossi pensou em matar um soldado nazista para usar o seu uniforme, com o intuito de facilitar o seu trânsito na Alemanha e também atravessar a fronteira entre Alemanha e França sem ser descoberto.

Partindo com o seu carro de Hamburgo, Yossi encontra um soldado nazista não acompanhado de outros militares em uma rua deserta, na cidade de Braunschweig. Sem pensar duas vezes, Benayoun para o seu carro, tira a pistola de dentro da mochila e dispara um certo tiro na cabeça do soldado. Com rapidez, Yossi tira a farda do soldado, pega a sua arma e leva para dentro de seu carro. Já no carro, ele veste a roupa que antes era do soldado e continua a percorrer a Alemanha.

Com muitas paradas ora para alimentar-se, ora para dormir, procurar combustível ou até mesmo fugir de algumas batalhas, Yossi demorou três dias para chegar a um lugar bem próximo da fronteira entre Alemanha e França. Com o carro sem combustível e com dificuldade de encontrar algum local onde poderia consegui-lo, Benayoun abandona seu carro e decidiu seguir a pé.

Com uma boa distância já percorrida Benayoun ouve gritos de uma voz feminina e logo avista uma mulher desesperada com uma criança nos braços:

– Socorro, socorro! Ajudem-me, ajudem meu filho.

Yossi vai em direção a mulher tentar oferecer ajuda a ela. Por ser negra, a mulher quando percebe o uniforme nazista vestido por Yossi se desespera e sem forças para fugir pede desesperadamente:

– Por favor, não nos mate, poupe nossas vidas, eu lhe suplico!

– Acalme-se, por favor. Não sirvo a Hitler, sou um judeu tentando fugir do regime assim como você.

Dito isso, Benayoun revela tudo o que aconteceu com ele desde o momento da morte de sua família até quando se deparou com os gritos da mulher. Ela também relata a ele tudo o que sofrera desde o início do regime até o momento, e diz também que os gritos anteriores em relação à criança aconteceram pelo fato do menino estar a três dias sem beber água e sem se alimentar. O homem caridosamente oferece água e comida aos dois.

A mulher se chamava Janaina Malika e era filha de africanos que foram viver na Alemanha buscando uma vida mais estável. Ela conta a Benayoun que o seu marido foi morto por soldados nazistas e que ela e o filho conseguiram fugir. Comovido com a história, Benayoun convida a mulher a refugiar-se com ele para a Barcelona. Como essa era a melhor forma de fuga apresentada para ela até então, a resposta dada a Yossi foi positiva.

Chegando à cidade de Karlsruhe, quase na fronteira, Yossi e Janaina encontram uma caminhonete de guerra vazia e para a sorte de ambos possuía combustível. Benayoun diz a Janaina:

– Janaina será melhor você e seu filho irem escondidos na traseira da caminhonete para não sermos reconhecidos, enquanto isso eu atravesso a fronteira sem problemas, pois estou usando uma farda nazista.

Percorreram alguns quilômetros até chegarem à fronteira. Soldados alemães na fronteira ordenaram que Benayoun parasse. O superior dos soldados foi até o carro para certificar-se que o motorista era um soldado nazista. Ao ver o rosto do motorista, o coronel que na ocasião era Ballack se assusta, pois o motorista era o seu amigo Benayoun. Cochichando Ballack diz:

– Yossi! É você? Por favor, siga o caminho e saia da Alemanha! Perdoe-me por tudo que lhe fiz. Sei que o que estou fazendo por ti é muito pouco perto do sofrimento que lhe causei. Agora vá! Rápido!

Sem pronunciar uma só palavra Benayoun parte rumo à Espanha.

Já na França, Benayoun tira a farda nazista e coloca a roupa que usava antes de matar o soldado. Logo depois, Benayoun e Janaina são obrigados a deixar o veículo que usavam, pois o mesmo possuía o símbolo nazista em seu capô.

Com a ajuda de quem passava nas estradas francesas em direção a Espanha, Benayoun e Janaina conseguiram diversas caronas até chegarem, depois de cinco dias, na região da Catalunha onde vivia o tio de Benayoun. Chegando lá, Mario acolheu com muita satisfação seu sobrinho junto a Janaina e seu filho.

Em 1945, o ditador Adolf Hitler se suicida e a guerra chega ao seu fim com a vitória dos aliados. Logo depois, a prática nazista é proibida em todo o mundo o que deu fim à perseguição paranoica a judeus, negros, homossexuais, entre outros. Tempos depois Yossi Benayoun recebe a notícia que Michael Ballack é preso por crimes de guerra.

Benayoun apaixonou-se por Janaína e com ela se casou em 1947 na Espanha. O holocausto acontecido durante a Segunda Guerra Mundial reforçou a ideia do movimento sionista, que pregava a criação de um Estado nacional para os judeus, e em 1948 o estado de Israel foi criado pela ONU e para lá foram milhares de judeus que viviam em diversas partes do mundo. Mesmo com a criação de Israel, Benayoun e Janaina resolveram continuar vivendo na Espanha com o tio de Yossi, Mario Gomez. Como já estava idoso, Mario fica sobre os cuidados de seu sobrinho Benayoun e de Janaina, que cuidam de Gomez como forma de recompensar o seu ato, o ato de acolher caridosamente aquelas pessoas que fugiam desnorteadas de uma perseguição doentia.

Miroslav Klose



O assassino da noite

por Joathas Cândido Pinheiro- Câmpus Urutai

O inverno se aproxima em uma pequena cidade no interior da Inglaterra, no ano de 1904, e junto dele o medo de toda a cidade. Isso acontece porque é no inverno que a figura mais bizarra desperta, essa figura é um assassino em série. Pouco se sabe sobre ele, apenas que suas vítimas são sempre mulheres e que ele atua com a chegada do inverno, sempre à noite, e só para com a onda de assassinatos no começo da primavera.

O relógio da catedral aponta meia noite e meia, é uma noite fria e sem lua onde a escuridão engole tudo que não tem luz própria. O inspetor da cidade, o Sr. Photos, já estava voltando para casa, a rua estava deserta, o barulho do vento era o único som que ali propagava. A poucos passos de sua casa, o inspetor teve uma sensação ruim sobre sua esposa e logo tratou de apertar o passo.

Ao adentrar em sua residência, já foi logo se dirigindo ao quarto do casal, sua esposa, que atendia pelo nome de Rose, não estava lá como de costume, então ele a chamou três vezes, mas nenhum sinal dela. Sr. Photos desceu para o andar de baixo da casa e se deparou com cinco gotas de sangue nos degraus da escada, antes não vistas. Ele sabe que já é começo de inverno e que o assassino da noite pode estar por aí. Sr. Photos ficou apavorado, revistou quase todos os cômodos da casa, restando apenas um, o banheiro. Ele se aproximou da porta, já tomado pelo medo e pavor, com as pernas trêmulas, ele a abre e se depara com o cadáver de Rose dentro da banheira, cheia de sangue e água.

Sr. Photos, nesse instante, se ajoelhou e foi rastejando até sua esposa, gritando sua dor num puro ato de desespero. Sua mulher sangrou amarrada até a morte, por um pequeno corte na artéria femoral. Ao olhar para o lado, Sr. Photos vê um bilhete que dizia: “A principal rosa do seu jardim está mergulhada no seu próprio sangue.” Naquele instante, ao ler o bilhete, Sr. Photos, teve certeza de que o assassino da noite havia matado Rose. E por que Rose? A mulher do inspetor de polícia...

Depois de uma longa semana banhada a lágrimas e tristeza, o inspetor começa a investigar o caso de Rose. Na cidade, todos falavam sobre o

acontecido e alguns diziam até que o inspetor ficaria louco. Sr. Photos estava tomado por um sentimento de vingança e ódio, ele é a pessoa que mais sabe sobre o assassino da noite, há anos ele o investiga, mas agora é diferente, o assassino da noite tirou a vida de sua esposa.

Ninguém sabe, mas o Sr. Photos tinha uma amante, uma mulher de cabelos negros e expressões fortes, com o nome de Emily. Ela morava com o irmão que sofria de esquizofrenia. O inspetor decidiu se encontrar com a amante para tentar diminuir sua dor, então foi ao encontro dela. Ao chegar à casa de Emily, como sempre escondido de todos, a primeira pergunta que ela lhe fez foi: “Quando iremos nos casar?” Com tal pergunta Sr. Photos começou a se lembrar que a amante sempre pedia para ele se separar de sua esposa e se casar com ela, mas ele nunca quis. Assim, ele passou a tratar a amante como suspeita e tinha como base de sua desconfiança, a vontade que Emily mostrava de se ver livre de Rose.

Sr. Photos se encontrava com Emily apenas no dia em que o irmão da amante estava em tratamento, que era semanal. O que os dois não sabiam é que o irmão havia descoberto a traição, sua irmã era a única pessoa que ele tinha contato, pois todo o resto tinha medo dele por conta de seus ataques esquizofrênicos.

Depois de uma crise muito forte em que Emily cuidou de seu irmão, ele contou a ela que sabia do Sr. Photos, e mais, que ele era o assassino de Rose, deixando Emily boquiaberta e com medo, pois ela não sabia quem ele realmente era, não conhecia esse lado cruel de seu irmão. Emily disse que não podia esconder isso, então seu irmão ameaçou dizendo que a amava como ninguém, mas o medo nos olhos das mulheres era um prazer irresistível a ele e que ela era a próxima vítima.

Assim, ele deixa claro a sua identidade de assassino da noite e parte para o ataque de sua irmã. Ele a amordaça e a amarra de cabeça para baixo na cozinha de sua casa, ela iria sangrar até a morte com um corte na garganta, esse era o estilo do assassino da noite, suas vítimas sempre morriam com um único corte fatal.

Enquanto ele preparava tudo, o Sr. Photos se dirigia à casa da amante para achar respostas que satisfizessem sua desconfiança. Ao entrar pela porta da cozinha - pois evitava passar pela porta da frente com receio de ter o seu caso descoberto - encontrou Emily amarrada. Seu irmão, já com

a faca na mão, o ataca. O inspetor saca o revólver e dispara duas vezes contra a cabeça do assassino da noite sem nem saber que ele era o próprio. Ao desamarrear Emily, ela conta aos prantos tudo que seu irmão havia lhe dito, desvendando todo o mistério que rondava a cidade.

Se passaram dois meses, Sr. Photos e Emily se mudaram para Londres, pois, a atmosfera daquela cidade não fazia bem a eles. Chegaram à conclusão de que a paixão entre eles já não existia, então Emily passou a morar com sua avó que há muito morava em Londres. O Sr. Photos gastou todo seu dinheiro em bebidas e cigarros, levando uma vida depressiva e amarga e seu fim se deu por suas próprias mãos com a ajuda de uma corda.

Mario Wolf



O Círculo Vicioso

por Eduardo Ronny Carlos Souza Silva

A varredura térmica do apartamento flutuava à sua frente, suspensa sobre uma lâmina de vidro transparente acoplada ao terminal *high-tech* do módulo aéreo. Este, por sua vez, pairava silenciosamente na noite densa da Cidade do Ocidente. Dois prédios, que eram paralelepípedos blindados de vidro, formavam um abismo que o abrigava.

Dentro do módulo, havia um humanoide de membros brancos e bem definidos; era semelhante a um boneco, mas do tamanho de um homem normal e com sensores azuis no lugar em que normalmente estariam representações de olhos. Sua mão alva deslizou sobre a representação do apartamento e, imediatamente, em seu lugar surgiram comandos; deliberadamente, os seus dedos tocaram em dois deles. Isso fez com que todos os outros fossem substituídos por uma mira, que travou em uma das manchas vermelhas geradas pela varredura.

Por um segundo, o homem marfim verificou as outras manchas, afastadas do alvo principal, acomodadas em outro recinto. E, então, sem mais nenhuma observação, tocou no centro da mira. Um *flash* claro e breve correu por todos os painéis. Depois de alguns milésimos de segundo, a luz brotou, concentrada, na parte frontal da “nave”. Ela lançou um jorro branco na blindagem do prédio, que o absorveu, indiferente.

Em resposta, a lâmina transparente exibiu uma varredura atualizada do antigo alvo. Mas, para a surpresa do androide, não havia mais nenhum emissor de calor naquele andar; todas as fontes tinham sido varridas do lugar. Imediatamente as possibilidades se apresentaram; adotando a única que lhe parecia viável, deslizou novamente a mão sobre o painel e o substituiu pelos comandos principais; velozmente, acessou o correspondente ao destino de viagem. Inseriu as coordenadas que lhe eram convenientes e confirmou os dados.

Por fim, ele se acomodou mecanicamente na poltrona impecavelmente branca e aguardou a próxima fase. Em poucos instantes todas as projeções foram substituídas por um detalhado mapa, composto por linhas, quadriláteros

e tracejados verde intenso. Simultaneamente, o módulo se virou noventa graus horizontalmente e disparou, como uma grande bala prata brilhante entre os prédios, se desviando propositalmente dos obstáculos do caminho, mas sempre acima e mais ágil do que os veículos terrestres.

As linhas do mapa à sua frente se alongaram infinitamente; toda a cabine se dissolveu em uma massa branca uniforme... E as linhas continuaram a se alongar...

O branco homogêneo o envolvia até o queixo e a pele se encrespava com as ondas de calor. A sensação era imperdível, mas o menino acabou se virando e retirando o braço de debaixo das cobertas; desligou o despertador; e voltou à posição original para remoer o sonho.

O corpo branco, os prédios de vidro, o veículo, a arma, o disparo. Nada disso o intrigava tão profundamente quanto os porquês; por que matar alguém? Por que o objetivo não foi atingido (sim, porque ele sentia que a morte de todos representava, de alguma forma, uma missão incompleta)? Para onde estava fugindo? E de quem estava fugindo?

Por mais estúpido que isso fosse, ele não conseguia parar; não obtinha sucesso em uma coisa completamente normal: esquecer um sonho! Algo que realizara várias vezes ao longo da infância. Aquele mundo impecavelmente branco e as suas razões de ser haviam se enraizado em sua mente, sem a menor vontade de a deixar livre.

Ele se sentou na cama, recebeu o choque do piso frio nos pés e esfregou os olhos. Com a escuridão impregnando a sua visão, tentou pescar, em seus amanheceres anteriores, uma forma de esquecer uma visão noturna. Mas, subitamente, a linha não encontrou nada em que mergulhar; voltou a se agitar, porém, só comprovou a primeira certeza: não havia o que buscar! O seu passado não acontecera!

Foi um susto terrível acompanhado de incredulidade! Uma vida inteira não poderia sumir sem deixar o menor rastro!

Tentando encontrar uma âncora, na qual se apoiasse antes de buscar pelo resto, o menino vasculhou o quarto com os olhos. Mas isso, de forma alguma, foi alcançado; o resultado da expedição brotou na forma de uma nova questão: “Em que quarto estou?”, que por sua vez o arrastou a uma mais profunda: “Quem sou eu?”

Apesar dessas coisas flutuarem por ele por apenas alguns poucos

instantes, o resultado foi violento: eletrificado e agitado, se levantou por completo. Desesperadamente, buscou algo pelo cômodo que lhe explicasse toda a situação, minimamente; mas tudo que o esforço revelou foi a mesa que sustentava o despertador, que o acordara, e duas portas. Quando testada, a primeira não cedeu aos seus esforços, então logo a sua atenção se voltou para a segunda. Já esta abriu-se na primeira tentativa e revelou um banheiro.

Respirando fundo e sedento por respostas, investigou o conteúdo do lugar. Um chuveiro, um sanitário, uma pia e um armário embutido foi tudo o que encontrou. Decepcionado com o resultado, o garoto buscou algo no armário do banheiro. Mas aquele móvel estava tão vazio quanto a sua mente.

Ao olhar para a parede oposta à porta, finalmente encontrou algo que lhe interessou: uma pequena janela, daquelas típicas de banheiro (como poderia saber algo de especial sobre janelas se não se lembrava de nenhuma? Simplesmente lhe veio à cabeça!). Como aquela parecia ser a única alternativa viável, se encaminhou para a estreita passagem e empurrou o vidro, que cedeu.

No entanto, antes que pudesse fugir, algo saltou em seus olhos: a ideia de fuga do androide; mesmo naquele momento o sonho lhe atacava como algo efetivo e de indispensável importância.

Enquanto esse pensamento ainda o hipnotizava, algo novo veio lhe deixar impressões de susto no rosto: um grito feminino subiu (ou desceu) até a janela. Um “Alguém me ajude, por favor!” entrou no quarto...

No impulso, o garoto enfiou a cabeça pela abertura e teve uns poucos segundos antes de chegar a três fatos concretos; primeiro: ele estava no segundo andar de um prédio; segundo: do lado do prédio havia uma rua suja, fria, entulhada de lixo e, exceto por duas exceções, deserta; terceiro: na mesma rua, existia uma mulher, que por sua vez era subjugada por um homem, que o fazia graças a uma faca no pescoço e, talvez, um pouco de álcool no sangue.

O que fazer? Por reflexo, o ocupante da janela atirou do prédio um “Pare!”. E o homem, agora tão surpreso quanto as outras duas pessoas daquela cena, também agiu por reflexo: afundou a lâmina na garganta de sua vítima, que imediatamente tingiu a paisagem de vermelho.

Aterrorizado com o que fizera, o garoto se espremeu pela abertura, caiu na escada de incêndio e a desceu. Mas quando alcançou a moribunda,

os seus gorgolejos haviam acabado e esta se imobilizara, do lado de uma faca abandonada.

Mais uma vez, pessoas que não o deveriam morriam próximas dele (mas quando é que alguém deveria morrer?).

Ele congelou, com a faca na mão, no meio daquele quadro, tentando absorver aqueles últimos minutos que, juntos, formavam a sua vida conhecida. No entanto, esse exercício foi interrompido por sirenes, que desesperadamente buscavam alguém naquelas ruas abandonadas.

Imediatamente as possibilidades se apresentaram; adotando a única que lhe parecia viável, correu pela rua, entre outras construções verticais.

O asfalto a sua frente se alongou infinitamente; parecia que não acabaria mais...

E. S. Silva

O Mundo da Conspiração

por Heitor Caixeta Mesquita Câmpus Urutai

– Vamos correr Joe, é o seu aniversário de casamento, vai ser divertido. Assim me disse meu irmão caçula, Mike Flacco, durante nosso jantar em minha casa. Uma grande pessoa, tanto em altura quanto caráter, sempre nos divertia com suas conversas animadas, por vezes infantis, mas sempre com bom humor. Tinha 27 anos, cultivava uma barba em seu rosto e tinha um cabelo negro, usualmente mal penteado, porém não transmitia um ar de desorganização, muito pelo contrário, era um exemplo de cidadão. Ele sempre foi um amante de eventos esportivos, desde beisebol até maratonas. E o último item foi o que o motivou a fazer o convite.

– Estou fora de forma... – disse, apalpando a minha barriga com uma pequena saliência recém adquirida das férias de inverno. – Não chegaria ao terceiro quilômetro!

– Vocês vão me abandonar mesmo? – disse Mike em tom de brincadeira – E você cunhada, mostra pro seu marido quem é atleta aqui nessa casa!

Bruna, 27 anos, sempre foi tímida. Casada comigo havia dois, perto de completar três anos no dia 15 de abril. Tinha uma pele muito branca, o que favorecia o constante ruborescer de suas maçãs do rosto. Cabelo e olhos de cor castanho-claro, não era de muitas palavras, mas todos na família a adoravam. Seu doce meio riso já respondia a pergunta de Mike, que agora, tentando a última peça do jogo, convidou meu filho de 4 anos, David, para a Maratona:

– Você quer ir pra Boston correr, campeão? – Com a inocência de uma criança, David aceitou de prontidão o convite, e a partir daí um urro vindo de uma mistura de coro e dueto por Mike e David, entre palavras e batidas na mesa, implorava-me a presença de toda a família no evento. No momento, era impossível distinguir entre os dois quem era a criança a fazer o pedido.

Morávamos em Cambridge, realmente muito próximos da capital de Massachusetts. A corrida é uma das maiores do mundo, e Mike demonstrava uma gana imensa em comparecer à maratona.

– Vamos, nem que seja apenas para me acompanhar. – suplicou Mike, dessa vez reduzindo o conteúdo do pedido. Era de minha vontade ir para Boston, mas deixar a nossa venda sozinha em plena segunda-feira não me parecia uma boa ideia. Expliquei o fato para meu irmão, que chegou com uma solução imediata:

– Ora, peça para o Rick tomar conta da loja! Ele aparenta ser um bom rapaz.. E realmente aparentava. Porém, havia apenas dois meses que ele trabalhava lá, e esse pouco prazo para mim é o suficiente para gerar desconfiança.

– Não vai fazer mal tirar folga do trabalho por um dia, Joe. É o nosso aniversário. Me disse Bruna com sua voz suave e delicada. Respondi:

– Você quer mesmo ir?

– Quero muito... Vamos, seu irmão merece que o acompanhem. E vamos passear em família também. Eu, você e David!

Eram 3 contra 1. Cedi para o lado majoritário. Os três celebraram como se estivessem em um estádio. Meu irmão já começava a fazer planos. Era quarta-feira e a maratona aconteceria na próxima segunda. Apenas meu irmão correria e nós acompanharíamos sua chegada para lhe dar apoio. Mike não era atleta profissional, mas tinha um bom ritmo de corrida. Ele estava disputando a maratona apenas com um espírito esportivo, sem pretensões de vencer a competição.

No sábado, comprei o presente de aniversário de casamento para minha esposa. Um anel lindo, que eu entregaria na linha de chegada da maratona, quando Mike a cruzasse.

Estava nublado, a primavera ainda não havia dado as caras na nossa região. Eu dobrava algumas peças de roupas quando Bruna me abraçou. Ela esticou o pescoço para que seus lábios alcançassem meus ouvidos e sussurrou:

– Sabes que eu te amo, não é?

Com meio sorriso aberto, respondi:

– Por que isso agora?

– Nunca é tarde pra lembrar... – Aquelas palavras bateram no meu interior como se meu corpo fosse um sino, que vibra com a pancada de um gigante martelo. Me senti tão vazio quanto esse sino naquele momento. As palavras ressoavam no meu inconsciente, tentando encontrar nexo, fundamento, algo para fixá-las em um pensamento que fizesse algum

sentido. Desisti de tudo o que arrebatava a minha mente por causa daquelas palavras, e , instintivamente larguei as roupas que eu dobrava e abracei Bruna, como se a estivesse segurando para evitar perdê-la para uma força inexistente. Um beijo, um beijo e tudo aquilo se desvanecia. Eu encontrava meu chão novamente.

– Nunca vou sair de perto de você, eu te amo muito, muito! Está me ouvindo?

Não pude deixar de refletir mais tarde tais palavras que ela me dissera. O que estava por vir? Apertei o anel que eu havia comprado como presente para Bruna, e que estava em minha mão direita. Desistir da viagem para Boston passou a ser uma opção considerável para mim. Mas a alegria de David em participar de tal evento me motivava a levar-nos adiante. Era melhor esquecer superstições e seguir em frente. Bruna já esboçava diversos sorrisos para todos os que nos visitavam, nos dando os parabéns antecipados pelo aniversário de casamento. A felicidade da ocasião voltou a me transformar e os sentimentos de angústia provocado por aquelas falas anteriores se desvaneceram por completo.

No outro dia, ainda durante a manhã, fomos à Boston. Chegamos na casa de Mike, desfizemos a mala e comemos. Passamos o dia lá, com Mike e sua namorada, Gloria, apenas conversando e ponderando sobre como meu irmão se sairia na corrida.

Finalmente chegara a segunda-feira. Todos os nossos amigos mandaram a mim e a Bruna mensagens de felicitações pelo aniversário de casamento. Mike e Gloria animaram-se, e prometeram que nos fariam uma festa no final da semana pela ocasião.

Às 11:00 da manhã começava o evento, então almoçamos mais cedo e fomos. Gloria teve que ir trabalhar, então, na minha companhia estava apenas Mike, David e Bruna. Estacionei duas quadras antes do ponto de largada, para o qual seguimos a pé. As pessoas já se apertavam na rua para procurarem seu espaço para o começo da prova. Havia cidadãos realmente preparados para correr, outros preparados para ganhar, e alguns que compareciam apenas para fazer festa. Esses iam com as fantasias mais surpreendentes possíveis.

O clima era agradável, tanto o atmosférico quanto ao ambiente criado pelas pessoas. Pus a mão sobre o ombro de Mike e disse:

– Vai lá irmão, faça o que você sabe fazer, que isso já te torna um vencedor!

– Valeu irmão... Me espere na linha de chegada, mas vá rápido senão você não me alcança.

Mesmo concentrado, Mike não perdia o bom humor. Bruna também o desejou boa sorte, assim como David. Saímos do ponto de largada, e em poucos instantes a prova teve início.

Como uma boiada, após o tiro, os competidores saíram em disparada. Começava ali uma longa jornada. Mike se perdeu de nossas vistas, nós três saímos para dar uma volta. Mostrei todo o bairro para David, que nunca estive em Boston antes. Fizemos compras no moderno shopping da praça central. Passamos em frente a estátua de John Kennedy, que com seu inacabado caminhar olhava a frente, rumo ao futuro. E meu futuro se concentrava ali, na minha família. Meu amor por minha esposa e filho se tornava maior a cada dia desses três anos em que constituímos uma família nuclear.

Pensei em entregar para Bruna o anel naquele momento, mas hesitei. Não era o momento certo para uma declaração melosa. Já era tempo de estarem se aproximando os primeiros que terminariam a maratona, então entramos no carro e demos outra volta na cidade, a fim de chegar no ponto onde se encontrava a linha de chegada, que era na Rua Boylston.

O público se espremia detrás da barreira montada por policiais nos últimos metros do percurso. Todos queriam ver os primeiros a cruzarem a linha de chegada. Escoramos em uma casa tradicional, feita com tijolos expostos, mas com um charme inegável, que se situava a cerca de 70 metros do derradeiro ponto da prova. Coloquei David sobre meus ombros para que ele pudesse enxergar sobre a multidão.

– Me avise quando ver o tio Mike!

– Sim papai!

Os primeiros competidores já se aproximavam. Um queniano venceu, com uma vantagem considerável. Seguiu-se a primeira dúzia de corredores. Logo a segunda, a terceira, a quarta... Aí sim, chegava Mike, que me foi apontado pelo meu filho. Ensopado em seu próprio suor, meu irmão lutava contra suas pernas para colocar uma na frente da outra. Ainda assim, ele estava à frente de milhares de competidores, e apenas atletas de alto nível chegam nessas posições. Nos aproximamos do bloqueio para

darmos os incentivos finais ao meu irmão, que arrastava os pés rumo à linha de chegada. Eram 2:48 da tarde.

Ainda com David sobre meus ombros, chamei Bruna para irmos em direção a meu irmão. Ela respondeu:

– Pode ir Joe, eu te espero aqui. Vou ficar de olho nas compras.

Consenti. Eu e David fomos rumo a Mike, que sentara no asfalto após o término da prova, ofegando em ritmo acelerado. No caminho, esbarrei em um sujeito estranho, que não participara da prova mas que estava quase tão suado quanto os corredores. Aparentava nervosismo. Não tinha mais de 1,77m de altura, era branco, cabelo grande e um pouco encaracolado, e um nariz razoavelmente grande. Não parecia ser americano. Mas de qualquer forma, pedi desculpas pelo esbarrão e segui em frente. Eram 2:49 da tarde.

Cheguei até Mike e cumprimentei-o:

– Parabéns irmão, você foi muito bem!

– Obrigado Joe. Consegui. – disse rindo. – Onde está Bruna?

– Logo ali atrás, olhando algumas de nossas compras.

Quando eu disse isso, um calafrio penetrou todo o meu corpo. Como uma descarga elétrica que passava de célula para célula, torturando de dentro para fora. Olhei para trás, e vi o rosto de Bruna, linda como sempre, brilhando no radiante Sol daquela tarde. Ela sorriu pra mim, e eu retribuí. Eram 2:50. Virei o meu rosto para continuar a conversa com Mike. Foi o começo do meu fim.

Em perfeita sincronia, o movimento da virada do meu pescoço coincidiu com um estrondo que vinha em direção à plateia que acompanhava a corrida próxima à linha de chegada. O chão tremeu naquele instante, e a adrenalina foi despejada no meu sangue. Eu caí no chão abraçando David, mantendo-o seguro, com meus olhos fechados. Ouço o som de gritos e objetos se estilhaçando. Quando volto a enxergar, observo uma fumaça negra se erguendo no céu. Instintivamente procuro o seu rastro, para ver de onde ela vinha. Não precisei de mais nada para reagir. Entre o choro de meu filho e a gritaria das pessoas que fugiam do local da explosão, entreguei David aos cuidados de Mike e corri em direção ao local onde Bruna estava.

Foi a maior distância que eu percorri em minha vida. Os metros se tornaram quilômetros, os passos eram dados em câmera lenta, e os esbarrões no público enlouquecido eram contínuos, pois corríamos em

sentidos opostos. Vi uma gota de sangue escorrer por meu braço. Eu estava ferido, mas ignorei esse detalhe. Tudo o que me vinha à mente agora era abraçar a minha esposa e ouvi-la dizer um sonoro “eu estou bem”.

Acelero a minha corrida. O caminho de ida até a chegada da maratona fora muito mais rápido do que esse que eu percorria para a volta. Subitamente, parei de correr. Meu coração ainda palpitava, mas gradualmente, suas batidas foram se reduzindo, até se tornarem ruídos inaudíveis. A adrenalina em meu sangue desapareceu, corria nas minhas artérias apenas o sangue puro. Talvez não fosse essa a reação que eu esperaria diante de tal cena, mas assim aconteceu.

Ela estava lá, deitada, olhos fechados. Todos os pensamentos fugiram da minha cabeça, eu me tornara uma pessoa insípida, uma máquina, não era mais um humano. Nesse momento, a multidão apavorada e barulhenta se desvanecia lentamente, se tornando apenas vultos silenciosos. Mas nada havia mudado, a correria e gritaria continuavam, afinal ninguém se importava comigo ou com ela, queriam apenas salvar suas próprias vidas, e por isso continuavam correndo sem direção e urrando sons incompreensíveis. Mas para mim, tudo isso deixava de existir.

Andei quatro passos em direção a ela, sendo que no último desabei ao chão, e me arrastei nos últimos centímetros que faltavam para alcançá-la. Até aí, não havia nenhuma gota de lágrima em meu rosto. Me sentei, e ao lado de Bruna, e fitei o vazio criado pela minha mente, onde pessoas e paramédicos que corriam incessantemente não eram nada. Me senti sozinho, apenas ao lado do corpo dela, apesar de toda a correria no local. Depois de um severo e eterno meio minuto, começava a rolar lágrimas do meu rosto. A primeira, assemelhava-se a queda do orvalho em uma manhã de inverno, onde a água se prende entre o estado sólido e líquido, mas cede após a insistência da gota rebelde, que abandona o gelo que cobre a sua folha.

Logo o orvalho se tornou uma cachoeira. O mundo ao meu redor voltava, de forma gradual, a se tornar real para minha mente. Meu braço já ensanguentado recolhe Bruna sobre o meu peito, e o nosso sangue se mistura. Irônico, afinal, a mistura de sangue é um sinal de união. Mas o significado dessa mistura, apesar de ser o nosso aniversário de casamento, é macabro. Minhas lágrimas continuam a cair, dessa vez sobre o rosto dela.

Como gesto final, pego o anel que estava em meu bolso. Por um

bom tempo eu o olho, e tremendo como se o epicentro de um terremoto estivesse dentro de mim, o coloco no dedo anelar direito de Bruna e ergo o meu olhar. Ao abaixa-lo, vejo Mike e David a nos encontrar, olhando de longe. Consigo ouvir meu filho gritar “papai”, mas Mike rapidamente o recolhe em seus braços e o leva embora.

Depois de severos minutos, continuo com Bruna em meus braços, então, aparece um oficial do corpo de bombeiros, que toca meu ombro e diz:

– Eu sinto muito.

– Não meu senhor, o único que está sentindo isso sou eu. – respondi entre lágrimas após um silêncio de alguns segundos. O oficial me compreendeu, e não viu minha resposta como um desaforo. Mas ainda assim me disse:

– Vamos levá-la? Para que ela possa descansar em um lugar melhor.

Me silencieei novamente. E após um prazo que eu creio que seja de dois minutos cedi, e me levantei, dessa vez, como um viúvo.

Ao chegar à casa de Mike, o clima não poderia ser outro. Meus olhos chegaram secos. Porém quando Gloria e meu irmão me abraçaram, mesmo sem nenhum dos dois proferirem nenhuma palavra, as lágrimas voltaram a rolar. Dessa vez em dose tripla. Essa foi uma das raríssimas vezes da minha vida em que eu não vi Mike sorrir, alegre. Mas nenhum de nós foi o mesmo dali em diante. A vida se tornou mais cinzenta, triste.

Dias depois, eu refleti sobre os motivos que levam um ser humano a cometer tais atrocidades. Bruna já se fora. E, algo que me provocava enorme indignação era o fato de ainda haver pessoas que criam histórias para justificar tais atos, transferindo a culpa do criminoso para a vítima. Nunca acreditei que poderia existir justificativa para o derramamento de sangue de minha esposa, ou de qualquer outra pessoa. Já sofremos esse golpe em 2001, agora nesse ano também. Isso há de parar. Porque enquanto as pessoas procuram culpar aquele que os defendem, famílias inteiras são destruídas por ideologias intolerantes e radicalistas. Vide a minha história.

Elisha Manning



Dear Diary

Antes de começar a narrar as minhas impressões sobre a viagem literária, apenas gostaria de agradecer todos àqueles que estiveram envolvidos no processo de realização do concurso para que essa viagem pudesse ser realizada. Nunca senti tanto orgulhoso de mim mesmo. Quando o resultado do concurso saiu e pude conferir meu nome na lista, foi surpreendente saber que algo prazeroso como a literatura acabava de me proporcionar um prêmio maravilhoso, a fantástica viagem a Festa Literária Internacional de Paraty.

A FLIP é um paraíso literário, onde o “Era uma vez” pode acontecer, o mocinho pode vencer, e as pessoas podem sorrir por se sentirem tão bem com tanta expressão cultural em um só local. Nesta festa literária se podem encontrar várias pessoas de diversas regiões brasileiras e do mundo.

Não podemos nos esquecer de falar o quão maravilhoso foi fazer novas amizades com os demais participantes da viagem. São amigos para a vida toda. Aprendemos também que não é necessário irmos tão longe para saber o que é importante, pois precisamos focar nos pequenos detalhes da vida, para que sejamos mais felizes.

Entre palestras, exposições, livros e debates, o que mais nos marcou foi à forma com que a literatura confronta com a realidade, pois um livro pode representar uma ficção, mas para existir este mundo irreal e imaginário necessita-se de uma realidade, por menor que seja.

Outro momento único e inesquecível foi à roda de leitura que realizamos entre nós, participantes do concurso. Lemos nosso conto uns para os outros, foi um momento de troca de experiência, onde observamos a forma que cada um escreve e a maneira que expressa seus conhecimentos literários.

Enfim, foi tudo tão lindo e perfeito que espero estar entre a turma vencedora do próximo concurso de contos do IF-Goiano.

Weder Nunes



Diário de Bordo

Toda a felicidade começou com a divulgação da lista dos “13 melhores contos” produzidos pelos alunos do IF Goiano. Os vencedores receberam como prêmio uma viagem à Paraty, Rio de Janeiro, para conhecer a FLIP, uma festa literária internacional.

Na manhã do dia 29 de julho de 2014, com as malas prontas, nós, os vencedores do concurso de contos e algumas de nossas professoras e bibliotecárias seguimos para Goiânia. Reunimo-nos na reitoria, ouvimos algumas palavras dos organizadores e tomamos um breve lanche – o combustível inicial de uma longa viagem. Em seguida, dirigimo-nos para o ônibus. Acomodamo-nos em nossos assentos e iniciamos nosso trajeto. Eram três horas da tarde.

Apenas alguns se conheciam, mas tudo foi apenas uma questão de tempo. Logo se podia ouvir risos, brincadeiras e lindas canções compartilhadas entre o grupo, que foram apenas o começo de uma maravilhosa história de aventura e de grandes amizades.

A viagem foi longa, porém, no meio de tanta música, animação, brincadeiras, conversas e tudo o mais, as horas passaram como minutos. Alguns não conseguiram dormir, outros dormiram tortos, mas, felizmente, chegamos inteiros ao Farol do Itaguá, pousada onde ficamos hospedados, em Ubatuba, São Paulo.

Logo que chegamos, fomos divididos em quartos, e cada um seguiu para a sua numeração. Apesar de quebrados, bastou um pouco de sombra e água fresca para que recuperássemos nossas energias.

Depois de nos organizarmos em nossos quartos, saímos para almoçar. Fomos caminhando a um pequeno restaurante bem próximo, uma grande oportunidade para conhecer melhor a cidade. Após o almoço, retornamos ao nosso lar temporário, pois precisávamos nos preparar para seguir viagem rumo a Paraty.

Não podíamos nos atrasar porque de Ubatuba até São Paulo levavam quase duas horas. Cada um foi se aprontar e ajeitar os apetrechos: garrafinha com água, roupa de frio e dinheiro. Também não podia faltar o tênis, pois o chão de Paraty era emoldurado com lindas pedras traiçoeiras.

Depois de tudo pronto, corremos para o ônibus. Estávamos todos felizes e ansiosos. Durante todo o trajeto, tivemos mais músicas e animação. Tudo lá fora era novidade. O modelo das casas, as cores, as ruas, a praia, os parques, tudo encantava. Quando estávamos quase chegando a Paraty, avistamos portos. A maioria de nós nunca havia visto um porto, então foi uma visão muito linda!

E então entramos em uma cidade pequena, quase como um vilarejo, cheia de pedras no chão e aparência singular. Sim, havíamos chegado a Paraty. Finalmente!

Colocamos o pé no chão e seguimos em direção à FLIP (Festa Literária de Paraty), o nosso grande objetivo. Nas ruas, deparamos com todo o tipo de novidades. Quando chegamos, mais novidades ainda. Havia pessoas de todos os estilos e idiomas. Era tudo tão diferente que até parecia que estávamos em outro país. O lugar era repleto de lojas, bancas de revistas e livros, peças de artesanato, bonecos gigantes, estátuas, letras gigantes e coloridas, tendas e tudo o mais.

Havia muitos eventos, mas acabamos tendo problemas com os horários e os preços. Mas como “tudo vale a pena se a alma não é pequena”, fizemos o melhor do nosso passeio. Ainda tínhamos milhares de coisas para conhecer e para aproveitar! Fomos a uma magnífica exposição de livros. Havia livros em diversas versões e idiomas, de todos os estilos, para todos os gostos.

No entanto, como tudo tem começo, meio e fim, havia chegado a hora de voltar para o nosso hotel-lar. Não ficamos tristes, pois sabíamos que ainda teríamos muitos dias para aproveitar. Dirigimo-nos ao ônibus e retornamos a Ubatuba. Todos estavam muito cansados, mas muito satisfeitos. Deitamos e fomos contar carneirinhos.

No dia seguinte, levantamos cedo para não perder o café da manhã e também porque tínhamos uma programação especial: ir à praia! O mar também era uma novidade para a maior parte de nós. Estávamos muito ansiosos para vê-lo de perto, ou melhor, senti-lo.

Acabamos de tomar o café, pegamos nossas coisas e fomos caminhando a uma praia que havia bem perto. O primeiro encontro foi maravilhoso. O mar era ainda mais fantástico do que na televisão. Era como ter o infinito bem próximo de você. Mas o melhor de tudo eram as ondas.

Ondas que iam e vinham e que nos faziam pular, correr e sorrir. Alguns se arriscaram a desfrutar da imensidão do mar, mas outros se contentaram com a água batendo nas canelas. Cada um se divertiu ao seu próprio modo.

Depois de muita diversão, tivemos que retornar, pois a jornada a Paraty ainda não havia acabado. Fomos almoçar e, em seguida, nos preparamos para partir. Apesar de já termos visto tudo aquilo no dia anterior, tudo nos encantava e surpreendia. Mais música e mais animação.

Ao chegar a Paraty, já sabíamos exatamente o que queríamos fazer. Aproveitamos para tirar muitas fotos e para assistir apresentações culturais. Havia música e cor por todo lado. Visitamos a casa da cultura, onde havia exposições do autor privilegiado, Millôr Fernandes e retornamos à exposição de livros para comprar algumas obras. E também assistimos ao show da Flipinha, onde houve apresentações de “street dance” e músicas em variados estilos. Houve até um cantor que começou o show em estilo clássico e terminou em estilo rock. Foi tudo muito divertido!

Depois do show, tivemos que voltar, pois o relógio já gritava. Logo que chegamos, fomos direto para nosso leito. Na manhã seguinte, também nos levantamos cedo, pois havíamos feito mais uma programação especial: passear de barco!

Foi um passeio muito divertido e agradável. Sentíamos-nos uma verdadeira tripulação. O balanço do barco, os raios solares e a música davam um ar tão leve, que nos faziam querer ficar ali para sempre, só curtindo o vento e a companhia dos novos amigos. Fizemos várias paradas, conhecemos diversas ilhas, andamos de bote, mergulhamos no mar, e sim, tudo parecia um paraíso. Brincamos com o tempo, mas como ele é um moço sério, logo nos obrigou a retornar. Porém, não nos preocupávamos, havíamos aproveitado ao máximo cada momento daquele dia.

No dia seguinte, muitos acordaram cedo para ir à praia, outros preferiram ficar. Os que foram se divertiram muito, e os que ficaram também, cada um à sua maneira. À tarde, nos preparamos mais uma vez para visitar Paraty. Era o nosso último dia de visita, então tínhamos que fazer tudo o que ainda não havíamos feito.

Logo que chegamos, nos dividimos em grupos menores e combinamos os locais de encontro. Uns foram imediatamente comprar presentes, outros foram a uma roda de conversa sobre “Drogas, Sexo e Literatura”. Foi

interessante, não só a forma como eles falavam do assunto, como também a forma diferente de se expressar. Para nós, goianos, tudo ali era curioso.

Mas depois todos saíram em busca de presentes. Compramos várias lembrancinhas para demonstrar nosso carinho às pessoas que deixamos para trás, mas das quais jamais nos esqueceríamos. Assistimos mais apresentações culturais e tiramos mais fotos. Cada vez mais aumentávamos os motivos para sentir saudades.

Mais uma vez era hora de ir embora. Não voltaríamos mais ali, mas a lembrança ficaria para sempre. Retornamos ao hotel e, no dia seguinte, aproveitamos para curtir nossos últimos momentos na praia. Passamos o dia todo pegando sol, brincando com as ondas e viajando de praia em praia. Conhecemos várias e nos divertimos bastante. Era o nosso último dia e sabíamos que devíamos aproveitá-lo ao máximo.

O dia todo foi lindo, mas a doce melancolia de saudade já começava a tomar conta de alguns. Tivemos uma noite tranquila de sono e, assim como nos outros dias, nos levantamos cedo, só que desta vez o ciclo de praia, Paraty e hotel se rompia. Agora era a hora de voltar para o nosso primeiro lar. Tínhamos saudades de nossa família e amigos, mas também ficaríamos com saudade de todos os amigos que construímos nessa viagem.

Seguimos em paz, todos tranquilos, satisfeitos e felizes. A viagem de volta foi um pouco mais silenciosa do que a viagem de ida, mas também tivemos espaço para muita música, pois era o nosso último contato. Mesmo com o ônibus balançando, cada um foi à frente para falar suas impressões da viagem e sobre alguém em especial. As palavras de cada um contribuíram ainda mais para fortalecer os laços de amizade e união que construímos em tão pouco tempo. O que ficou disso tudo foi o desejo de que nos encontremos algum dia novamente, pois pessoas e momentos assim são feitos para nunca serem esquecidos.

Amanda

Por Elizandra da Silva Souza – Câmpus Ceres

Eu acordei bem disposto hoje de manhã, tomei café e fui para a faculdade. À noite, planejei sair com uns amigos novos. O plano era ir a um bar bem próximo daqui. Quando a noite caiu estávamos no bar e não perdemos tempo; começamos a beber. Depois de um tempo, meu novo amigo disse:

— Ei John, eu tenho uma balinha deliciosa aqui, você quer experimentar? – eu respondi:

— É claro.

Naquele momento tudo já estava girando por causa da bebida, mas quando eu experimentei aquela bala toda a minha vida fez sentido.

Mais tarde, quando já tinha saído do bar, encontrei uma garota e ela era linda. Com um empurrão do álcool, tomei coragem e fui falar com ela,

— Olá! eu disse, então ela se virou, sorriu e falou:

— Oi meu nome é Amanda, e o seu?

— Eu sou John. – respondi.

Continuei conversando por um bom tempo com ela e descobri o seguinte: ela nunca tinha ido naquele bar antes e não conhecia ninguém daquele lugar, mas mesmo assim senti certa atração por ela.

Depois dessa noite, minha vida mudou completamente. Eu ia para a faculdade pensando nela, antes da noite chegar já estava ansioso para encontrar aquela mulher. Todas as noites eu fazia o mesmo “ritual”. Chegava ao bar, pedia uma bebida, comprava a bala e saía logo em seguida para me encontrar com ela. Contudo, de vez em quando eu via de relance alguém me espiando mas quando olhava para trás não tinha ninguém.

Um mês depois eu continuava com o mesmo ritual, saía da faculdade, ia ao bar à noite e me encontrava com Amanda logo depois. Quanto mais o tempo passava, mais dinheiro eu gastava e como nada é infinito, ele foi se acabando aos poucos. E todas as

vezes que eu comprava as balas eu tinha que aumentar o número, porque quanto mais balas eu colocava embaixo da língua mais tempo eu teria para ficar com Amanda.

Mas a situação chegou a um ponto em que eu não tinha mais dinheiro para ver Amanda. Eu estava enlouquecendo sem ela, parei de ir à faculdade e me tranquei em casa. Mas isso não me ajudou em nada. Um mês depois, eu descobri que havia sido um erro me apaixonar por Amanda. Se eu soubesse que aquela bala acabaria me matando eu teria poupado as outras pessoas de minha loucura.

Se o LSD fez isso comigo, não quero continuar a viver de ilusões. E naquele momento eu usei outro tipo de bala: uma que mata mais depressa. Puxei o gatilho e a última coisa que me veio à cabeça foi “pelo menos agora posso ver Amanda”.

Eliz Kitsune

A curta vida de Butuado

Por Kaique Moreira Dias – Câmpus Iporá

Butuado era um jovem nascido e criado em um circo que andava por todo o Brasil, composto só por familiares: avós, tios, tias, primos, primas e seus pais. Era uma família grande e muito unida. Não existiam discussões; não havia intrigas, nem mesmo brigas entre eles. Eram felizes demais para se preocuparem com isso.

O Grande Circo da Família Fakin. Esse era o nome do circo que ficou famoso pelas suas ilustres apresentações, pelas mágicas incríveis de ilusionismo que só os tios de Butuado sabiam fazer; pelos números impressionantes com o elefante que seu primo domava. Os malabares e o trapézio eram as especialidades de seus pais, um casal que tinha uma perfeita sintonia e que logo ganhou reforço de Butuado em seus números, que já nos primeiros meses de nascido queria estar lá no trapézio com os pais. Por outro lado, ninguém era tão divertido e engraçado como seus avós, palhaços natos, simpáticos e muito divertidos. O respeitável público adorava aquelas apresentações; as crianças eram a que mais se divertiam e sempre iam embora do espetáculo com gostinho de quero mais.

O Grande Circo da Família Fakin era um grande sucesso, principalmente no Estado de São Paulo, onde, até então, a família fazia a maioria das apresentações. Ora ou outra, sempre voltavam. O público paulista adorava as performances, era certeza de casa cheia todas as noites.

Butuado, com nove anos de idade, já conseguia se apresentar solo; era um menino talentoso. Seu número era de tirar o fôlego, de sentir um friozinho na barriga, era realmente de mexer com o público. Com uma confiança enorme e nem um pouco de medo, Butuado dominava totalmente o trapézio, parecia flutuar no ar. Com dez anos de idade se apresentava no trapézio com números cada vez mais arriscados e perigosos. Mostrava total domínio do trapézio, apesar da idade.

Apoio era o que não lhe faltava. Seus pais então! Orgulhavam-se de seu filho. Seus avós eram seus principais influenciadores, pois *O Grande Circo dos Fakin* só se concretizou por causa deles e Butuado já entendia como é a vida no circo. Apesar das dificuldades, aquilo era a vida de todos eles.

Em mais uma de suas viagens, a família seguia em comboio para outra cidade no interior de São Paulo. Era madrugada, quase amanhecendo. Chovia muito. Eles queriam chegar bem cedo e montar a estrutura antes do anoitecer do mesmo dia. A chuva não parava e a visibilidade era mínima. Em um momento de distração, ocorre um acidente grave com o ônibus que estavam Butuado, seus pais e seus avós. O ônibus saiu da pista e acabou caindo em uma ribanceira, apenas Butuado sobreviveu. Seu primo e seus tios não estavam no ônibus, pois vinham em outros veículos logo atrás, com a estrutura e o elefante, não se envolvendo no acidente.

Butuado, já no hospital, se encontrava em uma condição estável, com leves escoriações. Aparentemente assustado, com os olhos esbugalhados e calado; ele pensava e se perguntava o tempo todo o que havia acontecido de fato. Logo seu primo chega e lhe conta a história; seus olhos logo encheram de lágrimas; o silêncio de antes deu lugar a uma voz trêmula e estridente de desespero. Butuado ficou sem norte. Naquele momento só queria sair dali e ir correndo ver seus pais e avós.

Liberado pelo médico, ele e seu primo foram direto para o funeral. Ao chegar, ficou sem ação. Simplesmente ficou ao lado do caixão de seus pais e dali não saiu um só momento. Imóvel e com os olhos cheios de lágrimas, só observava. Sua expressão era de uma tristeza profunda e indescritível.

No sepultamento, deu o seu último adeus e foi-se embora. Butuado não sabia como seria sua vida dali para frente, não sabia nem no que pensar; sua cabeça só lhe trazia recordações daquele momento de tristeza. Tinha perdido ali, não só grandes artistas, mas sim, pessoas importantes em sua jovem vida.

Passado tal momento de tristeza, seus tios tentaram reerguer *O Grande Circo da Família Fakin*. Adotaram novos artistas para somar nas apresentações, mas o circo não era mais o mesmo. Butuado mergulhado na tristeza profunda, já não sorria, não brincava, já não sentia prazer em fazer o que seus pais lhe ensinaram. A confiança não existia em si e o medo tomou conta da sua vida.

A alegria não estava mais presente; as apresentações mágicas, incríveis e as palhaçadas já não eram mais as mesmas. Infelizmente *O Grande Circo da Família Fakin* não sobreviveu e tudo construído até ali foi perdido. Só restou boas e divertidas lembranças.

Com o fim do circo; Butuado já com onze anos de idade, foi para São Paulo, capital. Tornou-se um mendigo e passou a viver nas ruas. Para sobreviver, fazia malabares nos semáforos. Desnorteado, se juntou a um grupo desconhecido que estava embaixo de um viaduto. Influenciado a roubar, passou a ser um ‘ladrãozinho’. Por ser rápido e muito habilidoso, roubava pessoas nas ruas, casas e carros; sempre com seu grupo, com sua ‘nova família’.

Sua vida mudou literalmente. De habilidoso artista de circo, para um pobre ladrãozinho de rua. Apesar de tudo, Butuado tinha muita sorte. Mesmo com tantos atos infratores, não havia sido pego pela polícia.

Com doze anos de idade, ainda continuava naquela vida sem rumo, perdido. Não existia mais esperança em seu coração. Aquela alegria e os bons momentos com a família caíram no esquecimento. Seus tios e primos já não existiam mais para ele, até então, sequer tinha notícias.

O tempo passava. Com treze anos, sua aparência já não era mais a mesma. Butuado não tinha mais o rosto angelical, de criança. Era um jovem que tinha uma história marcada no crime. Sem ter para onde ir, Butuado dormia e vivia embaixo do mesmo viaduto desde que chegou em São Paulo. Passava o dia mendigando e a noite roubando. Ele e seu grupo não faziam muitas escolhas. Entravam em casas e saqueavam tudo que conseguiam.

Em um dia frio, nublado, sem sol para esquentar, Butuado e seu bando resolveram roubar uma casa. Dessa vez, como ainda estava de dia, escolheram uma casa mais afastada, longe de possíveis olhos; não que isso os preocupassem. Entraram e fizeram o roubo sem dificuldades. Pouco tempo depois, Butuado e seu grupo já estavam de volta no viaduto com os itens roubados. Acostumados a se darem bem, eles não esperavam que o dono da residência chegasse no momento em que deixavam a casa pelos fundos. Sem ser notado, seguiu o grupo e ligou para a polícia. Não demorou muito, viaturas policiais chegaram ao viaduto e fecharam o cerco. Todos ali presentes foram levados para a delegacia. De todos, apenas Butuado era menor de idade e, como a lei ainda é pouco aplicável, foi então solto.

Mais uma vez Butuado estava sozinho no mundo. Não tinha quem procurar; não tinha quem o acolhesse, não tinha para onde ir. Solto, sozinho e em um lugar desconhecido, começou a caminhar, sem perspectiva e sem rumo. Parou em um lugar com grandes casas, grandes muros; um lugar

totalmente diferente da região que rodeava o viaduto onde ele morava. As pessoas que ali residiam passavam por Butuado como se ele fosse invisível. Ali ele não conseguia roubar, não conseguia esmola.

Aquele lugar parecia um labirinto sem fim, sem saída. Os dias foram passando, passando... sem tomar banho, sem comer, fraco e abatido, Butuado já não conseguia ter forças para andar, para roubar, para pedir esmolas e nem sequer para fazer malabarismo para ganhar um trocado.

Os dias e as horas passaram e Butuado definhado já sem esperança, deitou-se no chão de uma viela, e dali não se levantou mais. Em sua mente, vinham lembranças que lhe fez perceber que ele não passava de um trapezista sem circo, sem família, sem amigos, sem grupo, sem vida. Lentamente seus olhos se fecharam. Butuado morreu à míngua, largado como um objeto esquecido ou perdido no tempo. Encerra-se naquela viela, a curta vida de Butuado, uma criança que um dia já foi alegre, cheia de vida e de esperança. Ali morreu o habilidoso e corajoso trapezista de *O Grande Circo da Família Fakin*.

Mammuthy



Amor Sombrio

Por Adriano Pereira de Queiróz- Câmpus Ceres

Helena, jovem inteligente e muito contente com sua vida, convida alguns amigos para sua festa de aniversário, que ocorreria naquela noite moderadamente quente e seca de agosto. Convidando um e outro, ora pelo telefone, ora saindo e voltando de casa, deparou-se com um de seus vizinhos. Sentado na varanda, de bermuda azul e sem camisa, forte e atraente, ele tinha os olhos perdidos em algum lugar do horizonte.

Reticente, Helena se aproximou e fez o convite para a festa, o qual ele, gentilmente, recusou, alegando que acabaram de se conhecer e que era tímido. “Bem, o ‘não’ é melhor que a dúvida”, pensou ela, e saiu, continuando com os preparativos para a noite.

Durante a festa, que se estendeu até mais de duas da madrugada, Helena não parava de pensar no rapaz da varanda. Estava tão atordoada que nem seu nome ela havia perguntado. Mas certo, estava feliz dançando com suas amigas, comemorando os 19 anos, anos que lhe tinham trazido a liberdade de morar sozinha e fazer uma faculdade no interior. Chegada a hora de partir o bolo, seus amigos cantaram os parabéns e disseram “Faça um pedido”. Ela premiu as pálpebras e não teve ninguém no breu dos olhos fechados que aparecesse além do rapaz da bermuda azul. “Quero ele na minha vida”, pediu e cerrou os punhos, como se o ato reforçasse o poder do pedido. Mal sabia que aquele pedido iria lhe ocasionar grandes surpresas.

Passada a festa, início de semestre, as coisas se ajeitavam na normalidade. Durante alguns dias, Helena espiava o vizinho, encontrando desculpas para se postar à varanda, tal qual ele fazia. Sem coragem de ir até ele, ficava só observando, até que um dia, saindo para a faculdade, encontrou-o na troca de olhares. Ele respondeu com um “Bom dia” e começaram a conversar. O trajeto até a faculdade nunca foi tão agradável e, veja só! Rendeu um convite para que Helena almoçasse com ele no fim de semana.

Helena estava cada vez mais interessada por Cris. Cris, Cris, esse era o nome do moço da varanda. Cris, Cris, um sentimento profundo surgia no interior da moça. Cris, essa palavra mágica, que será que despertava ali? Seria amor ou apenas uma paixão alucinante, jovial? Ansiosa para chegar

o fim de semana, sua mente lhe concedia imaginações dos dois se beijando na varanda dele. Ela, disposta a conquistar o rapaz, resolveu preparar uma torta de morango para a sobremesa. Torta na fôrma e coberta com um pano de prato florido. Helena se arrumou e partiu para a casa do vizinho, que morava sozinho do outro lado da rua. Durante o almoço, primeiro encontro realmente informal entre os dois, ela descobre que Cris está no penúltimo ano de faculdade e vai embora dali a três semestres. Não era pouco tempo, mas, ah! como é o coração dos apaixonados, acabou disparado, alertado de que a ida do rapaz era inevitável.

Por ocasião de seus esforços, e uma ajuda do destino – quem sabe? – Helena então se tornou amiga de Cris. Contudo, seu amor por ele estava deixando-a insana: ela acordava todos os dias para vê-lo saindo para a faculdade, e quando ele não falava com ela ou saía antes, ficava desesperada e chorava; a tristeza consumia sua alma. Nas tardes, quando ele chegava, era a mesma coisa, passando a ser parte da rotina de nossa Helena sentar-se na varanda para ver seu amado. A jovem aparentava estar perdida de amor, mas não tinha coragem de revelar seus sentimentos para o rapaz, tornando aquele amor algo sombrio, oculto. Ao passo que se ampliava, por não ser externalizado, esse amor a implodia, consumia sua alma, deixando-a propícia a atitudes ameaçadoras e impulsivas, embarcando em uma tempestade interior.

Três meses depois do primeiro almoço juntos, era chegada a época da Festa de Peão da cidade. Cris convida Helena para irem a um dos rodeios e ela alegremente aceita o convite. A moça, entretanto, já não era mais a pura Helena de tempos atrás, notava-se pelo seu descontrole sempre iminente. Ao chegarem à festa, algumas amigas de Cris o cumprimentaram com beijos de cortesia, deixando nossa protagonista furiosa. Helena desconta a fúria na bebida e, já alta, começa a dançar com seu amado. Em meio a uma canção lenta, romântica, das que nos deixam de rosto colado, ambos acabam por se beijar, num beijo tão intenso quanto a espera de Helena e, no entanto, breve como um ápice qualquer, uma crista de onda que logo arrebenta-se em água. Helena transborda de felicidade, mas Cris – meio envergonhado – desculpa-se, dizendo que foi um deslize e que não iria mais acontecer. Helena abre um sorriso falso e diz “Não se preocupe, não foi nada”. Mas tinha sido: além do beijo mais perfeito desde sua adolescência, era o momento mais efervescente de sua paixão, o que acabou por dar mais

esperanças a este amor sombrio.

Meses se passaram. Natal, ano-novo, carnaval. Helena amava Cris a cada dia mais intensamente, no entanto, com mais sofrimento. Seu aniversário estava se aproximando, data de extrema importância: o dia em que conheceu o rapaz da varanda.

Começavam os preparativos para a grande festa, tinha de ser uma noite inesquecível, pois ela iria revelar o amor que mantinha em segredo nas sombras da sua vida. Era o dia decisivo, dia do tudo ou nada. Ela não queria pôr em risco a amizade, mas não conseguia viver mais naquela situação. Além do sofrimento que lhe causava abafar seus sentimentos, sentia que estava perdendo qualquer chance com Cris, pois já chegava o último semestre de faculdade dele e, portanto, também o último naquela cidade.

Estava tudo perfeito: arranjos de flores na varanda e pelo resto da casa, petiscos, salgadinhos, brigadeiros, e, claro, as bebidas da noite. Os convidados começavam a chegar; entre eles, sua amiga de faculdade, Raquel, uma linda jovem que, pelo seu olhar, seco e seguro, destacava-se entre os convidados. Oito e meia da noite, Helena já ia meio impaciente, quando surge – finalmente – o convidado mais aguardado da noite: Cris, vestido com uma camisa axadrezada, vermelha sobre branco, muito elegante, e com uma caixa de presente abaixo do braço. Ele cumprimentou a aniversariante, desejou-lhe felicidades e abriu o embrulho, tirando de lá um colar prateado, com pingente que simbolizava o infinito, que colocou, ele mesmo, em seu pescoço. Ela lhe deu um abraço intenso, com os olhos cheios de água, enquanto o agradecia.

A festa continuava com som, bebidas e os mais animados dançando sensualmente pela sala. Foi então que alguém puxou os parabéns, que logo substituiu a música e trouxe todos para a copa. Helena vê aí a oportunidade e não perde tempo – sobe em uma cadeira e fala, sorridente e ansiosa:

— Eu tenho um segredo e esperei muito este momento para revelá-lo. Queria chamar aqui o Cris, pois ele faz parte disso tudo. Helena aguarda, mas ninguém aparece.

— Cris? Alguém viu o Cris por aí?

Foi então que viu da janela Cris e Raquel se beijando na varanda, aquela varanda, que tanto lhe tirara o sono. Sem saber o que fazer, trêmula, desceu da cadeira:

— Quem vai cortar o bolo?! – disse, com uma risada falsa, como se o mistério não passasse de um gracejo.

Todos riram, mas ela estava em fúria, a cena pulsando em sua mente. Discretamente foi até a cozinha, com os olhos vermelhos e faiscantes e pegou uma faca – não sabia porque fazia aquilo, mas a raiva e os impulsos a controlavam. Com a faca em punho, aparece Pyetro – amigo da faculdade – e lhe pergunta se estava se sentindo bem. Como que acordada do transe, Helena deixa a faca sobre o balcão e sai para a sala, onde começa a beber e dançar descontroladamente.

No outro dia, o primeiro de seus 20 anos, Helena acorda sobre o tapete. Zonza, com dores na cabeça e no corpo, tenta se levantar, olhando ao redor. A sala estava cheia de gente, e no meio dos corpos adormecidos, ela reconhece Cris e Raquel, abraçados. Um torpor violento toma conta de Helena, que deita novamente a cabeça no tapete e adormece, enquanto balbucia fracamente “não, não, não...”. Seu pesadelo começava.

Helena se tornava sociopata e disposta a quebrar qualquer barreira na sua vida, transformando-se na vingativa Helena. Passava agora não os inícios da manhã e o entardecer, mas horas inteiras sentada em sua varanda a observar Cris, pensativa no que iria fazer com o possível relacionamento entre ele e Raquel. Ardilosa, eis que nossa protagonista convida a antes amiga para um jantar em sua casa. Como esperado, veio a pergunta:

— Seu amigo pode me acompanhar, Helena?

— Claro, irei chamar o Cris!

Naquela noite, pouco antes do jantar, Raquel esquece o celular na cozinha. Enquanto cozinhava, aproveitando que a rival e Cris se enovelavam no sofá, Helena escarafuncha o aparelho e confirma, logo na primeira tentativa, os rumores que havia ouvido na faculdade: Raquel tinha um namorado. Agora era questão de tempo para usar esta cartada, pensava Helena, enquanto anotava o número do dito-cujo em seu aparelho.

O amor da moça continuava às sombras, um segredo que Cris nunca imaginaria. Ela se postava todos os dias na varanda, obcecada, esperando o melhor momento de pegar uma prova contra Raquel. Na segunda semana depois da ocasião do jantar, estando ela, no meio da tarde, a ler um romance machadiano na varanda, observa um táxi chegando à casa de Cris. Do carro desce Raquel e, no encontro de ambos, um beijo ardente. Helena consegue

capturar uma foto. Mais que depressa, sem se identificar, ela encaminha a imagem ao celular do namorado de Raquel. Estava vingada.

Mais tarde, logo após o jantar, Helena foi até a casa do vizinho que estava na varanda com olhar úmido e apreensivo. Começaram a conversar, e ele lhe revelou que tinha terminado o caso com Raquel. Helena, que era o pivô de todo o acontecido, simulou um ar surpreso e ia perguntar detalhes sobre o motivo quando um carro entrou na rua em alta velocidade, freando bruscamente em frente à varanda. Um homem mal encarado desce do veículo:

— Você aí é o Cris?

— Sou eu mesmo, por quê? – fala, ao se levantar, respondendo à altura ao tom agressivo.

— Vim te dar um presente. – diz o rapaz desconhecido.

Numa fração de segundos Helena se dá conta de que aquele é o namorado de Raquel e, prevendo perigo, atira-se na frente de Cris. Antes que ele se desse conta do que ocorria, o estranho homem descarrega três tiros que atingem o peito e pescoço de Helena. O carro sai bruscamente, cantando pneus, deixando sob a poeira, entre gritos e lágrimas, Helena, nos braços de Cris.

Samanta Colombo

As verdades dissonantes de *Álice Dias*

Por Claudinei Rodrigues de Lima – Câmpus Urutai

Muitas vezes penso que tudo não passa de um pesadelo. Mas não, tudo que passei e estou passando é o mero destino. Não sei como vai ser daqui para frente, se bom ou ruim eu simplesmente não sei. Além disso, o amor me prendeu de jeito, o que não era e não podia ser se tornou uma verdade dissonante. Em plena década de 80 em uma cidadezinha pequena e pacata, com uma família conservadora sinto-me perdida, desolada e amaldiçoada pelo destino...

Depois do falecimento do meu pai não sei como agir e pouco tenho vontade de viver. Minha mãe decidiu que mudaríamos para outra cidade e assim ficaríamos mais próximos dos meus avós maternos, todos nós estamos sofrendo. Ainda que seja o melhor a fazer não me conformo em ter que deixar os meus amigos para viver em outro lugar com desconhecidos. É, eu disse que eram meus avós, mas não disse que eu os conhecia ou mesmo se eles tinham preocupação com a gente, eles nunca demonstraram, ligaram, responderam nossas cartas ou nos visitaram. Minha mãe nunca disse nada a respeito, ela também sentia muito em ter que mudar, ela gostava de onde vivia e além disso sabia o quanto meus amigos eram importantes para mim.

Ao chegar na casa, minha avó, conhecida por Dona Cida, nos recebeu muito bem, meu avô, o Seu Raimundo, por outro lado estava com uma cara carrancuda e estranha, parecia não querer nossa presença. Saí e minha avó me levou para o quarto que eu iria ficar, era simples, ou melhor, toda a casa era simples.

Como forma de cortesia, minha avó preparou um jantar e chamou alguns familiares. Coloquei um belo vestido azul, o mais lindo que tinha, o mesmo que ganhei de aniversário do meu pai. Quando estava pronta, alguém me chamou: “Álice? Venha aqui! Quero que conheça a filha da sua tia Dora.” Deixei minha escova de cabelo sobre a penteadeira, passei a mão na barra do vestido, olhei-me pela última vez no espelho e fui me encontrar com ela.

— Oi! — Disse abraçando-a como se já a conhecesse, era bonita, tinha cabelos longos e loiros, olhos negros, pele branca e tinha a minha altura, parecia ser muito meiga e aparentava ter uns quinze anos, tal como eu.

— Oi. Fiquei sabendo que você vai morar aqui, pois o seu pai...

— Bem, me chamo Juliana, *Juliana Álvares da Silva* – disse, mudando de assunto repentinamente.

— Prazer! Chamo-me Álice Dias.

— Você já conheceu todo mundo? Fiquei sabendo que vocês são novos nessa parte da família.

— Para falar a verdade, só conheço o vovô e a vovó.

Ela pegou em minha mão e me puxou, senti algo estranho. Ela me apresentou todo mundo. No final da noite, quando todos já tinham ido embora, minha avó sentou junto comigo na varanda e começou a conversar.

— Você gostou?

— Claro, foi muito bom – fiz a melhor cara que podia e sorri.

— A Juliana contou-lhe a história dela?

— História? Não.

— Não? Ela vive falando sobre isso para todo mundo.

— O que é? – estava ansiosa para saber, Juliana parecia ser uma ótima pessoa.

— Os pais dela morreram quando tinha apenas três anos. Ela nunca se conformou e ainda hoje vive chorando pelos cantos da casa. Ela foi adotada.

— Mas como eles morreram?

— Dizem que foi um acidente de carro, o pai de Juliana bebia muito e agredia a esposa e a filha. Ele sempre chegava em casa bêbado e tarde da noite, pouco dormia, ficava inquieto, limitava-se a tocar piano. Certo dia, ele chegou em casa embriagado, agrediu-as fazendo com que entrassem no carro, ele falava coisas estranhas e que pouco fazia sentido. No dia seguinte, o carro foi encontrado totalmente destruído debaixo de uma ribanceira. A mãe estava morta, no entanto, Juliana saiu quase ilesa. O mais estranho disso tudo é que o corpo do pai nunca foi encontrado, muitos acreditam que ele está vivo, mas os peritos disseram ser quase impossível já que foi encontrado muito sangue dele dentro do carro.

— O que a senhora acha que aconteceu?

— Eu realmente não sei. Na época, isso saiu em vários jornais, mas logo foi esquecido e a polícia desistiu do caso.

Durante alguns minutos limitei-me a pensar: *O que será que aconteceu? Onde está o pai de Juliana? Será que o pai dela estava... Bem,*

isso não. Isso é impossível. Dá-me arrepios só de imaginar.

— Vocês estão aí? – disse minha mãe escorada na porta.

— Estava procurando vocês.

Minha mãe pegou em meu braço e fomos para o meu quarto. Não conseguia dormir. Fui para o quarto dela e deitei. Ela me abraçou forte e beijou-me na testa.

Na manhã seguinte, Juliana foi à minha casa. Não senti liberdade em perguntar, era muito pessoal. Nós conversamos sobre o colégio, nossos amigos e assuntos de meninas. Ela era surpreendente.

No dia primeiro de agosto de 1983 iniciaram-se as aulas. Juliana me acompanhou, por coincidência iríamos estudar na mesma classe. Apesar de ser o meu primeiro dia em uma escola nova, não houve muita surpresa. Durante todos os dias íamos e voltávamos juntas. Ela parecia ser mais que uma amiga ou mesmo uma irmã.

Um dia, voltando da escola, ela me beijou no rosto. Nesse mesmo momento, percebi o sentido da força que me envolvia a ela: eu a amava. Eu estava envolta em um sentimento estranho, que não poderia ser, mas era, realmente eu estava apaixonada. Eu a abracei. Ela devolveu o abraço com um beijo em meus lábios. Era o meu primeiro beijo.

— Meu Deus! Me desculpe! - Disse ela pondo a mão na boca e saindo correndo.

Corri atrás dela, mas eu mal conhecia a cidade e a perdi de vista. Voltei para casa pensando no que havia acontecido. Eu estava perdida em meus próprios pensamentos. Será que alguém viu? Meu Deus... o que aconteceu comigo? Seja o que for, apaixonada ou não, deveria esquecê-la.

Por dias ela não foi à escola e por quatro meses não falei com Juliana. Tentei esquecê-la, mas não consegui. Foi quase uma primavera inteira depois daquele beijo quando encontrei um envelope enviado por Juliana para mim na caixa de correios.

Dentro do envelope estava uma foto do jantar daquele dia e um bilhete: *“Alice, preciso que você me encontre amanhã na porta da escola depois da aula. Tenho que conversar com você.”* Eu fiquei feliz. Nada poderia me animar mais.

No outro dia, depois da aula, esperei-a por exatamente doze longos minutos. Estava ansiosa. Quando avistei-a de longe, chamei:

— Juliana?! – Ela virou para trás e veio correndo.

— Eu estava te procurando – ela aspirou e espirou o ar.

— Queria te pedir desculpa. Acho que não deveríamos ter nos afastado. Preciso perguntar uma coisa... – Ela olhou para trás para ver se vinha alguém. Não vinha. Estávamos apenas nós duas, todos que saíam do colégio já tinham ido embora.

— O que você sentiu durante o beijo?

— Eu não sei explicar... eu acho que gostei. Eu não estou conseguindo ficar longe de você. Eu sei que é errado, mas... sei lá... gosto de você!

— Eu temia isso!

— Por favor, desculpa! – Eu não queria que ela sofresse.

Esperei uma resposta mais ela não veio com palavras, ela me abraçou. Desse dia em diante voltamos a andar juntas novamente, não como amigas e sim como um casal. Apesar de ser algo impetuoso e ilícito para muitos e sabermos da nossa juventude, queríamos ser felizes, isso se tornou o nosso segredo. Nossas famílias jamais poderiam saber. O tempo passava e nosso amor estava cada vez mais sólido.

Nunca quis perguntar sobre os seus pais e por mais estranho que possa parecer, nunca falamos em nos assumir. Isso era um pouco anormal para a época.

Três verões se passaram desde aquele beijo que mudaria nossas vidas, já tínhamos dezoito anos e era o nosso último ano no colegial. Mal poderíamos esperar o fim do ano, decidimos que iríamos falar a verdade para nossa família, seja o que for essa era a realidade. Quando, finalmente, o mês de dezembro chegou, Juliana e eu convocamos todos na sala de minha casa, estavam todos. Era isso, a hora chegou, respirei fundo e falei.

— Antes que eu conte o que eu iria falar quero que todos saibam que não foi intencional. Pedimos desculpas... não quero que pensem coisas erradas – todo mundo olhava estranhamente para nós e, eu podia imaginar o que pensavam.

Era apenas algumas palavras, mas que não saíam de minha boca. Tentei falar, quando comecei a dizer Juliana falou:

— Estamos namorando.

O caos foi completo. Minha mãe, minha tia e minha avó choravam, meu tio e meu avô davam uma de durão e xingaram, diziam que a gente não

gostava deles e que isso era uma maldição demoníaca. Juliana me abraçou.

Durante muito tempo não a vi. Impediram-nos de nos encontrar. Foi horrível. Ninguém nos compreendia. Passamos a conversar somente por meio de cartas. Foi por meio delas que combinamos de fugir. Não sabíamos para onde, mas estávamos completamente dispostas.

No dia 13 de março de 1986 às exatas duas horas da madrugada fugimos para cidade vizinha. Não tínhamos muito dinheiro, mas tínhamos o bastante para alugar uma pequena casa até que encontrássemos um emprego. Logo conseguimos arrumar emprego em um armazém, tudo estava indo bem.

— Alice, fique no balcão atendendo os clientes. Tenho que ir ali – disse o dono do armazém em uma terça-feira.

Nesse momento entrou um senhor de idade. Fiquei preparada para atendê-lo, percebi que ele ficou olhando para a Juliana várias vezes.

— Olá, posso ajudá-lo? – Perguntei para ele de longe, que veio lentamente até a mim, parecia ter uns 60 anos. Percebi uma cicatriz em sua cabeça e também que andava com certa dificuldade.

— Oi, queria um maço de cigarros. A senhorita pode anotar em minha conta?

— Claro. Qual é o seu nome?

— *Ramálio Álvares da Silva* – meu Deus... eu sabia quem ele era, sabia... o jeito que ele olhava, as cicatrizes... o nome... o sobrenome é o mesmo... ele era o pai de Juliana.

Ele foi embora, eu não tinha reação. Olhei sua ficha no histórico do armazém e percebi que ele frequentava-o muito. Nunca falei nada para Juliana, quis evitar possíveis preocupações.

Um dia acordei enjoada e não consegui ir trabalhar, Juliana foi sozinha. Eram oito da manhã quando alguém bateu na porta.

— Alice – era o dono do armazém, abriu a porta, ele estava desesperado.

— É a Juliana...

Gostaria de falar desde já que tudo ocorreu bem e que fomos felizes para sempre como nas histórias em que lia quando criança, mas essa não é a realidade. O carro de Juliana colidiu com outro que vinha na contramão, ela não morreu, mas ficou paraplégica. Por semanas ela ficou internada em estado grave, isso fez com que nossas famílias se unissem novamente e que aceitassem-nos do jeito que somos.

Quanto ao dono do carro que estava na contramão? Bem, ele foi levado para o hospital em estado grave. Ficou internado por onze dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Não lamento sua morte e pouco tenho remorso de quando injetei veneno na sua bolsa de soro. Quem era?
Ramálio Álvares da Silva.

Martin Lima



Até a meia noite

Por Pricila Lidia Rosa – Câmpus Morrinhos

Naquele fim de tarde, depois que fui buscar minha irmã mais nova na escola, passei por uma rua estreita, comprida, situada quase no fim da cidade, perto de uma velha rodovia desativada e uma antiga fábrica de tecidos. Lá havia vários prédios altos desabitados, em ruínas. Eu olhava para cima e imaginava como seria quando esses prédios estavam funcionando, abrigando famílias.

Fiquei certa de que aquele silêncio todo guardava grandes histórias: lotes cercados com muros altos, portões enferrujados, matos altos, algumas árvores secas, outras com frutos quase na hora de colher... Depois que passei por uma casa antiga abandonada, situada numa esquina, uma casa bem grande, com o muro coberto de plantas trepadeiras que desabrochavam pequenas flores lilás e que desciam até o portão de madeira que estava entreaberto com uma enorme corrente passada por um cadeado enferrujado, senti algo diferente: um arrepio passou pelo meu corpo, um frio na espinha.

Minha pele gelou, os pelos dos meus braços levantaram. Continuei andando, mas estava difícil, meus passos ficaram pesados. Olhei para frente e vi minha irmã tão inocente, sorridente, correndo e mexendo com alguns velhos gatos que descansavam dentro de carros abandonados. Pedi para ela andar mais devagar, para não se afastar de mim, mas criança é sempre mais esperta, anda mais depressa e tem mais energia para uma adolescente de dezesseis anos que passa o dia todo dormindo e a noite toda no computador, a quase a rainha do sedentarismo.

Olhei para o tempo, estava escuro, mesmo sendo apenas 6 horas da tarde. Nuvens escuras pairavam no céu, vento frio, as árvores balançando e um cheiro estranho sentia-se ali. Passando perto de um antigo bar, olhei para baixo e vi um lindo anel, daqueles antigos, mas parecia bem conservado. Mais que depressa abaixei para pegá-lo, afinal, não é todo dia que se acha algo assim. Peguei, coloquei-o no meu dedo e coube perfeitamente. Olhei para frente para mostrar para minha irmã e levei um susto! Ela não estava em lugar algum.

Olhei para todos os lados e não a encontrei, gritei seu nome várias vezes, mas ela não respondia, fui ficando desorientada. Fiquei tão nervosa que entrei em pânico, sentei na calçada e fiquei imóvel por alguns minutos.

Fiquei preocupada, com medo de ela se machucar. Respirei fundo, controlei minha ansiedade, levantei e continuei andando e chamando seu nome. Dobrei uma esquina que dava para a velha fábrica e encontrei um mendigo deitado, um mendigo jovem, aparentava ter uns trinta anos, meio barbudo, com um cobertor velho e um saco de linho encardido e um cachorro enorme ao seu lado que me deu um arrepio. Vi que ele estava com uma calça preta rasgada e uma camisa branca encardida.

Perguntei se ele tinha visto uma garotinha desacompanhada, descrevi a roupa que ela estava usando e ele disse que a viu sim, entrando em um galpão que ficava a três quadras acima. Agradei e fui correndo ao encontro dela. Quando já estava na rua de cima, uma coisa que tinha passado despercebido me chamou a atenção: apesar das roupas velhas, o mendigo estava com um sapato novo, daqueles caros. Sei que eram caros por que eram iguais aos da loja de um shopping que trabalhei temporariamente no final do ano.

Ignorei e continuei caminhado quando avistei o portão do galpão, um portão alto, cinza. O galpão era cercado por um muro também alto e com árvores na calçada. Empurrei o portão, mas não abriu, empurrei de novo e nada, na terceira vez abriu uma pequena fresta onde passei de lado, mas achei estranho “Como é que uma criança pequena de sete anos como minha irmã ia dar conta de abrir e entrar sendo que eu mal consegui abri-lo?”

Mas confiei no que o mendigo disse, entrei e fui em frente. Lá dentro era tudo tão estranho, tão grande, parecia outra cidade cercada de muros. Avistei, ao longe, uma casinha pequena com a estrutura baixa envolta por uma cerca de arame com umas florezinhas plantadas sobre ela e um pequeno laguinho no fundo. Achei aquilo adorável, mas continuei andando. Mais adiante avistei muitas pessoas, fiquei mais aliviada, pois não estava mais sozinha ali.

Lá dentro parecia outro mundo, muitas pessoas trabalhando e algumas se divertindo, era um lindo *resort*. Olhei para o céu e já estava quase anoitecendo, apressei o passo e continuei em frente. Cheguei em um bar lotado, com a intenção de procurar se alguém tinha visto minha irmã. Cheguei à frente do balcão e perguntei para o atendente se ele tinha visto

minha irmã mas ele respondeu que não. Havia um rapaz do meu lado, puxei assunto e perguntei se ele a tinha visto, mas ele também disse que não. Comecei a ficar nervosa, a tremer e a suar frio. O rapaz me perguntou o que estava havendo.

Expliquei que tinha síndrome do pânico, estava controlada, mas depois de hoje com o sumiço da minha irmã os sintomas tinham voltado. Ele pegou minha mão, pediu ao garçom uma água e tentou me acalmar. Fiquei mais tranquila, no momento estava imóvel e tremendo, mas não tirava minha irmã do pensamento. Vi que na rua ao lado do bar havia uns caras estranhos apostando corrida de moto, achei aquilo idiota. Um deles entrou no bar, foi no balcão, pediu uma bebida e sentou. Vi que ele cochichou alguma coisa no ouvido do rapaz do meu lado e voltou para a rua.

Quando resolvi levantar para continuar minha busca, um dos caras veio correndo e me disse que o chefe da turma queria me conhecer. Falei que não queria, mas ele insistiu para eu ir, falei que não, mas ele veio até mim. Era um rapaz alto, branco, até simpático, estava com uma jaqueta de couro preta. Seu nome era Kevin. Ele era todo soberbo, ficava se gabando das motos e dos carros que possuía. Ele, inclusive, era o dono de todo aquele lugar. Achei aquele papo muito chato. Em seguida veio outro rapaz e o chamou para irem para uma festa.

Mas que depressa Kevin veio até mim e me convidou, eu disse que não podia pois tinha que procurar minha irmã e ir embora para casa. Ele se irritou comigo e disse em alto e bom tom que eu ia sim e que não tinha conversa. Fiquei trêmula e me senti fora da realidade. Naquele momento, o rapaz do meu lado disse que era melhor eu obedecer porque aquele lugar era barra pesada para uma garota sozinha. Comecei a chorar, não sabia mais o que fazer, estava desolada. Olhei para frente tentando encontrar uma saída, olhei para aquele grupo de rapazes e vi um que parecia familiar.

Olhei de novo e o reconheci: era o mendigo que me indicou o caminho, mas ele não estava mais com roupas sujas, estava bem vestido. Perguntei para o rapaz que estava me ajudando quem ele era e ele disse que era um tipo de secretário do Kevin, quem fazia todo o trabalho sujo dali. Contei que tinha visto ele vestido de mendigo e mostrei o anel que tinha encontrado lá atrás. Ele se virou para mim e disse que encontrar aquele anel foi o maior erro da minha vida, que eu estava encrencada e que não

sairia dali mais. Depois que ele me disse isso comecei a sentir falta de ar e tremores, agachei no chão, comecei a sentir tonturas e minhas vistas ficaram turvas, não me movia de medo.

Fiquei ali uns cinco minutos e lembrei que a minha irmã precisava de mim. Não sei de onde arrumei forças, me levantei do chão e escorei ao lado do balcão. Vi um calendário, achei gozado, estava marcando dia 13 de abril de 1974. Dei um sorriso disfarçado e comentei “Vocês precisam se atualizar nas datas.” O rapaz e o garçom olharam seriamente para mim e disseram: “Você que precisa se atualizar, mas não de datas, você não entendeu que nós aqui não estamos vivos há tempos?” Depois disso só me lembro de ter acordado em um quartinho nos fundos do bar ao lado do rapaz. Fiquei assustada, corri para longe dele, mas ele disse para eu ficar calma que ele me ajudaria a sair dali, mas que antes ele me contaria o motivo de eu estar ali.

Ele disse que aquele lugar era um simpático *resort* que existiu nos anos setenta mas que havia acontecido uma tragédia e todos que estavam ali morreram dormindo. Por algum motivo todos quem morreram ficaram presos naquela dimensão e de dez em dez anos, no final da tarde do dia 13 de abril, esse lugar aparece e sempre uma moça encontra esse anel e fica na mesma situação. Ele disse que sempre as ajudam a fugirem dali sem o Kevin saber. Depois de escutar tudo atentamente perguntei por que o Kevin insistiu tanto para eu sair com ele.

O rapaz me disse que eu era muito parecida com a noiva dele e que eles se amavam muito. Ela estava grávida e eles queriam se casar. Me contou também que Kevin comprou esse anel que eu achei e que iria pedir a mão de sua noiva em casamento na noite do dia 13 de abril, mas ela teve que viajar um dia antes com a mãe que estava doente, e quando ela voltou a tragédia já tinha acontecido e Kevin estava morto. “O espírito dele ainda está obcecado por ela e ele acha que você é a noiva dele. Ele não acredita que nós não estamos mais no mundo material.”

Fiquei pasma e até um pouco triste pela história. Perguntei como ele me ajudaria e ele disse que sabia onde minha irmã estava e que eu teria que prometer uma coisa para ele antes de eu ir embora. Eu disse sim e perguntei o que era, ele me disse que os amigos e todos que estão lá não vão me deixar sair e que eu não devia confiar em ninguém a não ser nele.

Eu disse que aceitava, pois precisava ir embora dali. O rapaz me disse “Quando você sair daqui, você deve encontrar a noiva que está viva e entregar esse anel para ela. Acho que isso nos libertará e não ficaremos mais presos nessa dimensão.” Perguntei onde ela estava e qual era o nome dela e ele me disse que quando eu achasse a minha irmã ele me falaria.

Aceitei seu pedido, estava louca para ir embora. O rapaz me enrolou em um lençol velho e me colocou dentro uma caixa de papelão. Colocou a caixa dentro de um carrinho de mão e foi empurrando, passando por todos que estavam do lado de fora. Ele parou o carrinho e cochichou rapidamente para eu não me mover. Kevin, ao avistar o rapaz, perguntou onde estava a moça que ele havia visto no bar. O rapaz falou que não sabia. Kevin disse que se ele achasse a moça era para levá-la até ele. Kevin se despediu do rapaz e disse “Até mais irmão”. Fiquei sem ação. Irmão? Como ele não me disse que eles eram irmãos? Fiquei muito nervosa. Quando ele me tirou da caixa briguei com ele.

Então ele disse para eu ficar calma, que ele era mesmo o irmão mais novo de Kevin, que seu nome era Kleber e me disse que também era apaixonado pela moça, mas ela não o correspondia, ela amava o Kevin. Ele amava muito o irmão e não tinha coragem de fazer nada para separá-los porque o amor que eles tinham era um amor verdadeiro. Quase chorei com as palavras do Kleber, mas ele me apressou. “Vamos, encontre sua irmã logo e vão porque vocês não podem ficar aqui, já é noite e se vocês não forem até a meia noite talvez vocês não consigam sair daqui.”

Desesperei-me. Kleber me apontou uma estrada e disse “Siga essa estrada e no final dela você encontrar uma casinha. Sua irmã estará lá.” Agradei e ele me deu um papel com algo escrito. Fui embora. Segui uma estrada de chão escura com árvores dos dois lados. Sorte que era lua cheia e estava claro. Depois de andar uns dez minutos, encontro uma casinha cercada por um córrego e uma ponte. Para eu chegar lá tinha que atravessar a ponte alta. Comecei a atravessar e parei, não estava conseguia, morro de medo de altura.

Meus pés e minhas mãos começaram a formigar. Fiquei imóvel, não sabia o que fazer. Olhei para o lado e vi uma cobra enorme vindo em minha direção. Daí meu medo ficou pior, respirei fundo, segurei na lateral da ponte, fechei os olhos e fui andando o mais rápido que consegui

até que cheguei em frente à casa. Mais que depressa abri a porta, estava escuro, entrei sem pensar direito e fechei a porta. Olho para uma cama no fundo da casa e vejo minha irmã dormindo tranquilamente como se nada tivesse acontecido. Acordei-a, perguntei como havia chegado lá mas ela disse que não sabia. Ouvi vozes de pessoas se aproximando da casa que estávamos. Fiquei desesperada, peguei minha irmã e disse para ela não fazer barulho que nós iríamos embora dali. De repente, começam a bater na porta, gritando para eu abrir, dizendo que sabiam que eu estava lá. Meu desespero crescia, comecei a dar palpitações, moleza e a suar frio.

Quando me dei conta, minha mãe estava batendo na porta do meu quarto, dizendo para buscar minha irmã na escola. Olhei para um lado e para o outro, estava no meu quarto. Será que tudo aquilo tinha sido um sonho? Fiquei meio perdida. Coloquei a mão no meu bolso e tirei o anel e uma carta destinada a Adália Albuquerque. Imaginei que essa era a noiva de Kevin.

Fui buscar minha irmã com minha cabeça fervendo. Imagine, se eu contar isso para alguém no mínimo vão achar que eu sou louca. Cheguei à escola, entrei no corredor e fui até a sala da minha irmã. Ela já estava me esperando e pediu para ir ao banheiro. No caminho, passei por uma sala e vi escrito em uma porta *Sala da Professora Adália Albuquerque*, quase caí de susto! Perguntei e minha irmã disse que era a tia Adália, professora dela. Falei para minha irmã ir ao banheiro que eu a esperaria do lado de fora. Bati na porta, uma senhora simpática abriu e me convidou para entrar. Eu disse que era irmã de uma de suas alunas. Ela elogiou minha irmã e me convidou para sentar.

Aquela senhora aparentava ter uns quase sessenta anos, tinha uma expressão triste, sofrida. Vi umas fotos de um rapaz e perguntei se era seu filho, ela disse que sim e se chamava Kevin como pai, ela tinha muito orgulho dele. Ela tinha criado ele sozinha apesar das dificuldades. Ele havia se tornado professor também, assim como ela. Respirei fundo, coloquei a mão no bolso da bermuda, tirei a carta e entreguei na mão dela junto com o anel. No mesmo momento, vi lágrimas escorrerem em sua face, ela olhou aquela carta e leu com tanta tristeza e alegria que me emocionei também. Ela leu um pedaço em voz alta que dizia que Kevin a amava que queria se casar com ela, criar o filho juntos e que ele a esperaria dia 13 de abril no *resort* para pedir sua mão em casamento aos pais dela, mas ela sempre

achou que antes do incêndio no *resort* ele tinha ido embora da cidade estudar e com a morte da família ele nunca mais quis voltar.

Minha irmã me chamou. Saí da sala, me despedi da senhora e fui embora. Quando estávamos no caminho de casa, chamei minha irmã para sentar numa calçada que tinha no meio do caminho, ela não entendeu, mas sentou comigo. De longe eu observava aquele velho galpão. Estava escurecendo, minha irmã chamou para irmos embora. Seguimos a rua e senti vontade de olhar para trás. Quando olhei, vi de longe Kevin, Kleber e o mendigo sorrindo para mim. Kleber fez um sinal com a mão como se estivesse me agradecendo, também fiz um sinal. Depois disso, vi uma luz branca no céu. Aquele lugar foi ficando claro, brilhoso e aos poucos foi flutuando e desapareceu, assim como uma bolha de sabão. No lugar, só ficou um lote vago. Suspirei forte e pensei “Eles se libertaram desse mundo” e continuei andando.

Estudante dos sonhos infinitos



BLIND2

Por Emmanuel Roberto de Oliveira – Câmpus Urutai

“Todos nós conhecemos os relatos da dolorosa época em que todas as nossas enfermidades eram curadas a partir de métodos pouco eficazes, e muitas vezes orgânicos, no sentido arcaico da palavra. Graças a nossa evolução, há muito tempo não notávamos doenças entre os humanos. Um vírus artificial, o BLIND, foi criado e programado para detectar prováveis falhas em células humanas e reconstruí-las. Foi desenvolvido também para ser repassado hereditariamente. Dessa forma, o homem passou a nascer blindado.

Infelizmente os dias de paz acabaram. Há dez anos registrou-se a morte misteriosa de diversos rapazes. Desde então, muitos outros jovens, incluindo moças, embora o número de ocorrência seja muito inferior ao de pessoas do sexo masculino, tem relatado sensações estranhas em seus corpos, tais como corpo em chamas enquanto sente-se frio, fezes líquidas, sensibilidade craniana, dificuldade de locomoção, entre muitas outras. Em seus relatos, eles afirmam visitar centrais de mídia classificadas com tarja vermelha, que contêm conteúdo sexual explícito, com alto teor violento.

Muito se especula sobre o assunto, mas a teoria mais aceitável diz que a culpa é de um vírus descendente do HIV, o que causava a AIDS nos tempos enfermos. Essa teoria diz ainda que o HIV houvesse sofrido mutação antes mesmo do BLIND, originando o Lethale, que agora desenvolveu a capacidade de não ser percebido pelo BLIND, podendo assim realizar as mesmas ações que seu antecessor realizava no passado. Ao que se acredita, ele é transmitido hereditariamente, mas só é ativo a partir de radiações emanadas por máquinas de realidade virtual, principalmente os que reproduzem conteúdos classificados com tarja vermelha, podendo assim, usar sua capacidade de camuflagem.

Ainda não se sabe qual a relação existente entre essas máquinas e o vírus, apesar disso, formas de combater esse fenômeno já estão sendo desenvolvidas. Empresas criaram coquetéis de controle dos efeitos da doença, mas após esta noite, talvez não precisemos mais ingerir os mares

de pílulas e comprimidos. Entrevistaremos um homem que diz ter pensado em uma forma de pôr fim a isso tudo, e que revelará, ao vivo, qual é essa forma, então não perca essa edição do *Programa Noturno*”

Miguel começou a sorrir após ouvir a propaganda.

— Já está com isso ligado? – Perguntou sua esposa do outro lado da cama, referindo-se ao ponto auricular que transmitia a programação do Canal Planetário.

— Não fique zangada querida, você sabe que hoje será um dia importante para nós humanos.

— Sim, eu sei... – disse ela dando-lhe um caloroso beijo matinal – mas, se me acordar de novo por causa desses malditos informes, eu juro que furo seus tímpanos.

Ambos levantaram. Emily foi à cozinha ligar as máquinas que preparam o café da manhã, enquanto Miguel movia seus braços incessantemente enquanto transferia os arquivos da base de arquivos da casa para sua maleta eletrônica, e se vestia simultaneamente.

— Irá direto ao estúdio? – Perguntou a companheira enquanto se alimentavam.

— Não. Preciso ir ao laboratório fazer mais alguns ajustes no requerimento de desenvolvimento do BLIND2.

— Ah sim...

Não houve mais diálogo até a hora de se despedirem.

— Até a noite amor, – disse ela – não se esqueça de mandar um beijo pra mim durante sua entrevista.

Miguel sorriu antes de responder com um aceno. O senso de humor de Emily lhe encantava tanto... Depois se dirigiu ao ponto onde apanhava o expresso celeste.

Ele estava tenso, seu corpo todo tremia. Pelo assoalho transparente da condução, via pessoas se moverem em volta dos prédios e pensava que poderia ser o responsável por uma mudança significativa na vida de todas elas.

Chegando ao laboratório procurou se acalmar enquanto fazia alguns ajustes em seu discurso. Alguém bate em sua porta. Pela câmera de segurança. Miguel nota que se trata de um de seus alunos. Libera o acesso a ele e volta ao trabalho.

— O que preci...

O professor não acabou a frase. Foi atingido por Lorenzo na cabeça. A última coisa que viu antes de apagar foi ele usando o sistema de segurança.

Ao acordar, se sentiu estranho, pois não havia nada em seu corpo. Estava nu, amarrado em uma cadeira de ferro. Fazia frio, mas esse não era o pior dos incômodos. Olhou para todos os lados buscando explicações, e só encontrou um grande cômodo úmido e mal iluminado. Ficou ali por um tempo, mergulhado em impotência, angústias e medos, dentro daquela sala que mais parecia um cofre.

De repente ouvi algo. Parecem passos. Parecem passos se aproximando. Cada vez mais perto... E então alguém surge por trás dele.

— Então já está acordado, professor Vasconcelos. – disse Lorenzo.

— O que... O que está acontecendo?

— O que está acontecendo? Bem... Apenas estou lhe impedindo de cometer um erro.

— Me solte! Me solte, Lorenzo!

— Não, Miguel! Você não vai estragar meus planos. Não vai mais oferecer sua cura. Você não gostaria se eu ameaçasse seu filho, gostaria?

— Espere... O que está dizendo? Eu não tenho filhos!

— Eu criei isso tudo. Tudo o que está querendo combater. Eu desenvolvi um método de enfraquecer o BLIND a partir de mensagens enviadas aos subconscientes das pessoas por meio daquelas simulações. Disponibilizei arquivos nas centrais de mídia proliferando assim meu mal. Com isso, pude criar uma indústria que fabrica remédios para o controle da doença. Caso você apareça no programa hoje, estará tudo acabado. Minha mina secará. Portanto... Terei de alterar isso.

— Você não pode... Eles vão desconfiar. Vão me procurar.

Oh... Você ainda não tem ideia da situação que está vivenciando. Pois bem, Miguel, sabe onde está?

O doutor ficou pensativo. Analisara milhares de vezes o lugar, mas a única coisa que estranhou foi o fascínio do decorador por visores.

— Vou tornar as coisas mais claras. Eu não estou sozinho nessa.

Uma segunda pessoa apareceu. Um homem que Miguel conhecia. Um homem com quem iria se encontrar ao anoitecer.

— George... Você?

— Desculpas, mas você se meteu onde não devia.

— Então está explicado todos esses visores...

— George é um dos grandes sócios de minha indústria farmacêutica.

— Sabe como é, né? Televisão não dá tanto dinheiro quanto dizem...

– disse forçando um sorriso cínico.

— Vocês... Vocês não podem fazer isso comigo. Vão perceber a minha falta, se já não estiverem me procurando.

— Miguel... Miguel... Miguel... Nós não somos amadores, querido. Você notará em breve. Agora preciso ir. Terei um triste programa hoje. – rebateu George enquanto se retirava da sala.

— Bom... Agora que já sabe de tudo, prepare-se, pois este será o último programa que irá assistir na vida. – disse Lorenzo ligando todos os visores – Em seguida, você vai se encontrar com Deus. Até nunca mais.

Em seguida, Lorenzo saiu e trancou a porta.

“Boa noite.” – disse George no visor – “Hoje começaremos com uma notícia muito triste. Houve um acidente no laboratório onde Miguel Vasconcelos estava trabalhando. Este grande professor e pesquisador, que seria nosso entrevistado de hoje, foi explodido em seu próprio local de trabalho levando consigo todos os seus projetos. Ainda não se tem notícia sobre o que ocasionou a explosão, e o corpo de Miguel, assim como os das outras pessoas que trabalhavam no local, foram totalmente destruídos pelo acidente, não podendo portanto serem velados...”

Miguel parou de ouvir. Sabia que não poderia mais sair dali com vida. Sentia-se extremamente frustrado. Decepcionado. Confiava tanto em sua própria raça, e fora traído por ela. A humanidade deixou de existir para ele... E o que lhe restava fazer, era não deixar para a humanidade o papel de lhe fazer deixar de existir.

Com o corpo todo molhado por lágrimas e suor, começou a gritar e morder compulsivamente a própria língua. Começou a sangrar... Sangrar... E enquanto perdia sua consciência, assistia pelo visor a entrevista de sua mulher:

“... ele estava acima de todos os outros e sabia demais. Isso não pode ter sido um mero acidente!”

Parva Minaces

Debaixo da Cerejeira

Por Raquel Pereira Gonçalves- Câmpus Iporá

O ruído estridente do sino indicava o fim do expediente. Logo o corredor estava lotado de crianças eufóricas e famintas, ansiosas por encontrarem seus pais no portão da pequena escola do bairro. Liz vinha devagar, arrastando sua mochila, como se esta fosse de rodinhas. Logo avistou seu pai, que a esperava em uma bicicleta de três rodas. Esboçou um sorriso e saiu correndo em direção a ele. Sabia que após o almoço, assim como todos os dias, ia para a melhor casa do mundo: a casa da vovó, onde passava suas melhores tardes.

Sempre que ia à casa de sua avó, a doce menina levava algum presente. Nunca sabia o que inventar, então recortava papéis, fazia colagens e escrevia, ainda que mal lesse. Neste dia, em especial, havia feito um poema muito bonito, mas um tanto quanto misterioso. Logo que chegou, o entregou para dona Lurdes, com um sorriso tímido e um olhar graciosamente alegre.

Dona Lurdes, orgulhosa de sua neta, colocou os óculos e, segurando a folha, um pouco trêmula por causa do efeito dos remédios, iniciou a leitura. Tão profundas e sábias eram as palavras da criança recém-alfabetizada, que dona Lurdes não se conteve de emoção, deixando escapar uma lágrima.

— Muito obrigada, pequena Liz. Não há presente melhor do que este!

A menina, toda sorridente e satisfeita, atravessou a cozinha e adentrou ao quatinho dos fundos. Em um instante estava de volta, trazendo consigo um cobertor e um ursinho de pelúcia que ganhara no natal.

— Vovó, que tal me contar histórias debaixo do pezinho de cereja?

Dona Lurdes, sem dar resposta, se levantou e seguiu em direção à cozinha. Da sala Liz pôde ouvir o barulho insistente de milho estourando. Não demorou muito para que a avó voltasse com uma bacia cheia de pipoca e uma bandeja com mingau e biscoitos caseiros.

As duas foram para debaixo da cerejeira, que ficava meio isolada das outras árvores do quintal. Tratava-se de uma árvore incomum, cujos frutos possuíam o aspecto de um losango redondo, alaranjados, quando verdes,

e vermelhos e doces, quando maduros. Não se parecia com a cereja que normalmente se via em cima de bolos, mas com uma espécie de fruta do cerrado que, por força da tradição, ficou conhecida como cereja. E é assim que Liz gostava de chamá-la: “pezinho de cereja”.

Sentaram-se, e tão logo se acomodaram dona Lurdes começou a contar as histórias de seu tempo, as quais Liz ouvia atentamente. Ela se interessava e se envolvia tão profundamente, que logo se imaginava no meio do campo, brincando com flores e saindo a cavalo para visitar amigos que moravam a léguas de distância. Por fim, a menina adormeceu.

A lua no céu já indicava que a noite se aproximava. Liz acordou espantada ao notar que estava no quarto da casa de sua avó. Pôde ouvir a voz de seus pais, vindo da sala. Levantou-se, um pouco assustada, para ver o que estava acontecendo. Seus tios também estavam lá, e todos se encontravam abatidos. Quando perceberam a presença de Liz, começaram a dissimular. Mudaram o assunto e o semblante do rosto, mas a pequena percebeu.

— Onde está a vovó?

Todos se calaram, espantados. Jorge, sempre tão ágil, abaixou os olhos por um instante, mostrando-se hesitante pela primeira vez. Depois, como se tivesse encontrado a coragem que perdera há poucos segundos, direcionou o olhar, decidido, à sua filha.

— Olha, Liz... Eu sei que é difícil, mas você não poderá mais ver a vovó. Ela se foi...

— Se foi para onde? – a menina disse, entrando em pânico.

— Para outro lugar, filha... – o pai disse, reunindo forças para não demonstrar seu abatimento, e prosseguiu – Você não vai mais vê-la e nem poderá ouvi-la, mas... sempre que quiser... poderá lhe dizer algo. Ela agora é como um anjo.

A pequena Liz entrou em desespero. Começou a chorar, desconsoladamente, se abaixando e tampando o rosto com as mãos. Por quê? Não havia estado com sua avó ainda esta tarde? O que havia acontecido para que ela se fosse? Seu pai e sua mãe tentavam acalmá-la, mas tudo era em vão. Ela saiu correndo em direção à porta da sala, pela qual desapareceu. Perdeu-se no escuro do vasto quintal. Jorge se pôs a correr atrás da frágil criança, mas não conseguiu visualizar onde ela se encontrava.

— Liz! Liz! Cadê você, filha? Está escuro! É perigoso! Liz!

Começou a passar os dedos entre os cabelos, excessivamente preocupado. Logo Amélia também apareceu, preocupada.

— Onde ela está?

— Precisamos de uma lanterna! – Jorge disse, correndo para dentro.

— Liz! Filha! Cadê você? – Amélia continuou gritando.

Logo Jorge retornou com a lanterna em mãos. Saiu iluminando o quintal, enquanto a mãe o acompanhava, chamando pela filha. Procuraram por todos os lados e nada da Liz. Amélia fechou os olhos por um instante, esforçando-se por imaginar os possíveis lugares onde a menina pudesse estar.

— Para onde Liz poderia ter ido? – perguntou para si, em voz alta.

O marido também se envolveu na tarefa. Pensou por instantes, mas nada lhe veio à mente. Depois de um tempo, lembrou-se de um papelzinho alaranjado que havia visto sobre a mesa da cozinha logo que chegara. Ele estava dobrado, com alguns desenhos, e possuía a caligrafia da filha. Enquanto Amélia continuou procurando Liz, Jorge foi até lá, imediatamente, na esperança de que o pedaço de papel pudesse lhe revelar alguma coisa. Começou a ler, ansioso. A cada palavra, ele estremeceu. Ficou tão maravilhado que se esqueceu do tempo. Porém, caiu em si quando se deparou com os dizeres: “Não deixarei o pezinho de cereja secar...”.

— Ela só pode estar debaixo da cerejeira! – o pai disse, correndo em direção à cerejeira.

Amélia, esperançosa, também começou a correr, tentando acompanhar os passos ágeis do marido. Ao chegarem, como esperavam, encontraram a pequena. Ela estava abraçada aos galhos da árvore, balbuciando algumas palavras de olhos fechados. Sem fazer ruídos, os dois pararam para ouvir.

— Vovó, por que você foi para outro lugar? Quem me contará histórias debaixo do pezinho de cereja?

Seus pais perceberam que ela era forte, mas ainda não compreendia as razões e nem sabia lidar com a falta de dona Lurdes. Eles se aproximaram devagar e a abraçaram, calorosamente. Jorge lhe disse:

— Filha, não acha que agora é a sua vez de contar histórias? Se realmente quer que a vovó fique feliz, de onde quer que ela esteja, faça tudo aquilo que ela lhe ensinou.

A menina ficou imóvel por um momento, como se estivesse refletindo sobre o que o pai lhe dissera. Então, inesperadamente, pegou algumas

cerejas do pé e as colocou na blusa. Fez um gesto de agradecimento e ofereceu-as aos pais.

— Tenho certeza que vovó Lurdes está feliz por me ver fazendo isto. Ela nunca gostou que as frutas apodrecessem nas árvores...

Os pais se entreolharam, surpreendidos com a forma de Liz se expressar. Os sentimentos da menina eram tão puros que eles se sentiram em paz, fazendo com que a dor da ausência de dona Lurdes fosse aliviada. Até então, era a avó quem mantinha os valores da família, mas eles sentiram-se felizes por enxergarem em Liz uma pequena herdeira.

— Filha, vamos entrar... Tudo bem? — Amélia disse, com um certo receio.

Ela afirmou com a cabeça e, quando estavam saindo, deu uma última olhada para a cerejeira. Sussurrou:

— Vovó, quando eu for para onde você está, você terminará de me contar a história dos doze pardais?

Em seguida, ela sorriu. Será que a avó a respondera? Talvez. Seus grandes olhos brilharam, como se dissessem que sua vovó Lurdes ainda estava ali, sorrindo, debaixo da cerejeira...

Ametista



Encontrados pelo destino e separados pelo compromisso

Por Hozana Alves Chagas – Câmpus Morrinhos

Em uma tarde chuvosa de quinta-feira, em uma cidade estranha longe de casa, encontrava-se uma garota solitária em mais uma viagem de trabalho da faculdade. O dia já terminava e em um quarto de hotel, apesar de estar com uma colega de curso, o silêncio era seu único companheiro. O amigo verdadeiro naquele momento era seu celular, mas ninguém ligava para dizer nada. Os minutos pareciam horas e o retorno para casa não chegava mais. Após um longo banho, a garota que nem tinha palavras para um diálogo com a moça que acompanhava, resolveu descer as escadas e tentar passar o tempo na sala da recepção daquele hotel, como se o mundo se resumisse somente em uma personagem, a solitária Júlia, que não via nenhuma luz para brilhar seu sorriso.

As horas passavam, e, de repente, surgiu por aquela escada que descera, um belo anjo que se aproximou de Júlia, estendeu a mão e logo a beijou no rosto. Júlia não poderia imaginar que aquele acontecimento marcaria um início de uma bela história. Então, ela percebeu que algo renasceria em seu coração. O rapaz muito educado, convidou-a para sentar-se com ele junto à mesa e tomar uma bebida, ali mesmo, na lanchonete do hotel. Meio tímida, Júlia preferiu continuar sentada no sofá da sala de estar, fingindo assistir televisão.

Naquele momento, Júlia começou a repassar aquela história em sua memória – já que havia conhecido Eduardo dois anos atrás em outra viagem da faculdade – quando ele chegou e pegou em sua mão, singelamente. Passados dois anos, Júlia nunca poderia imaginar se encontrar novamente com o rapaz que teria chamado sua atenção e conquistado seu coração, até mesmo porque ela já sabia que havia algo que impediria os dois de ficarem juntos, por mais que o momento fosse apaixonante. Enquanto o filme passava pela sua mente, uma força enorme invadiu seu coração e fez com que se levantasse e fosse até à mesa onde sentara o belo e encantador rapaz. Usava meias palavras devido a timidez, agarrava seu celular e suas

mãos estavam frias e suadas. Porém, para Eduardo, rapaz muito cavalheiro, parecia um encontro de dois adolescentes, onde dois olhares se fixavam um no outro. Mesmo sabendo que suas vidas seguiam rumos diferentes, Eduardo pegou nas mãos de Júlia, olhou dentro dos seus olhos e perguntou:

— Júlia! Se eu a convidasse para sair comigo essa noite, você aceitaria? O silêncio foi a resposta mais sábia por parte de Júlia, que permaneceu mais alguns minutos ali em sua companhia. Então, Júlia disse a Eduardo que deveria subir para o quarto e descansar, já que havia tido um dia cansativo e a ansiedade de retornar para casa, que seria no próximo dia, era imensa. Mas com certa paixão nos olhos, Júlia chamou a atenção de Eduardo e afirmou:

— Nunca diga não, por mais incertas que as coisas possam parecer.

Eduardo, então, deixou Júlia ir, despedindo-se com mais um singelo beijo no rosto, bem escorregadio em direção a sua boca. Aquela tristeza que outrora Júlia sentira, agora passou a ser um sonho que ela nunca gostaria de despertar.

Chegando ao quarto, seu telefone tocou, e para sua surpresa era Eduardo, que conseguiu o seu número durante a conversa entre os dois, e do outro lado falou:

— Desculpe-me! Não quero incomodar, estou ligando para lhe desejar boa noite, fique bem.

Naquele momento, a colega que estava no quarto com Júlia, ficou muito admirada com o gesto de carinho e dedicação. Usou a ocasião para tentar animar a amiga e conseguir tirar algumas palavras de Júlia, querendo saber quem era o cavalheiro, mas Júlia foi muito discreta e não quis se abrir sobre o assunto. Para Júlia, o que acontecia era tudo muito novo, pois havia acabado de se separar de um casamento triste e decepcionante e nunca tinha ouvido algo igual ou mesmo ter sido tratada com tanto carinho. O momento foi tão especial que Júlia dormiu e sonhou com todo um futuro perfeito, o qual só vivenciou naquela noite, nunca antes.

No dia seguinte, era hora de vivenciar o tão esperado momento de voltar para casa. Os olhares se cruzaram, o silêncio foi a única comunicação entre eles na saída do hotel, marcando o início de uma saudade que existiria para sempre. Júlia já não era mais a mesma, porque naquela noite havia encontrado o amor da sua vida. Durante o percurso de volta, por mais que

conversasse com colegas da faculdade que voltavam no mesmo ônibus, ela não conseguia pensar em outra coisa ou mesmo em outra pessoa, a não ser em Eduardo. Mas ao mesmo tempo, carregava a insegurança do que era um segredo e não poderia compartilhar com ninguém. Mas na ânsia de realizar seus desejos, Júlia imediatamente enfrentou o seu medo, ligou para Eduardo e abriu seu coração, dizendo:

— Você é um homem maravilhoso, realmente encontrou a mulher que estava escondida dentro de mim há tanto tempo. Parabéns!

Naquele momento, Eduardo, quase sem palavras, não entendia bem o que estava acontecendo, pois havia sido tão simples na forma de conquistar Júlia e agora as coisas iam dando tão certo, por mais que fosse errado o que fizera. Então ele concluiu:

— Gostaria de encontrar você novamente! Posso te ligar outras vezes? E Júlia que esperava ansiosa por isso, muito feliz, respondeu:

— Sim, vou esperar com muito carinho e paciência.

Os dias passaram e o desejo de reencontro crescia em ambos os corações. Falavam sempre, o que fazia com que a saudade aumentasse cada vez mais e que tivessem certeza da paixão que sentiam um pelo outro. E assim foi, o primeiro, segundo, terceiro e os vários encontros, limitados pela distância, pois Eduardo morava em uma cidade um pouco distante de Júlia.

A cada encontro, a sensação do primeiro se repetia, era muito forte. Ficavam trêmulos, mãos frias e suadas, muito emocionante. E sempre com eles, a curiosidade de descobrir como tudo aquilo aconteceu, já que os encontros foram por acaso e os sentimentos recíprocos, transformando-os em um casal apaixonado.

Passaram-se oito meses. Várias viagens, como a do primeiro encontro. Júlia ainda sofria com as ameaças do antigo casamento que trazia más lembranças e que de vez em quando abriam as velhas cicatrizes do coração, mas sempre encontrava paz e segurança ao lado de Eduardo, que trazia consigo o melhor abraço do mundo. Para Júlia, era fácil manter a paz no relacionamento, já para Eduardo nem sempre. Lembrava de que essa paixão era proibida, pois mesmo estando apaixonado por Júlia, sabia que havia feito um compromisso com outra pessoa no passado a qual não teria coragem de magoar. Agora Júlia, de garota solitária passou a ser amante apaixonada,

tentando nunca decepcionar Eduardo. Júlia nunca desistiu do seu amor e fez com que sua história real passasse a ser um conto, e assim, continuou esperando que certo dia chegaria o momento em que conquistaria Eduardo para sempre, e que o amor fosse maior do que o compromisso.

Zana Helen.



Insanidade da Vida

Por Jannifer Curstódio da Silva- Câmpus Rio Verde

Era uma noite fria, já passava da meia noite e a lua estava alta no céu coberta por uma densa camada de nuvens negras que impediam que seu brilho chegasse às ruas com poças de água recém formadas pela chuva que havia caído algum tempo atrás. Foi nesse clima que cheguei à minha velha cidade do interior, com pouco mais de cem mil habitantes. Todos pareciam dormir e como havia muito tempo que não pisava naquele lugar pedi para que o carro parasse a algumas quadras de minha velha e amada casa. Pisei devagar naquele chão, meu chão, minhas origens. E nesse momento um turbilhão de lembranças de infância até a data em que tive que sair daquele lugar tomaram conta dos meus pensamentos. As casas não eram mais iguais àquelas que eu me lembrava, todas estavam diferentes, com uma arquitetura mais moderna. Isso eu podia perceber pela luz fraca dos postes de luz que oferecia uma luminosidade fosca ao lugar. Mas havia somente uma residência que parecia idêntica à que meus pensamentos me traziam, era aquela ao fim do corredor de rua que morria exatamente nesse lugar. Uma casa de cor amarela clara desbotada pelo sol, pela chuva e pelo decorrer dos anos, com duas janelas vermelhas, uma de cada lado da porta de madeira na cor azul. Meus pés pesavam mais que o normal e cada passo mais perto do meu lar me trazia um aperto no coração e um nó na garganta e por diversas vezes a lágrima tremeu em meus olhos. Por pensar que fora naquela esquina antes de minha casa que tudo aconteceu. Aquele evento que marcaria minha vida para sempre. Quando cheguei naquele ponto exato, as lembranças apunhalaram meu coração e uma lágrima caiu sobre a calada e gélida rua vazia e como se fosse um imã, diversas outras se arrastaram, o que deixou o meu rosto molhado. Mais alguns passos entre lembranças, choros e soluços, o céu pareceu entender o tamanho de minha dor e uma torrente de água desabou sobre mim, a chuva era forte mas não me incomodava, percebi como se fosse uma força exotérica querendo lavar minha alma e apagar todas lembranças negativas daquele dia. Assim, em meio a passos lentos, cheguei à porta da casa. Parei por um

momento e observei tudo. O lugar estava igual a cinco anos atrás, tanto que parecia que tinha saído dali ontem. Mas eu estava diferente e não somente com cinco anos a mais de idade. Meu corpo. Minha alma. Minha vida. Todo o sofrimento pelo qual passei havia me fortalecido como o ouro fundido que quando quente está fluido e quando frio, rígido, quase indestrutível. Como as lágrimas ainda rolavam pelo meu rosto sentei-me no degrau à frente da porta que era coberta. As lágrimas secaram de vez do meu rosto. Nesse momento, a retrospectiva da minha mente me lembrava que a exatamente há cinco anos atrás eu tive a oportunidade de renascer. Em uma tarde de domingo em que as famílias se reúnem para celebrar o viver e a vida. Estava celebrando com os meus familiares quando o pedido que iria mudar minha vida surgiu. Minha prima percebeu que havia acabado a cerveja e eu fui escolhido para repor o estoque. Pelo motivo mais óbvio do mundo. Eu, no momento com 21 anos, era o único que não bebia e assim o único que podia dirigir. O mercado mais próximo ficava a umas 15 quadras de casa. Após a famosa “vaquinha” peguei o carro e dirigi até o lugar, comprei a bebida e peguei o caminho de volta, a rua estava vazia e silenciosa e o sol radiante das três horas brilhava alto no céu. No cruzamento antes de casa parei na sinalização obrigatória, foi nesse momento que um motorista alcoolizado de um caminhão acertou com um grande impacto a traseira do meu carro e me empurrou até um poste que tinha do outro lado da rua onde o carro foi prensado. Perdi os sentidos na hora, pois bati forte com a cabeça, mas lembro de ouvir o desespero de meus amigos e parentes e o bochicho de estranhos à minha volta, sendo que o que mais me incomodava era o barulho das ferramentas do corpo de bombeiros que cortavam a lataria do carro para me tirar das ferragens. Eu me sentia impotente, sem poder fazer nada para acalmar minha família. Devido ao acidente tive que amputar a perna direita, tentei o suicídio e diversos tratamentos psicológicos foram necessários para me fazer aceitar usar uma prótese no lugar da perna. A reabilitação levou tempo não para a recuperação do físico e sim do psicológico e emocional. Eu sempre tinha sonhos aterrorizantes com o barulho dos equipamentos dos bombeiros ao cortar as ferragens do carro. E foi relembrando mais uma vez esse momento que ouvi um ruído dentro da casa. Levantei assustado, respirei fundo e entrei. As luzes estavam apagadas e não conseguia ver

nada. Foi quando uma grande algazarra gritando meu nome me fez sorrir radiantemente. Era toda minha família, parentes, amigos, os mesmos de cinco anos atrás e ainda mais que de alguma forma descobriram a minha alta do hospital psiquiátrico e prepararam uma grande festa de recepção. Entre abraços e mil beijos percebi o óbvio que não consegui enxergar duramente meu devaneio (para não dizer loucura). A família é aquela que você deve dedicar-se incondicionalmente, pois o verdadeiro amor mora ali. E porque não fazer de todos ao seu redor uma família? Por fim, constatei que a loucura é a maior sanidade da mente humana, devido sua capacidade de te deixar forte.

Maria Rosa

Meus Devaneios

Por Weder Nunes Ferreira Junior - Câmpus Rio Verde

A angústia de ter que conviver com aqueles sentimentos só me sufocava, ainda mais quando eu estava com ele. Ele, um garoto de pouco mais de 23 anos, com cerca de um metro e oitenta bem distribuídos em um corpo semi-atlético, com fios de cabelo castanho ondulados e pele branquinha. Mas o que me deixava mais louco nele eram os olhos, aqueles olhos verdes que mais se pareciam com duas joias e que naquele instante me fitavam durante nossa conversa do fim da tarde na lanchonete da universidade. Na verdade, eu nem estava prestando atenção no assunto, só na forma com que aqueles lábios róseos se articulavam, simplesmente me levavam a uma viagem súbita aonde nossos lábios se encontravam de forma alucinante.

— Daniel?! Você ouviu o que eu disse?

Meus olhos brilhavam e um sorriso abrira no meu rosto, era muito bom estar com ele em todas aquelas tardes na lanchonete, por mais que fosse doído não poder ter mais do que um abraço, já me satisfazia ter a sua companhia.

— Hey, Dani, estou falando com você. – Ele me chamou de Dani? Suspirava fundo quando ele me chamava de Dani, despertei do meu pensamento.

— O que foi? Respondi assustado, já tinha me perdido no meio do assunto.

— Você ouviu o que eu disse?

— Claro que ouvi né Jonas, você estava falando... de... de... Eu não fazia a mínima ideia de que rumo a nossa conversa havia tomado, estávamos falando de fotografias antes e falávamos sobre isso todos os dias, essa era a paixão dele de fotografias

— Uai, você estava falando sobre as fotos que você tirou hoje.

— Não bobo, aonde você estava com a cabeça – Ele ficava tão lindo quando mexia no penteado com os dedos. – Eu estava dizendo que a Samantha nos convidou para a festa da república dela hoje à noite.

— Samantha? Nos convidou ou te convidou? Por que ambos sabemos que aquela garota não arrasta só a asa pra você e sim o corpo todo.

— Qual é Dani vai ficar de ciuminho agora cara? – Ciuminho? Ciúme de quem, fiquei desesperado, não sabia o que falar.

— Oi?! Ciúme da Samantha? Você sabe que eu odeio ela, não teria motivos para ter ciúme então né – gaguejei mais do que se estivesse soluço.

— Quem disse que eu estava falando que o ciúme era da Samantha? Meu sangue começou a ferver, fiquei nervoso.

— Você sabe né? o que todo mundo anda falando

— Todo mundo? Falando o que? Eu só estava tentando manter a calma, mas eu não sabia o que responder.

— Você gosta de mim? – Tá tipo.. não como amigo, além disso...

— Cara você está louco? Todo mundo? Todo mundo quem? Vai se foder cara...

Eu só queria estar longe dali, não queria ter ouvido tudo isso, muito menos ter falado o que eu falei, me retirei da mesa e dei as costas para o Jonas.

— Daniel, volta aqui tô te zoando cara...

Fui direto para a casa e fiquei pensando por que não assumi que o amava, que era verdade mesmo o que todo mundo comentava nos corredores. Eu estou amando o meu melhor amigo. Não sei se foi o certo não ter assumido, tenho medo de a amizade acabar. Tenho que deixar de amá-lo, deixar o caminho livre para a Samantha.

Estava ouvindo minhas músicas, mas o celular havia parado por que alguém estava me ligando. Era ele, não atendi, fui tomar meu banho. Chegando no meu quarto ele estava sentado na minha cama, olhando as fotos do meu mural na parede.

— Hey Dani, o que foi aquilo mais cedo?

— Não quero falar sobre isso Jonas. – mas a verdade era que eu queria sim, queria me libertar desse peso.

— Por que Daniel? Eu só estava brincando com você.

— Estava? – Não adianta negar mais toda brincadeira tem um fundo de verdade.

— Claro que estava Dani, é obvio que você não me ama, somos amigos né? –eu poderia deixar ele pensando assim, mas eu estaria descumprindo a promessa que fiz a mim mesmo.

— Eu disse que não te amava Jonas? Ele riu e percebeu que eu não estava rindo.

— Ah, Daniel, para com isso cara e riu novamente. – por que é que você saiu daquele jeito hoje na lanchonete? E a festa da Samantha? Você vai comigo?

— Eu não vou na festa da Samantha, não quero ficar de vela – quis mudar o rumo da conversa sobre a festa, não sabia qual seria a reação do Jonas se ele soubesse que eu o amava.

— Eu arrumo uma gatinha pra você Daniel. É hoje que a gente perde a nossa virgindade. – sei lá, talvez eu estava vivendo um drama adolescente, fora da adolescência, resolvi ir a festa.

— Tá, então vamos nessa festa.

Eu nem ligava pelo fato de ser virgem, sempre quis esperar a pessoa certa, não é muito comum um cara de 20 anos virgem hoje em dia. O Jonas sim, que era muito preocupado em perder a virgindade, nunca entendi o porquê de ele ser virgem, ele é do tipo de garoto que toda menina arrastaria um rabo de saia.

— Eu vou em casa e daqui mais ou menos 1 hora passo aqui pra te pegar, ok?

— Tá Jonas, mas já vou avisando que eu não tô muito animado para festar hoje não.

— Ah, Dani, estamos na faculdade cara, temos que ir nessa festa, vai tá cheio de gatinhas. – não conseguia pensar nas gatinhas, só na forma em que o amor da minha vida estava animado para perder a virgindade com qualquer garota.

Fomos para a festa, chegando lá cumprimentamos a anfitriã. Samantha, uma garota loira, com peitos fartos e bunda arrebitada, por mais que ela afirmasse que eram naturais, a beleza e o formato apontavam para plásticas, ela estava de vestidinho curto de cor rosa, estava muito bonita, porém chamativa demais.

— Olá garotos, que bom que vocês vieram. – a voz enjoativa dela chegava me dar náuseas.

— Olá Samantha, está muito bonita, obrigado pelo convite Jonas a cumprimentou com um beijo no rosto, fazendo com que as minhas bochechas se roseassem de raiva.

— Oi Daniel, que surpresa quase não te vejo nas festas universitárias do nosso campus.

— Oi Samantha, pois é não dava para perder uma festa sua, obrigado.
— não sei o que era mais fácil naquele momento, eu ou os peitos dela.

— Aproveitem a festa garotos, se precisarem de algo é só me chamar, bye! Te vejo mais tarde Jonas – Em menos de 15 minutos de festa a cobra já deu o bote.

A festa estava boa, muita bebida, pessoas bonitas e interessantes, não tanto quanto a minha companhia. O Jonas estava lindo, de suéter azul marinho, com os cabelos penteados para trás. Bebemos, dançamos, cantamos, fiz muita coisa, nem parecia que não eu estava nenhum pouco animado para vir à festa. Bebi demais, talvez para tentar esquecer o Jonas, mas absolutamente para ter que enfrentar ver ele pegando a Samantha e não a mim.

— Dani, e ai já se interessou por alguém?

— Ainda não...

— Qual é cara, olha o tanto de mulher nessa festa.

— Na verdade, me interessei por uma pessoa...

— Fala quem é, te ajudo.

— Mas é complicado, por que a pessoa já está afim de outra.

— Realmente é muito complicado. O que acha da Sabrina? Ela é bonita, intelectual, faz seu tipo.

— A Sabrina... muito bonita ela né?

— Sim, espera aqui.

— Jonas, aonde você vai?

— Vou trazer a Sabrina para vocês conversarem. Não saia daí!

— Jonas! Não! Eu não queria a Sabrina, ela é bonita, faz meu tipo, porém eu estou interessado no Jonas. Até me passando raiva ele ficava bonito, aqueles lábios róseos que se mordiam de vez em quando, é um encanto.

— Cadê seu namorado? Bichinha... Falou um garoto alto e loiro, de porte atlético que estava em um bando com mais cinco ou seis do mesmo porte.

— Vai te catar, otário! Falei e saí de perto. Tudo que eu menos precisava naquele momento era levar uns socos na cara, apesar que a dor das feridas aliviaria a dor do meu sentimento.

— Ui a menininha tá com raiva! Vamos ali no meu carro pra você

ocupar essa boquinha. – garotos idiotas, me deu vontade de socar a cara deles, mas eu não tinha a menor chance.

— Você gosta de pirulito? – o garoto mais o seu bando começaram a rir, e eu só me afastei deles. Já estava ficando nervoso, o Jonas estava demorando demais, talvez a Samantha já tinha o atacado, eu estava muito bêbado, com vontade de vomitar, foi quando eu vi o Jonas entrando na cozinha, tentei ir o mais rápido que pude e isso só fez aumentar o meu enjoo. Quando cheguei na cozinha, a Samantha estava bêbada também, dando em cima do Jonas.

— Qual é gatinho não está afim?

— Estou, mas é que o Dani está muito ruim e não sei onde ele está.

— Qual é Jonas, o Daniel já é bem grandinho e sabe se virar sozinho. Vem aqui me dá um beijo.

— Eu sei, mas é que ele quase não sai, e está muito bêbado, de verdade.

— Jonas, tô quase acreditando que vocês dois são namorados como toda a universidade anda comentando.

— Claro que não Samantha, só somos amigos.

— Então se vocês só são amigos, me prova... Me dá um beijo!

Aquelas bebidas estavam se revirando no meu estômago, o enjoo foi aumentando com a voz aguda da Samantha, e com a cena que eu estava prestes a presenciar, não dava para segurar o vômito.

— Jonas. – eu disse com uma voz meio que engasgada, estava mantendo a força no abdômen para conter o vômito.

— Dani, aonde você estava cara? Te procurei por todos os lados.

— Eu estava por aí – A Samantha estava me fitando com uma cara de nojo

— Estou atrapalhando?

— Claro que não Dani, eu e a Samantha só estávamos conversando.

— Na verdade você está

Não consegui conter o vômito, quando a Samantha começou a falar, vomitei sobre o vestido dela

— Seu idiota olha o que você fez!

— Samantha mil desculpas! – Jonas tentou se redimir, mas a verdade era que ela estava precisando mesmo.

— Eu quero que o casazinho dê o fora da minha festa agora!

Saí com todo o prazer. No caminho, comecei a rir. Jonas estava muito sério. Pedi desculpas por ter atrapalhado os planos que ele tinha para a festa.

— Jonas, eu não posso ir pra casa nesse estado, meu pai vai me matar. — ele deu uma risada, mesmo sério ele continuava muito lindo.

— Você quer dormir lá em casa essa noite? Meus pais estão viajando mesmo...

— Se não for um incomodo pra você, por mim tudo bem. — eu ia dormir na casa dele, isso nunca tinha acontecido antes.

— Eu preciso de um banho, será que pode me emprestar alguma roupa?

— Claro.

Chegando na casa dele fui tomar banho e ele levou a toalha e a roupa pra mim até a porta do banheiro, a roupa tinha o seu cheiro. O banho tinha curado um pouco da minha tontura, fui até seu quarto e fiquei olhando as fotos do seu mural.

— São lindas Jonas, você nasceu mesmo para fotografar... Reparei no seu quarto que você tem muitas fotos que eu tiro no seu mural.

— Eu gosto delas, por isso elas ficam lá e também... o único problema da pessoa bêbada é não conseguir ficar de boca calada.

— E também?

— As fotos me fazem lembrar de você, e eu gosto de ficar pensando em você.

— Daniel, posso te fazer uma pergunta?

— Na verdade você já fez uma sem pedir né? rimos

— Claro, pergunte o que quiser.

— Você gosta de mim? Tá tipo... não como amigo. — eu estava bêbado, mas não o suficiente para não saber a consequência da minha resposta.

— Gosto Jonas, gosto mais do que um amigo pode gostar de um amigo.

— Ah Dani, eu nem sei o que dizer...

Não diga nada. Coloquei meu dedo sobre a sua boca para conter qualquer tipo de palavra desnecessária, passei a outra mão sobre a sua bochecha, levando-a até os cabelos castanhos dele, ele estava sentado na minha frente, estávamos na sua cama, segurei a sua cabeça de forma delicada e fiz com que nossos lábios se tocassem. Aquele momento foi tipo o encontro do mar com o pôr do sol, senti o meu coração acelerar, o sangue

correr freneticamente nas minhas veias, as nossas mãos se encontrando, foi exatamente como nos meus pensamentos. Nossos beijos cessaram e aos poucos fui recuperando o fôlego.

— Uau!

— Me desculpa, foi atrevimento da minha parte. – enquanto eu estava tentando me desculpar, ele me acariciou e me puxou para mais um longo beijo. Nossos lábios se encontravam, pequenas mordidas eram dadas para aumentar ainda mais a sensação do momento, batimentos cardíacos acelerados, respirações alteradas e o calor do momento era minimizado por um pequeno ventilador sobre o criado mudo. Jonas então começou a desabotoar a minha camisa.

— Estamos indo rápido demais? – perguntou ele, envergonhado por estar prestes a perder a virgindade com o seu melhor amigo.

— Não, na verdade está tudo tão perfeito, só estamos parados de mais.

— Não seja por isso...

E me rolou e veio para cima de mim, tirei a sua camiseta de forma desajeitada, nunca tinha feito isso antes, eu também estava nervoso com o momento, afinal eu também estava perdendo a virgindade com o meu melhor amigo. A forma com que suas mãos caminhavam sobre meu corpo me aliviavam, entre mordidas, beijos e caricias perdemos a nossa virgindade naquele momento, juntos. Mal conseguira dormir. Estávamos deitados, ele já tinha dormido, e eu estava com a cabeça deitada sobre o seu corpo nu, relembando todos os momentos da melhor noite da minha vida. Consegui pegar no sono já era quase de manhã.

Quando acordei, Jonas já não estava mais deitado na cama, eu estava nu coberto com um lençol branco, sobre o criado mudo um recado.

“Cara, acordei mega atrasado para uma sessão de fotos, deixei você dormindo mais. Tem café da manhã na cozinha, fique à vontade, a casa é sua. Estou deixando também um dinheiro para você voltar para a casa de taxi. Qualquer coisa me liga.”

— Olá. – chegando em casa peguei meu celular e liguei pro Jonas.

— Oi – Dani, como é que você foi parar lá em casa?

— Você não lembra? – quis acreditar que era apenas uma piada de mau gosto dele.

Na verdade, a última coisa que me lembro da noite passada, foi que eu estava te levando pra casa porque você havia vomitado na Samantha. Meus olhos se embaçaram e de onde na noite anterior havia brilhos de estrelas, agora davam lugar a lágrimas quentes que queimavam o caminho pelo qual percorriam meu rosto.

Walter Copa



Noite de inverno

Por Mateus de Lelis M Silva – Câmpus Urutaí

Acordei há dias e me vi em um mundo praticamente, inusitadamente e, na maioria do tempo, cômico. Creio que você não acreditará no relato que eu, como vigente escritor, irei lhe contar. Há várias formas de futuro para diversos pensadores hesitarem, na forma como dizem as palavras futurísticas, acredito que eles devem pensar no futuro como um ser metafísico, pois não se pode falar de futuro sem antes mencionar o sobrenatural. Não faço a menor ideia em qual época tu, caro leitor, vives, garanto que podemos viver em universos distintos, mas o assunto a ser proposto é de suma atualidade.

Acordei numa manhã clara de inverno seco, pois se existe umidade no cerrado me mostre, garanto que até hoje não me concedi o direito de usufruir dela. Amanheci e senti a falta de algo pertencente a mim, olhei para o lado direito da cama e, estava vazio. No momento não me veio à mente o algo que me fora tirado, nem me fora clara a lembrança do que havia perdido. Levantei-me e fui à cozinha, chegando lá não senti o cheiro do café quente, muito menos o perfume que meu cérebro acabara de se lembrar. O aborrecimento logo preencheu meu ser, não havia motivo para tal ato, mas como uma medida humanística, logo comecei a reclamar e a bater forte nos móveis pertencentes à cozinha.

Não me dei ao luxo de ficar naquele ritual de bateções e logo terminei o café que, até então eu havia feito. Dirigi-me ao banheiro e dei falta de uma segunda escova de dentes, uma segunda toalha. Meu pensamento foi todo desviado para uma parte do meu cérebro que se sentia vazia. Pela quarta ou quinta vez só naquele intervalo entre acordar e ir ao banheiro, já havia me questionado o que tanto faltava. E pela quarta ou quinta vez, não pude responder. O fato de ficar naquele jogo de perguntas e respostas não respondidas cansou-me e rapidamente e fui para debaixo da ducha.

Acabou-se o banho, vesti a roupa habitual e fui para o labor que tanto adorava exercer. Chegando na escola há muito adiantado, percebi que ainda teria alguns minutos (coisa de quinze minutos) para aproveitar

antes de a aula começar. Fui à sala de professores e vi somente o professor Ronaldo, de Letras, o Carlos Eduardo, de Educação Física, o Jair, de Física e o Mauro que ministrava as aulas de Filosofia. Não vi a Luciane, de Matemática, a Júlia, de História, nem a Loretta, de Inglês, achei muito estranho nenhuma presença feminina.

Cheguei na sala de aula e vi somente alunos homens, perguntei se alguém havia visto algum indivíduo do sexo feminino. De súbito, o Marcos, aluno medíocre que vivia a badernar em todas minhas aulas, respondeu de forma clara, e pela primeira vez, inteligentemente:

— Que sexo feminino Professor?

— Ora, como assim “que sexo feminino”? Mulheres, eu estou falando, onde estão suas colegas de classe?

— O que são mulheres? – perguntou Marcos de uma maneira que me pareceu curiosamente verdadeira.

— Bom, mulheres são... o sexo antagônico ao nosso. São o sexo mais forte, frias, calculistas, com certeza usam de artimanhas maquiavélicas aprendidas desde muito cedo ou passadas pela genética feminina.

— Então essas tais mulheres são melhores que nós, os Homens?

— Não estou fazendo apologia a qual sexo é o melhor Marcos, o fato é que não vejo nenhuma mulher, e minha reação foi perguntar a vocês. O que me deixou mais decepcionado.

Ministrei minha aula, o sinal de troca dos alunos soou e, em meio àquela balbúrdia de testosterona, um lindo lírio egípcio aparece em frente à porta da minha sala. Logo me aproximei para ver se aquela pobre menina poderia me oferecer alguma informação. Tudo isso se deu em vão, não sei se fiz algum movimento que ofereceu perigo a ela, pois pisquei os olhos e não a vi mais.

Saí correndo pelo corredor até chegar no pátio principal, olhei para todos os cantos, todos os lados, qualquer fresta ou brecha em que pudesse ultrapassar um milímetro de luz, mas nada, nem sinal daquela garotinha. Só havia meninos, os inspetores e só. Nada mais a dizer, terminei aquele dia extremamente chateado.

Voltando para casa, passando pela Assis Chateaubriand, vi, sentada em um banco, a figura de uma moça de pele clara, cabelo crespo bem anelado, formas bem-feitas, curvas bem produzidas, vestida toda em

seda preta. Vi nela outra chance de poder me informar sobre a falta de mulheres. Chegando perto, como em um filme de terror, ela se transformou em poeira. Meu corpo travou, entrei em estado de choque, queria correr mas não conseguia mover um só músculo. Depois de um minuto naquela posição, ainda perplexo, corri para dentro do carro e acelerei rumo ao meu apartamento. Dentro do carro sobre a Castelo Branco, não vi, só ouvi, a batida pegou em meu lado e o mundo escureceu.

Neste momento acordo todo assustado, meu corpo todo suado apesar da noite fria de inverno, olho para o lado e não vejo ninguém, vou à cozinha beber um pouco de água.

— Oi, querida! Nem te vi chegar.

Só lembro de sentir algo gelado em meu corpo.

Antônio de Assis

Toda família tem seu grã-fino

Por Heloisa Maria Prado – Câmpus Morrinhos

Aquele foi mais um dos dias terríveis em que Laura chegou em casa e respirou aliviada porque não tinha ninguém, pois essa era a única forma de descansar. Passando pela cozinha, percebeu o bilhete na geladeira, que dizia:

— Filha, fui à feira, deixei o Júnior na casa da sua avó, o Bernardinho saiu com seu pai, o Jubileu tá na casa da tia Tuta e a Clotilde chega depois de amanhã. Vê se toma banho e lava esse cabelo antes de chegar, o resto do frango tá na geladeira.

Começara mais um final de semana daqueles para a família Laurentina, que receberia todos os seus familiares logo na sexta à noite, em que a filha mais velha do casal Lindolfo e Florinda chegaria de seu intercâmbio do Canadá. Mil e uma coisas pra arrumar, fazer compras, preparar os irmãos mais novos e ainda buscar a irmã chata no aeroporto; boa parte disso seria obrigação de Laura, a filha do meio, que fazia o ensino médio e estava em ano de vestibular. Será que ela seguiria o mesmo caminho da irmã que cresceu na vida e voltaria ali no barraco da família, porque mesmo que agora seja grã-fina e considerada chata pela maioria, ainda amava aquele povo?

Laura fez o que a mãe pediu no bilhete e foi para o quarto ler um livro. Quando ninguém estava em casa, ela ficava à vontade e exclamava:

— Ah, como é bom ter um momento de paz sem aqueles pirralhos para me atrapalhar!

Passados dez minutos, a mãe de Laura e os pestinhas chegaram. Acabara o sossego. Pobre Laura, estudava o dia todo e a noite ficava de babá com os irmãos para a mãe passar a roupa e assistir à novela. Logo se ouviu os gritos:

— Mana Lalá, dá um beijo no meu joelho ralado? – dizia Júnior, o mais novo, que havia caído de bicicleta novamente.

— Dá sossego pra sua irmã, moleque! E vem aqui que eu vou passar um mertiolate nesse machucado.

— Nããão! Buááá. Eu quero a Laura! Socorro!

— Júnior, já aqui! E fica caladinho, senão, o que os vizinhos vão pensar?

De repente ouve-se uma voz lá de fora:

— Ô de casa! Comadre? – Vim trazer o Juju.

— Tia, já disse que eu tenho 7 anos e não sou seu “Juju” – disse Jubileu, enfatizando o apelido.

— Jubinho, meu amor, você é meu bebê...

Tia Tuta vinha todos os dias à casa da irmã e dos sobrinhos, era o tipo de tia solteirona e sem filhos que amava os sobrinhos mais do que chocolate. Ela possuía o péssimo hábito de comer quando ficava nervosa, especialmente quando era afetada psicologicamente em sua estima. Ela vivia se candidatando a modelo 40+, que era um concurso anual de uma zona pobre do Rio de Janeiro, onde moravam. Mulheres de toda a região vinham participar do tal concurso e em todos os anos as mulheres de corpo definido e bem-vestidas ganhavam, o que fazia tia Tuta se irritar e entrar numa depressão de uma semana, comendo só coisa gordurosa e prometendo pra si mesma que nunca mais iria participar do concurso. Durante esse período, Florinda sua irmã, levava as crianças para passar as tardes com ela, algo que resolvia um pouco, porque tia Tuta era amável e não resistia a qualquer pedido que as crianças faziam. A coisa que mais gostavam era de passear na praça, porque lá o wi-fi era grátis.

Vários desses passeios acabavam na padaria da esquina, onde tinha uma rosquinha maravilhosa que a tia e as crianças não resistiam, além do padeiro sempre dar algo a mais para a turminha, afim de conquistá-los. Ele parecia muito interessado em tia Tuta.

— Boa tarde senhorita! – dizia o padeiro, com brilho nos olhos, ao vê-los chegando.

— Boa tarde, senhor Raimundo! Tia Tuta respondia no maior entusiasmo e com as bochechas vermelhas. As crianças observavam enquanto cochichavam entre si.

Todos comeram e se satisfizeram, então, voltaram para casa. Chegando na esquina, ouviram um som muito alto que vinha da casa de Florinda.

— Desejo a todas inimigas vida longa... cantava Laura enquanto arrumava a casa. No mesmo instante sua mãe chegou.

— Mas o que é que significa isso? Tu não tem pose de moça?

— Passa esse controle pra cá e eu vou colocar minhas músicas. – dizia dona Florinda toda convencida.

— Vamos ouvir coisa fina agora, filha, não quero saber de bagulho de beijinho no ombro na minha casa não! Florinda aumentou o volume do som, acompanhando a música:

— Pre-pa-ra, que agora é hora do show das poderosas... Assim seguia o dia naquele barraco.

Chegada a sexta-feira, tudo deveria estar nos conformes, perfeito para o retorno de Clotilde. Ela havia passado seis meses fora do país em um intercâmbio que fizera pela faculdade de Administração, que suou muito para cursar. Na época, com os pais sem condições, ela foi morar numa cidade vizinha, onde trabalhou duro para pagar a faculdade, e hoje, formada, Clotilde é outra pessoa, conseguiu um emprego melhor, ajuda os pais no que que é possível e tem uma vida estável e de conforto, embora os pais não a viam a um bom tempo e se comunicavam pouco. Desde que ela se tornou independente, não queria mais saber de “vilenos” e “favelados”. Pouco sabiam sobre sua vida, Clotilde se tornara um tanto esnobe.

Os meninos engomadinhos, a casa limpa e toda arrumada, tudo parecia estar pronto quando o Sr. Lindolfo chegou do trabalho e foi logo se arrumar para buscar a filha no aeroporto. O restante da família ficaria em casa esperando a volta deles, porque moravam num barraco de uma comunidade muito distante do centro. Todos estavam ansiosíssimos. A cada minuto, o tempo parecia só aumentar e nada de pai e filha chegarem. Todos comentavam entre si:

— Será que Clotilde mudou? Será que se tornou chata o suficiente para ter desistido de subir novamente naquele morro depois de tanto tempo? Estavam demorando muito!

Enquanto isso no outro lado da cidade...

Chegava avião, desembarcavam passageiros e nada de Clotilde chegar. Seu pai ficava cada vez mais aflito com a demora. Resolveu consultar o guichê para saber a que horas o avião esperado chegaria, então, a moça com toda a educação respondeu que houve um incidente de percurso. Uma mulher grávida estava em estado de risco e entrara em trabalho de parto, então, tiveram que pousar rapidamente.

Sr. Lindolfo voltou para casa triste e cabisbaixo. Quando chegou, deu a notícia a família e todos lamentaram.

— Laura, liga pra sua irmã. Rápido menina! Mandava dona Florinda

— Mas mãe, já cansei de ligar e não atende.

— Bota as crianças pra dormir que eu não tô com cabeça – dizia Florinda.

— Tá bom mãe...

Rapidamente os meninos seguiram para o quarto, tristes como se tivessem perdido a partida de futebol.

— Amanhã a mana vem, gente, não fiquem assim. Agora vamos dormir.

No dia seguinte, a família acordou toda animada. Logo de manhã o som já estava alto no pagode que a Dona Florinda gostava de ouvir. As crianças acordaram cedo e tia Tuta fora tomar café da manhã com eles... ah, como ela comia! Depois do café, cada um foi fazer suas rotineiras atividades, e assim continuou o dia até chegar o tão esperado momento em que Sr. Lindolfo iria buscar Clotilde no aeroporto. De repente, receberam um telefonema de Clotilde, dizendo que não precisavam buscá-la no aeroporto.

— Mas como é? Você vai vir de quê, filha? É estrela agora? Então tá com vergonha da sua família?

— Não mãe, só prefiro dar meu jeito e ir, tenho muita coisa pra levar, respondia Clotilde.

— Faça como quiser, concordou a mãe.

Meia hora depois, ouve-se batidas na porta.

— Clotilde, minha filha

— Pai, quanta saudade

— Mana, Clô, você veio, cadê meu presente?

— Júnior, você está muito grande!

— Minha filha, achei que não chegaria mais, tá muito magra, hein?

Todos correram para abraçá-la de uma só vez. Estavam com muita saudade e aquele era o melhor momento para colocar as coisas em ordem.

Enfim, Clotilde conseguiu falar...

— Família, pai, mãe, crianças, tia – começou a falar enquanto sorria e chorava, um misto de emoções que inundava seu ser

— Hoje eu estou de volta à casa de vocês, para visitá-los e quero dizer que muita coisa mudou nesse um ano e meio que ficamos sem nos ver. Eu me tornei gerente de uma grande empresa, acabei de voltar de um intercâmbio no Canadá e tem alguns detalhes que vocês não sabem.

Houve por um momento um grande silêncio na sala.

— Pai, mãe, eu me casei há um ano e meio.

Todos ficaram pasmos. Como poderia tal coisa? Casar e não avisar ninguém da família?

— Tu só pode estar brincando! Pega a espingarda, Lindolfo. Cadê meu “genro”? – dizia Florinda, em tom irônico, imaginando que aquilo não fosse verdade.

— Calma mãe, eu posso explicar!

— Desembucha logo, antes que eu dê um ataque.

— Me casei há um ano e não contei para vocês, porque fiquei com vergonha de admitir que minha família era de uma zona pobre do Rio. Meu marido é americano e nos conhecemos na empresa onde trabalho.

— Eu sempre soube que você tinha vergonha de nós, Clotilde Maria! Se você tem vergonha, saia por essa porta e viva sua vida de princesa. – dizia Florinda.

— Mãe, eu me arrependi e voltei para me reconciliar com vocês, e trouxe meu marido e filhos.

— Filhos? Você teve filhos, Clotilde? E nem me deixou dar o primeiro banho, a primeira mamadeira? Sua mãe às vezes era bipolar, ao mesmo tempo que estava nervosa, se demonstrava emotiva.

Clotilde pegou seu Iphone e fez uma ligação.

— Pronto, já pode vir com as crianças.

A sala continuava em silêncio.

Ouviram batidas na porta e Clotilde a abriu. Seu marido Anthony entrou com um carrinho de bebê duplo.

— Hi, Family! – dizia Anthony, sem jeito.

— Mãe, pai, pirralhos, essa é a minha nova família.

— Meu Deus! Exclamava a mãe – que não estava mais furiosa – Você tem gêmeos? Venham com a vovó, coisinhas brancas. Florinda deixou a raiva de lado e ofereceu o que havia de melhor: carinho e ternura.

Os bebês tinham cinco meses e eram loiros dos olhos azuis. Boa parte dos traços era da mãe, entretanto, tinham o tom de pele do pai. Quem os olhassem, seria conquistado por aquelas carinhas manhosas e sorridentes. O pai, Anthony, estava no Brasil há 5 anos e conhecera Clotilde no trabalho, ainda falava português com um pouco de dificuldade.

A família inteira se abraçou, choraram e se perdoaram. As crianças ficaram encantadas com os sobrinhos. A gritaria de alegria foi tanta que os vizinhos vieram ver o que estava acontecendo e também participaram daquele momento inédito da família Laurentina.

Florinda, com seu jeito extrovertido e alegre, disse:

— Pessoal, hoje temos churrasco na laje, porque minha filha voltou, está casada e tenho dois netos, Frederick e Jack e eu tô muito feliz!

A comemoração naquela noite foi uma explosão de felicidade e alegria para a família Laurentina, que entre os trancos e barrancos ia levando a vida do seu próprio jeito, naquele barraco que fica em um morro alto e de bela paisagem, com aquela gente simples e barraqueira quando preciso e com aquele povo que ainda preserva a paz entre si, unido e de bom coração. Seguiram assim, felizes da vida.

Mary

